

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

PRISCILA DISIUTA

**RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO I: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA
A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES NA SALA DE AULA**

FLORIANÓPOLIS

2017

PRISCILA DISIUTA

**RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO I: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA
A FORMAÇÃO DE LEITORES E ESCRITORES NA SALA DE AULA**

Relatório Final apresentado como requisito para a aprovação
na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e
Literatura I (MEN 7001), em 2017/2.

Orientadora: Prof^ª. Maria Luiza Rosa Barbosa

FLORIANÓPOLIS

2017

RESUMO

O relatório final do estágio de docência realizado na disciplina MEN 7001 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, ofertado pelo Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (CCE-UFSC), tem como objetivo apresentar, de forma detalhada, toda a trajetória da aluna durante o estágio, desde a observação, a preparação dos projetos de aula, a prática de docência e as reflexões acerca das práticas. O relatório também focaliza os registros acerca do ambiente escolar, da turma em que aconteceram as aulas, as dificuldades apresentadas durante as aulas ministradas, com reflexões do que poderia ter sido feito de forma diferente pela estagiária.

Palavras-chave: Estágio Obrigatório I. Letras Língua Portuguesa e Literatura. Relatório Final.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 DOCÊNCIA: AS VIVÊNCIAS NA ESFERA ESCOLAR	7
2.1 A INSERÇÃO NA ESFERA ESCOLAR: ANÁLISE CONTEXTUALIZADA DO IEE	7
2.1.1 O histórico e as peculiaridades do IEE	7
2.1.2 A singularidade dos alunos da turma 131	8
2.1.3 A singularidade da professora-regente	9
2.2 A PRÁTICA DOCENTE EM FOCO: O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO	10
2.3 O PLANEJAMENTO DO PROJETO DE DE DOCÊNCIA E DOS PLANOS DE AULA	11
2.3.1 Problematização	12
2.3.2 Justificativa	12
2.3.3 Escolha do tema	13
2.3.4 Referencial teórico	14
2.3.5 Objetivos	16
2.3.5.1 <i>Objetivo Geral</i>	17
2.3.5.2 <i>Objetivos Específicos</i>	17
2.3.6 Conhecimentos de Língua Portuguesa e Literatura	17
2.3.7 Metodologia	18
2.3.8 Recursos	18
2.3.8.1 <i>Recursos Materiais</i>	18
2.3.9 Avaliação	18
2.3.10 Cronograma	19
2.3.11 Os planos de aula	20
2.3.11.1 <i>Trovadorismo</i>	20
2.3.11.2 <i>Humanismo</i>	23
2.3.11.3 <i>Artigo de opinião</i>	25

<i>2.3.11.4 Classicismo e intertextualidade</i>	27
3 A ATUAÇÃO DOCENTE: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA COMO REGENTE EM SALA DE AULA	30
3.1 Descrição das aulas ministradas	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5 REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	39
7 ANEXOS	124

1 INTRODUÇÃO

O relatório final de estágio do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina realizada na disciplina MEN 7001 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I é importante, pois possibilita ao graduando a ter uma vivência com os conhecimentos adquiridos durante a formação, fazendo uma relação entre teoria e prática. O estágio foi realizado pela aluna Priscila Disiuta, orientada pela Prof^ª. Maria Luiza Rosa Barbosa e supervisionado pela Prof^ª. Lisandra, professora regente da turma em que foram desenvolvidas as atividades do estágio. A escola em que se realizou as atividades foi o Instituto Estadual de Educação, com uma turma de 1º ano do Ensino Médio, no período noturno.

As atividades desenvolvidas no decorrer do estágio, período de observação de aulas e prática de docência, foram desenvolvidos e realizados conforme estipulado no plano de ensino da disciplina e em reunião com a professora orientadora e todos os alunos matriculados na disciplina. O estágio foi dividido em duas partes, a primeira relacionada ao período de observação da professora regente da turma e desenvolvimento do projeto de docência e a segunda parte relacionada à prática docente. Não houve projeto extraclasse, tendo em vista que não foi possível conciliar atividades fora do horário de aula dos alunos, ficando acordado entre todos os estagiários da disciplina, da professora orientadora e da professora regente de utilizar essas horas (4 horas/aula) em sala de aula.

No primeiro momento, fizemos uma visita à escola para conhecermos o espaço onde seria feito o estágio, bem como discutir algumas normas que deveriam ser seguidas pelos estagiários da turma. Fizemos um passeio pela escola, conhecendo a sala dos professores, o laboratório de português, a localização das salas de aula entre outros. Também fomos apresentados a algumas pessoas, como o professor responsável pelo laboratório de Língua Portuguesa.

A primeira parte do estágio está relacionado às observações em sala de aula, bem como, a preparação do projeto de docência. Depois do projeto de docência pronto e aprovado pela professora da disciplina e a professora regente de classe, começou a segunda parte

relacionada à prática efetiva. Esse período foi para ministrar as aulas e para algumas alterações que precisaram ser feitas no projeto ao longo das aulas.

Concluindo, a finalidade deste relatório é de registrar as experiências e resultados obtidos durante o estágio, bem como apresentar um breve relato das aulas observadas da professora regente da turma na seção 2.2, o projeto de docência elaborado para o desenvolvimento das práticas em sala de aula com o cronograma e os conteúdos desenvolvidos com a turma na seção 2.3, um relato crítico das aulas ministradas pela estagiária com estratégias didáticas desenvolvidas na seção 3 e um balanço final do estágio com reflexões referente à prática em sala de aula na seção 4. Ao final, são acrescentados alguns anexos relevantes ao relatório.

2 DOCÊNCIA: AS VIVÊNCIAS NA ESFERA ESCOLAR

Este relatório refere-se às experiências vivenciadas no estágio obrigatório na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do Curso de Letras Português e Literaturas, da Universidade Federal de Santa Catarina. Aqui, procura-se expressar reflexões sobre o ambiente escolar do Instituto Estadual de Educação e o comportamento e características da turma 131, que foi a turma em que se realizou o estágio.

2.1 A INSERÇÃO NA ESFERA ESCOLAR: ANÁLISE CONTEXTUALIZADA DO IEE

No primeiro momento, houve uma reunião com a coordenadora de ensino do IEE, em que ela apresentou a escola e elencou algumas observações aos estagiários em relação a atuação e ao comportamento necessário dentro da escola, como:

- adequação do vestuário;
- não fazer o uso do celular na sala de aula;
- não mascar chiclete nas dependências da escola;
- não interromper o professor durante a observação;
- não conversar com a(o) colega de estágio durante a observação;

- antes do início das aulas, aguardar nos bancos em frente à sala da coordenação;
- am caso de dúvidas, o coordenador Roberto (do período noturno) está à disposição das(o) estagiárias(o).

Após as apresentações, visita, carteirinha de identificação obrigatória pronta e documentos do SIARE organizados, cada estagiário ou dupla se preparou para iniciar efetivamente na escola com a primeira parte destinada à observação de aulas e apresentação à turma.

A inserção no Instituto Estadual de Educação ocorreu de forma tranquila e satisfatória. Tanto a professora de português quanto a turma escolhida para realizar o estágio foram bastante acolhedores. Os alunos estagiários puderam ocupar a sala dos professores e utilizar os recursos da escola durante a observação e prática do estágio. A instituição junto com os profissionais que fazem parte dela sempre foram bastante solícitos durante o período do estágio fazendo com que a experiência fosse bastante harmoniosa entre ambas as partes.

2.1.1 O histórico e as peculiaridades do IEE

Fundada em 1892 com o nome de Escola Normal Catarinense pelo Governador do Estado, Tenente Manoel Joaquim Machado, a escola passou por mudanças de nomes e reformulações ao longo dos anos, até que em 1964 o Instituto Estadual de Educação (IEE), como é conhecido atualmente, trocou seu nome pela última vez e se instalou na Av. Mauro Ramos. O IEE oferece as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental I - do 1º ao 5º ano; Ensino Fundamental II - do 6º ao 9º ano; Ensino Médio Regular; Ensino Médio Inovador; Magistério; e, Cultura e Esporte. Situada no bairro Centro de Florianópolis, a escola estadual é pública e os alunos vêm de vários bairros da ilha e da região continental. O Instituto funciona nos 3 turnos: matutino, vespertino e noturno.

Sobre os espaço físico, o prédio é grande e bem conservado. A escola é distribuída em salas de aula, banheiros femininos e masculinos, auditório, laboratórios (de informática, português e línguas), sala dos professores, biblioteca, setor administrativo (secretaria, coordenadoria, direção, entre outros). A escola possui rampas para o acesso de cadeirantes. O espaço aberto é dividido em: pátio dos alunos com bancos para o intervalo, quadras e a horta

da escola. Sobre alguns espaços específicos da escola, a sala dos professores é bem grande, tem sofás, mesas, computadores e armários. Lá, os professores podem descansar ou preparar aulas tranquilamente. Nos horários do intervalo, é servido café. O laboratório de Língua Portuguesa tem dois andares, o local é bem amplo com mesas, livros e dicionários. O laboratório funciona de segunda à sexta nos períodos da manhã e da tarde, e duas vezes por semana à noite. No laboratório de informática é possível o professor trabalhar com a turma de forma tranquila, há computadores suficiente para os alunos trabalharem em dupla, eles têm acesso com o número da matrícula e a data de nascimento. A sala também tem um quadro branco pequeno para o uso do professor.

A sala de aula da turma 131, onde ocorreram as observações e as aulas do estágio, é uma sala grande com as janelas voltadas para a Av. Mauro Ramos. O quadro branco ocupa quase toda a parede frontal da sala, há janelas ocupando todo um lado lateral da sala de aula, há um aparelho projetor para o uso do professor e dois ventiladores situados um na parte da frente acima do quadro e o outro na parte de trás. Pela localização da sala, próxima à avenida, às vezes, o professor é obrigado a falar mais alto para os alunos ouvirem, devido ao barulho de automóveis do lado de fora. Os ventiladores também fazem um barulho alto, então, nos dias de calor, o professor precisa escolher entre o barulho da rua com as janelas abertas ou dos ventiladores.

2.1.2 A singularidade dos alunos da turma 131

Sobre a turma 131, onde foi realizado o estágio, na lista de chamada tinha o total de 35 alunos matriculados, mas somente 26 ainda iam às aulas. Deste total, 18 são alunos e 08 são alunas. No início da regência foi aplicado um questionário com os alunos, 21 alunos responderam ao questionário e com isso foi possível estabelecer um perfil da turma. A faixa etária da turma está dividida em sua maioria entre 16 à 18 anos - 13 alunos; 6 alunos com menos de 16 anos; 1 aluno com idade entre 21 a 25 anos e uma aluna não respondeu. O questionário que foi aplicado na turma está no apêndice 15 (frente) e apêndice 16 (verso).

Como as aulas são no período noturno, os alunos podem trabalhar durante o dia. No questionário 12 alunos responderam que trabalhavam, entre estágios e trabalhos fixos, 07 responderam que não trabalhavam e 01 aluno não respondeu a pergunta. Ainda sobre o

trabalho, 03 alunos colocaram que eram jogadores de futebol. Os alunos que são jogadores de futebol, costumavam faltar nos dias de jogos.

No questionário também teve questões relacionadas à disciplina de Português. Uma das questões era se os alunos gostavam da disciplina: 11 responderam que sim, 01 aluno disse que não gostava, 08 alunos disseram que gostavam “mais ou menos”, mas essa resposta estava ligada ao fato deles gostarem ou não da professora da disciplina, e 01 aluno não respondeu. Sobre os hábitos de leitura, 05 alunos responderam que não têm o costume de ler, 04 alunos responderam que lêem algumas vezes por semana, 10 alunos lêem de vez em quando e 02 não responderam a questão.

A turma, na maioria das vezes, era tranquila e participativa. O maior problema da turma era as faltas, tinha dias que mais que da metade da turma não ia às aulas. Os alunos que jogavam futebol também faltavam bastante. Alguns alunos da turma merecem destaque, pois além de não faltarem, eles eram bastantes participativos nas aulas. Também é importante ressaltar que 01 aluno sofria de esquizofrenia, ele não chegou a responder o questionário.

2.1.3 A singularidade da professora-regente

Durante o período de docência, os alunos-estagiários se reuniram com a professora da disciplina de estágio e formularam um questionário / entrevista para conhecer melhor a professora regente da turma, o entrevista completa - perguntas e respostas transcritas - está no apêndice 17. A professora regente da turma 131 é formada em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa pela Unirrinter/RS; Especialização na área de gestão e administração escolar - Uniasselvi; Especialização na área de Linguística e Literatura – Unisul. Ela é efetiva no IEE há 18 anos e trabalha 40 horas semanais divididas em: 36hs em sala de aula e 4 hs para planejamento. Atualmente, ela está dando aula para as turmas de 1º e 2º anos do ensino médio.

Apesar do estado disponibilizar o livro didático, a professora optou por utilizar material próprio, guardando os livros na própria escola, quando ela decide utilizá-lo para algum exercício específico, ela leva-os para a sala. Sempre que pode, a professora faz cursos de especialização, mas para poder ser liberada pela escola, estes precisam ser ofertados pelo governo. A oferta de cursos de especialização varia de acordo com o cenário político do país.

A professora regente foi bastante solícita e disponível para ajudar na hora do estágio. Conforme sua própria visão da importância do professor regente de turma na formação dos estagiários, o diálogo sempre foi aberto com troca de ideias e conselhos durante o período da regência.

2.2 A PRÁTICA DOCENTE EM FOCO: O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO

Nesta parte do relatório será apresentada de sintetizada o período de observação do Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina realizada na disciplina MEN 7001 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, realizado no IEE no período de 16 de agosto a 19 de setembro de 2017 na turma 131. O período de observação de aulas teve o total de 10 encontros totalizando entre eles 15 horas / aula, sendo que 3 horas / aula foram de observação do conselho de classe. Nesse período foi possível observar o trabalho da professora regente, bem como a relação professor / aluno com a turma. As aulas da turma eram nas terças - 01 aula - das 18h30 às 19h10 e às quartas - 02 aulas - das 20h40 às 22hs. Durante esse tempo de observação, foi possível observar a dinâmica da turma durante as aulas e como a professora regente conduzia a disciplina, o tipo de material que ela utilizava e o relação da turma com a professora e vice-versa.

As aulas, em geral, eram com a professora explicando a matéria junto ao quadro com os alunos mais interessados sentados nas carteiras da frente e participando. A parte teórica a professora colocava no quadro para os alunos copiarem e depois entregava os exercícios xerocados. A correção, na maioria das vezes, era feita oralmente e quando a professora percebia que os alunos estavam resistentes de responder, ela chamava eles pelos nomes.

Na aula sobre acentuação, por exemplo, a professora passou toda a parte teórica no quadro e depois explicou a importância de saber a sílaba tônica. Nessa aula, alguns alunos estavam bem participativos e tiravam dúvidas sobre algumas palavras. Um aluno perguntou sobre a crase, a professora explicou que esse conteúdo não era para agora, mas explicou a diferença da crase para os outros acentos brevemente, depois da explicação, uma aluna falou que a crase não era mais usada. A professora olhou para ela de forma interrogativa e ela explicou: “Pelo menos na internet não”. Os colegas deram risadas e a aula continuou.

Em uma aula mais dinâmica, a professora regente fez um joguinho para revisar a matéria de acentuação para a prova que seria no outro dia. A turma foi dividida em duas equipes - A e B - o jogo escolhido foi o jogo da velha. Cada grupo teria que escolher um número e responder a questão referente ao mesmo. Se errasse o outro grupo poderia responder a mesma questão ou escolher outro número. Exemplos das questões: número 5: como se escreve a palavra “assembleia”; número 6: a palavra “voo” leva acento?. Conforme os alunos iam errando ou acertando, a professora explicava as regras. No final nenhum grupo ganhou, o jogo trancou.

Neste período de observação, foi possível perceber que os alunos faltam bastante, principalmente nas aulas de terças que é a primeira aula do dia. Também deu para notar que alguns alunos preferem ficar ao telefone, mesmo sendo proibido, e conversar do que participar das aulas, fazendo com que a professora regente tenha que chamar a atenção deles. Nos anexos 1 e 2, temos um exemplo de exercícios sobre acentuação gráfica que a professora trabalhou com os alunos em sala. O anexo 3 é a prova sobre fonologia e acentuação gráfica que os alunos fizeram. O anexo 4 são atividades de ortografia com exercícios com [x] e [ch].

Sobre o conselho de classe, os professores falaram, primeiramente, de uma forma geral da turma, reclamando do excesso de falta dos mesmos e das conversas paralelas. Segundo a opinião dos professores, a turma 131 teve: 1) Nível de aprendizagem - regular; 2) Participação nas aulas, trabalhos e exercícios - boa; 3) Comportamento versus disciplina - regular; 4) Responsabilidade e interesse com os estudos - regular (observação: os alunos não entregam os exercícios de casa, precisa ser feito em sala de aula); 5) Recuperação paralela - regular. (Os alunos faltam sem justificativa). Depois, eles conversaram sobre cada aluno da turma entre eles, se destacaram os alunos: AFSF - ele foi diagnosticado com esquizofrenia e precisa tomar medicação para a sua condição; GSN - melhor aluno da sala, ótimo em apresentação de trabalhos; JAM - aluna difícil, respondona.

2.3 O PLANEJAMENTO DO PROJETO DE DE DOCÊNCIA E DOS PLANOS DE AULA

Este projeto tem como objetivo propor uma sequência de aulas que abordem conteúdos de Língua e Literatura Portuguesa, tais como *Trovadorismo*, *Humanismo* e *Classicismo*, trabalhando ao mesmo tempo com a intertextualidade encontrada nos textos

literários que serão trabalhados durante as aulas. Também será abordado ao longo das aulas o *artigo de opinião*, momento em que os alunos trabalharão com pesquisa, escrita e discutirão sobre plágio. A ideia principal é trabalhar a escrita dos alunos tanto nas aulas de literatura, com atividades de escrita relacionadas aos períodos estudados, quanto nas aulas sobre artigo de opinião. Os conteúdos estão divididos no total de 24 horas/aula que serão detalhadas nos planos de aulas. Os planos de aula serão divididos a partir dos conteúdos *Trovadorismo*, *Humanismo*, *Classicismo* e *artigo de opinião*.

2.3.1 Problemática

Tendo em vista a dificuldade ou a própria falta de interesse da maioria dos alunos pela leitura literária, é importante estimular o gosto da leitura durante as aulas de Língua Portuguesa dando acesso aos alunos a diferentes tipos de leituras. Levando-se em conta que grande parte dos alunos não têm o hábito de ler poesias ou textos literários por falta de tempo ou costume ou acesso ao material é importante inseri-los na prática durante o período das aulas incentivando-os ao hábito e ao gosto pela leitura. Não esquecendo a parte da escrita, trabalhar com os alunos tanto com a escrita literária como com o artigo de opinião, pensando como forma de ampliar suas habilidades e conhecimentos da língua e suas estruturas, e explicar a importância do plágio na hora da escrita ao mesmo tempo que incentiva a pesquisa.

2.3.2 Justificativa

A escolha de trabalhar com as escolas literárias portuguesas e o artigo de opinião ocorreu por fazerem parte do conteúdo escolar a ser abordado na disciplina de Língua Portuguesa e é importante inserir os alunos nessas literaturas juntamente com a apresentação de uma leitura mais atual. Os conteúdos principais deste projeto de docência busca atender os objetivos do PPP da escola bem como os PCNs. Buscou-se planejar as aulas para trabalhar de forma dinâmica com: apresentação, leitura, produção textual e discussão. Trabalhar com textos antigos junto a textos atuais com as mesmas características também ajudará a formar futuros leitores formadores de opinião. Bem como, ensinar aos alunos a importância de pesquisar sobre um assunto antes de expressar uma opinião, irá ajudá-los a dar uma maior

confiança ao falar sobre determinado assunto, já que estarão familiarizados com o mesmo. Segundo os PCNs (1997, p. 18),

O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem.

Sobre trabalhar os textos literários e o artigo de opinião, os PCNs (1997, p. 21) abrem uma amplitude de formas que podemos utilizar em sala de aula com os alunos. Eles dizem:

Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno nos dizem sobre a natureza social da língua. Por exemplo, o texto literário se desdobra em inúmeras formas; o texto jornalístico e a propaganda manifestam variedades, inclusive visuais; os textos orais coloquiais e formais se aproximam da escrita; as variantes linguísticas são marcadas pelo gênero, pela profissão, camada social, idade, região.

O delineamento do projeto se estabeleceu a partir do diálogo entre a professora da disciplina, a professora regente da turma e a estagiária. A professora regente da turma sugeriu os tópicos: trovadorismo, humanismo e classicismo na parte de literatura, junto com o artigo de opinião e a intertextualidade, pois estes seriam os temas que ainda precisavam ser abordados pela disciplina. Com base no diálogo, foi desenvolvido 4 planos de aula visando atender à carga horária obrigatória de regência da estagiária.

2.3.3 Escolha do tema

A escolha do tema acontece pela importância de se estudar diferentes gêneros e saber utilizá-los no dia a dia. Os alunos trabalharão com gêneros da literatura e textos contemporâneos aumentando seus repertórios de leitura e escrita.

2.3.4 Referencial teórico

A prática de ensino de literatura em conjunto com o ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa (LP), ajuda o aluno tanto na parte de reconhecer os diferentes gêneros literários quanto dar um suporte no arcabouço teórico que o aluno poderá acessar futuramente na sua prática de escrita. O hábito da leitura também ajuda ampliar o vocabulário dos alunos que posteriormente irá ajudar estes alunos na escrita. Segundo Geraldi no seu texto “*A produção dos diferentes letramentos*”, leitores pouco assíduos ou que não variam entre diferentes gêneros literários acabam tendo dificuldades de leitura e escrita. Ele explica:

Considerada esta diversidade (e especialização) própria das sociedades contemporâneas, podemos dizer que somos distintamente hábeis para o uso social da linguagem, pois este implica sempre o emprego de um gênero discursivo. Obviamente circulamos por diferentes campos ou esferas da comunicação social, e por isso dominamos gêneros discursivos variados. Mas não circulamos por todas as esferas com a mesma habilidade: como leitores pouco assíduos, certamente teremos maiores dificuldades de leitura – e praticamente seremos incompetentes para a produção – de enunciados extremamente técnicos e especializados no campo das engenharias, das matemáticas ou das artes visuais, quando outros o serão para áreas da pedagogia ou da filosofia. Somos ao mesmo tempo competentes e incompetentes leitores e produtores de textos, dependendo de nossos campos de atividade e de nossa circulação pelos diferentes campos de atividade. (GERALDI, 2014) p. 28 e 29)

Geraldi também explica que a escola e o professor não precisam ensinar todos os diferentes tipos de letramento, mas abordar os fundamentais e explicar sobre a multiplicidade dos tipos existentes. Ele fala no seu texto:

Não cabem à escola de ensino básico todos os diferentes letramentos, no sentido que estamos atribuindo a “diferente” neste item. Cabe reconhecer a multiplicidade e escolher alguns gêneros – e, portanto, algumas esferas de comunicação – como fundamentais. Entre estes, seguramente se encontram os campos da literatura e das artes, pois o acesso a tais bens culturais, patrimônio da humanidade, deve ser privilegiado pela escola. (GERALDI, 2014, p. 31)

Além de Geraldi, Kleiman também fala no texto “*Alfabetização e Letramento: Implicações para o Ensino*” de 2002, da importância do estudo dos gêneros. Ela salienta que a familiaridade do aluno com o texto e sua função na sociedade ajuda na hora de avaliar o grau

de dificuldade que este tem sobre determinados gêneros. Ela também fala da importância de atividades coletivas para amenizar as dificuldades individuais dos alunos.

Não seria demais enfatizar, novamente, o papel da oralidade na aprendizagem dos gêneros da escrita. Na produção escrita, um critério importante para a avaliação de dificuldades de ensino e aprendizagem é a familiaridade do aluno com o texto e com sua função na sociedade. Assim, mesmo num contexto rural, é possível escolher um gênero como a carta como ponto de partida e suporte do trabalho pedagógico, antes de o aluno saber escrever sequer uma palavra. A dificuldade individual é reduzida, na medida em que o texto é construído coletivamente, sob a orientação do professor. (KLEIMAN, 2002, p. 106)

Sobre práticas sociais de leitura e escrita, as duas atividades estão relacionadas entre si, levando-se em conta que cada atividade tem suas singularidades, ainda sim, é preciso lembrar que elas apresentam bastante similaridades já que um texto escrito pode ser falado e vice-versa. Kleiman fala disso no seu texto *“Alfabetização e Letramento: Implicações para o Ensino”*. Ela diz:

Nas práticas sociais da linguagem, as atividades escritas e orais não são polarizadas; a relação entre elas é a de um contínuo, quanto ao modo de atualização dos textos. Isso significa que os gêneros da oralidade e da escrita estão relacionados entre si e que, na prática, um gênero escrito pode ser falado, lido, comentado oralmente. (...) Na concepção de escrita como prática social faz sentido considerar essas vivências, assim como faz sentido lembrar as relações e as semelhanças – no lugar das diferenças – entre as práticas sociais de uso da linguagem. Assim, a fala e a escrita não se opõem, mas passam a ser parte de uma rede contínua de relações. (KLEIMAN, 2002, p 104)

Levando-se em conta a relação intrínseca da atividade de leitura com a atividade de escrita, um bom leitor provavelmente será um bom escritor visto que sua experiência linguística será maior de quem não lê. Tanto em relação a argumentação, vocabulário e um maior conhecimento de diversos tipos de gêneros, o aluno que lê tem sobre o que falar. Geraldi fala, no seu texto de 1991 *“A leitura de textos”*, da importância da leitura para não adquirir “modelos”, mas explorar formas de escrever e suas configurações:

A prática escolar é, aqui, profundamente destruidora dos próprios textos que se lêem. Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, para citar apenas alguns dos autores hoje presentes nos livros didáticos, não escreveram os textos que escreveram imaginando-os modelos a serem seguidos. Existentes, estando no mundo, eles nos fornecem, é claro, o resultado de um trabalho de construção

sobre o qual nos debruçamos, com os quais convivemos e dos quais nos apropriamos. Mas não é por serem “modelares” que se tornam modelos inspiradores: inspiram porque, convivendo com eles, vamos aprendendo, no e com o trabalho dos outros, formas de trabalharmos também. Daí porque a *leitura* permite a exploração das configurações textuais, e não só as perguntas que incidem sobre o que o texto diz podem levar-nos a buscar outros textos. (GERALDI, 1991, p. 8)

Em relação à prática da escrita vinculada a literatura, é importante para trabalharmos a escrita do aluno não só focada na gramática e erros de ortografia, mas também na escrita poética, na imaginação do aluno, e na prática da escrita em si. Segundo Brito em “A nova crítica ao ensino de Língua”,

Caberia à escola transformar esses exercícios de redação em práticas efetivas de produção de textos, nas quais os sujeitos apareçam como tais e sua palavra tenha uma razão de ser. Isto implica que não se exercita a linguagem para depois, nem se ensinam recursos e estratégias através de exercícios mecânicos de preenchimento ou substituição. (BRITTO, 1997, p. 110)

O que os autores concordam é que leitura e escrita andam de mãos dadas no caminho do conhecimento e que é papel da escola e do professor de guiarem estes alunos nesse caminho de forma que o repertório final seja diversificado e satisfatório para que depois o aluno possa prosseguir essa jornada de aprendizagem sozinho.

2.3.5 Objetivos

Necessário se faz, com vistas a nortear as ações a serem empreendidas neste projeto, que delimitemos os objetivos a serem alcançados. Para tanto, inicialmente, enunciamos o objetivo geral e, na sequência, os específicos que nos darão suporte no desenvolvimento do trabalho em sala de aula, a fim de termos um bom êxito na implementação da proposta aqui apresentada.

2.3.5.1 Objetivo Geral

Ampliar os conhecimentos e as habilidades dos usos da linguagem em situações concretas de interação, por meio do estudo da literatura medieval portuguesa e de sua

influência nas produções e manifestações artísticas da contemporaneidade, e do estudo de questões de escrita, leitura, interpretação de textos e análise linguística.

2.3.5.2 Objetivos Especificos

- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade e estabelecendo as devidas conexões entre eles, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural.
- Reconhecer e identificar a intertextualidade nos textos trabalhados em sala de aula nas aulas de literatura.
- Identificar os contextos e as características da literatura portuguesa nos períodos: Trovadorismo, Humanismo e Classicismo, bem como, analisar as estruturas que fazem parte dos gêneros literários.
- Produzir textos de gêneros artigo de opinião, estruturando-os de maneira a assegurar coerência e coesão textual, aplicando as propriedades gramaticais.

2.3.6 Conhecimentos de Língua Portuguesa e Literatura

- Literatura Portuguesa (Trovadorismo, Humanismo e Classicismo): contexto histórico, características, principais autores e principais obras.
- Intertextualidade como recurso para a criação de novos textos.
- Gênero Textual: artigo de opinião - suas características, conceitos de ética e plágio junto à produção.

2.3.7 Metodologia

- Aulas expositivas-dialogadas
- Leituras coletivas
- Produção de textos
- Pesquisas

2.3.8 Recursos

- Computador
- Projetor
- Caixinhas de som
- Quadro branco e caneta
- Laboratório de informática
- Material impresso para os alunos

2.3.9 Avaliação

Geraldi (1991) aprender uma língua é um processo social, pois a língua não é morta, ela refere-se ao mundo. Ao aprender a língua, aprende-se ao mesmo tempo outras coisas através dela. Quanto à avaliação das produções textuais, é importante a ida e vinda do texto entre aluno e professor.

A avaliação formativa promove aos alunos uma aprendizagem com compreensão e reflexão fundamentada no diálogo. A interação e comunicação entre aluno e professor são importantes para conectar os interesses de ensino e aprendizagem.

A avaliação dos alunos quanto à participação nas aulas levará em conta o interesse dos mesmos nas atividades práticas desenvolvidas durante as aulas. A colaboração dos mesmos nas discussões em sala de aula, proporcionará uma avaliação colaborativa entre alunos e professor.

1. A avaliação da parte de Literatura será:
 - a. Trovadorismo: 3,5
 - b. Humanismo: 3,0
 - c. Classicismo: 3,5

2. O artigo de opinião terá valor: 10,0

As notas, ao final da regência, foram entregues a professora regente da turma.

2.3.10 Cronograma

TROVADORISMO	20/09 (2 aulas) - apresentação e discussão do conteúdo
--------------	--

	26/09 (1 aula) - continuação + atividades com música
	27/09 (2 aulas) - atividades com músicas + atividade avaliativa
HUMANISMO	03/10 (1 aula) - introdução ao conteúdo
	04/10 (2 aulas) - discussão com audiobook + cena de filme
	10/10 (1 aula) - continuação da aula anterior
ARTIGO DE OPINIÃO	11/10 (2 aula) - apresentação do conteúdo + pesquisa no laboratório de informática (1 aula) - atividade avaliativa
	17/10 (1 aula) - produção no laboratório de informática
	18/10 (2 aulas) - produção no laboratório de informática
	24/10 (1 aula) - produção da versão final
CLASSICISMO	25/10 (2 aulas) - apresentação e discussão do conteúdo
	31/10 (1 aula) - intertextualidade
	01/11 (2 aulas) - apresentação “Os Lusíadas”
	07/11 (1 aula) - continuação “Os Lusíadas”
	08/11 (2 aulas) - avaliação + recuperação (Trovadorismo + Humanismo)
Fechamento	14/11 (1 aula) - Entrega das avaliações + notas

2.3.11 Os planos de aula

Os planos de aula foram previamente preparados, discutidos e acordados pela estagiária, a professora da disciplina de estágio e a professora regente da turma. A execução das aulas ocorreram de forma satisfatórias, com poucas alterações no cronograma inicial. Poucos ajustes foram feitos nos planos durante o período de docência do estagiário.

2.3.11.1 Trovadorismo

2.3.11.1.1 Identificação

ESCOLA: INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA

PROFESSORA: LISANDRA

SÉRIE: 1º ANO TURMA: 131 (NOTURNO)

CARGA HORÁRIA: 5 AULAS DE 40 MINUTOS;

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: PRISCILA DISIUTA

2.3.11.1.2 Tema

Trovadorismo

2.3.11.1.3 Objetivos

a) Objetivo geral

Ampliar os conhecimentos linguísticos e literários dos alunos, de modo a formar leitores proficientes, por meio do estudo das características e estruturas dos textos do Trovadorismo e do uso das figuras de linguagem como recursos expressivos para uma compreensão mais ampla dos textos literários.

b) Objetivos específicos

- Identificar as características e as estruturas do Trovadorismo.
- Analisar os textos trovadorescos com base em suas estruturas composicionais.
- Compreender as semelhanças dos textos contemporâneos com as cantigas trovadorescas.
- Participar nas discussões durante as aulas.
- Respeitar a opinião dos colegas durante as discussões em grupo.

- Compor textos trovadorescos utilizando o que aprenderam durante as aulas.

2.3.11.1.4 Conhecimentos e conteúdos abordados

- Introdução do contexto histórico do Trovadorismo.
- Produção literária da época e sua classificação: cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer.
- Comparação das características das cantigas trovadorescas com composições atuais brasileiras.
- Identificação das figuras de linguagem (personificação, ironia e hipérbole) no textos trabalhados durante as aulas.

2.3.11.1.5 Metodologia

As aulas serão expositivas e dialogadas, ministradas com apoio de recursos audiovisuais (PowerPoint), músicas e textos diversos, conforme se detalha no Cronograma.

2.3.11.1.6 Recursos didáticos

- Computador
- Projetor
- Caixinhas de som
- Quadro branco e caneta
- Material impresso para os alunos

2.3.11.1.7 Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação, interesse e colaboração durante as aulas. Os alunos que mostrarem interesse e o handout preenchido, terão 0,5 pontos acrescentados na prova ou, se ele atingir a nota máxima, poderá ser acrescentado no final ao somatório das notas da parte de literatura.

- Ao final do conteúdo, será aplicada uma atividade de compreensão e produção textual para entregar. A atividade terá o valor de 3,5, sendo que a parte de escrita criativa terá o maior peso com o valor de 2,5.

2.3.11.1.8 Cronograma

TROVADORISMO	20/09 (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação para a turma (10 min) • Aplicação do questionário dos alunos (20min) - (Apêndice 1 e 2). • Apresentação do tema com a música “Com açúcar, com afeto” (Anexo 5) - (10min) • Iniciar a apresentação de slides (Apêndice 1) com discussão e atividade de completar com o layout (Apêndice 2) - (40min)
	26/09 (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> • terminar a apresentação (30min) • iniciar trabalho com as músicas (Anexo 5) - (10min)
	27/09 (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> • terminar as atividades com as músicas (20min) • atividade avaliativa (interpretação + produção) (Apêndice 3) - (40min)

2.3.11.2 Humanismo

2.3.11.2.1 Identificação

ESCOLA: INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: LISANDRA
 SÉRIE: 1º ANO TURMA: 131 (NOTURNO)
 CARGA HORÁRIA: 4 AULAS DE 40 MINUTOS;
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: PRISCILA DISIUTA

2.3.11.2.2 Tema

Humanismo

2.3.11.2.3 Objetivos

a) Objetivo geral

Desenvolver a compreensão leitora dos alunos, a fim de levá-los a identificar características e estruturas dos textos humanistas a partir de um olhar crítico, de modo a estabelecer paralelos com a sociedade atual.

b) Objetivos específicos

- Identificar as características do Humanismo.
- Identificar a produção literária do período.
- Conhecer a poesia palaciana.
- Discutir e conhecer obras dos autores Fernão Lopes e Gil Vicente.
- Analisar criticamente os textos lidos, estabelecendo paralelos com a sociedade contemporânea.
- Participar nas discussões durante as aulas.
- Respeitar a opinião dos colegas durante as discussões em grupo.

2.3.11.2.4 Conhecimentos/conteúdos abordados

- Humanismo.
- Contexto Histórico e suas características.
- Poesia Palaciana.
- Gil Vicente.

2.3.11.2.5 Metodologia

Aulas expositivas e dialogadas com o auxílio de material impresso para os alunos. Utilização do audiobook (versão atualizada da língua) da obra *O Auto da Barca do Inferno*, do Gil Vicente, e vídeo da cena do julgamento do filme baseado na obra *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna.

2.3.11.2.6 Recursos didáticos

- Computador
- Projetor
- Caixinhas de som
- Quadro branco e caneta
- Material impresso para os alunos

2.3.11.2.7 Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação, interesse e colaboração durante as aulas. Os alunos assíduos nas aulas e que mostrarem interesse durante as aulas receberão 0,5.
- Ao final do conteúdo, será aplicada uma atividade de compreensão textual a ser entregue à professora-estagiária. A atividade terá o valor de 2,5.

2.3.11.2.8 Cronograma

HUMANISMO	03/10 (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> • apresentação (Apêndice 4) e discussão do conteúdo - <i>handout</i> (Anexo 9) para trabalhar com os alunos (40min)
	04/10 (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none"> • escutar o audiobook de <i>O Auto da Barca do Inferno</i> com discussão e atividade (Apêndice 5) - (30min) • Assistir a cena do julgamento de <i>O Auto da Compadecida</i> com

		discussão e atividade (Apêndice 5) - (30min) <ul style="list-style-type: none"> • discussão em grande grupo sobre as duas obras - contrastando e comparando (20min)
	10/10 (1 aula)	<ul style="list-style-type: none"> • avaliação (Apêndice 6) - (40min)

2.3.11.3 Artigo de Opinião

2.3.11.3.1 Identificação

ESCOLA: INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
 DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
 PROFESSORA: LISANDRA
 SÉRIE: 1º ANO TURMA: 131 (NOTURNO)
 CARGA HORÁRIA: 6 AULAS DE 40 MINUTOS;
 PROFESSORA ESTAGIÁRIA: PRISCILA DISIUTA

2.3.11.3.2 Tema

Artigo de Opinião

2.3.11.3.3 Objetivos

a) Objetivo geral

Conhecer as características do gênero “artigo de opinião” para tornar-se apto a produzir o mesmo. Aprender a utilizar a internet como fonte de pesquisa e, ao mesmo, tempo discutir plágio.

b) Objetivos específicos

- Conhecer as características do gênero “artigo de opinião”.

- Ler e analisar artigos de opinião e notícias.
- Desenvolver estratégias de pesquisas online.
- Discutir a importância de não se cometer plágio.
- Respeitar as opiniões dos colegas durante as discussões.
- Produzir um artigo de opinião.

2.3.11.3.4 Conhecimentos/conteúdos abordados

- Estudo do gênero artigo de opinião.
- Leitura e análise de fontes confiáveis da internet.
- Plágio.

2.3.11.3.5 Metodologia

Aulas práticas e dialogadas no laboratório de informática.

2.3.11.3.6 Recursos didáticos

- Computador (laboratório de informática)
- Quadro branco e caneta
- Material impresso para os alunos

2.3.11.3.7 Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação, interesse e colaboração durante as aulas. Os alunos assíduos nas aulas e que mostrarem interesse durante as mesmas, (participando das discussões e pesquisas, e entregando a 1ª versão do artigo) receberão até 2,0 pontos que acrescentará na nota do artigo final.
- Ao final do conteúdo, será entregue a versão final do artigo de opinião. A atividade terá o valor de 8,0.

2.3.11.3.8 Cronograma

ARTIGO DE OPINIÃO	11/10 (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none">• apresentação do conteúdo (Apêndice 7 e Anexo 6) - (20 min)• leituras de artigo de opinião e notícias no laboratório de informática (15 min)• discussão em grupo (15 min)• apresentação do tema e explicação de como deve ser feita as versões (15 min)• início da pesquisa (15 min)
	17/10 (1 aula)	<ul style="list-style-type: none">• continuação da pesquisa (Apêndice 7 e Anexo 7) (20 min)• discussão sobre fontes e plágio (20min)
	18/10 (2 aulas)	<ul style="list-style-type: none">• produção no laboratório de informática
	24/10 (1 aula)	<ul style="list-style-type: none">• devolução do artigo corrigido + produção da versão final (Anexo 8) - (40min)

2.3.11.4 Classicismo e intertextualidade

2.3.11.4.1 Identificação

ESCOLA: INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: LISANDRA
SÉRIE: 1º ANO TURMA: 131 (NOTURNO)
CARGA HORÁRIA: 9 AULAS DE 40 MINUTOS;
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: PRISCILA DISIUTA

2.3.11.4.2 Tema

Classicismo e Intertextualidade

2.3.11.4.3 Objetivos

a) Objetivo geral

Desenvolver a competência dos alunos a identificar características e estruturas dos textos Classicistas de modo a formar leitores mais proficientes. Apresentar a intertextualidade em textos, imagens e músicas para desenvolver a competência de identificá-los no nosso dia a dia.

b) Objetivos específicos

- Identificar as características do Classicismo.
- Identificar a produção literária do período.
- Compreender e identificar a intertextualidade.
- Participar nas discussões durante as aulas.
- Respeitar a opinião dos colegas durante as discussões em grupo.

2.3.11.4.4 Conhecimentos/conteúdos abordados

- Classicismo.
- Contexto Histórico e suas características.
- Poesia.
- Intertextualidade.
- Camões: Os Lusíadas.

2.3.11.4.5 Metodologia

Aulas expositivas e dialogadas com o auxílio de material impresso para os alunos. Utilização de powerpoint com explicação e exemplos dos conteúdos. Utilização de trechos da obra *Os Lusíadas* para exemplificar trechos da obra e dar uma visão abrangente de como ela foi desenvolvida.

2.3.11.4.6 recursos didáticos

- Computador
- Projetor
- Caixinhas de som
- Quadro branco e caneta
- Material impresso para os alunos

2.3.11.4.7 Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação, interesse e colaboração durante as aulas. Os alunos assíduos nas aulas e que mostrarem interesse durante as aulas receberão e entregarem o handout das aulas preenchido terá o valor de 1,0.
- Os alunos deverão fazer uma breve pesquisa sobre Classicismo e Renascença na Europa para entregar. A atividade terá o valor de 0,5.
- Ao final do conteúdo, será aplicada uma atividade de compreensão textual a ser entregue à professora-estagiária. A atividade terá o valor de 2,0.

2.3.11.4.8 Cronograma

CLASSICISMO + INTERTEXTUALIDADE	25/10 (2 aulas) - classicismo (apresentação - Apêndice 8 + Apêndice 9) - (1h20min)
	31/10 (1 aula) - Intertextualidade (Apêndice 10 + Apêndice 11) - (40 min)
	01/11 (2 aulas) - intertextualidade continuação (Apêndice 10 + Apêndice 11) - (20 min) - Camões (Os Lusíadas) (Apêndice 12 + Apêndice 13 + Anexo 13) - (60 min)
	07/11 (1 aulas) - Os Lusíadas (Apêndice 12 + Apêndice 13 + Anexo 9) - (40min)
	08/11 (2 aulas) - Os Lusíadas continuação (Apêndice 12 + Apêndice 13 + Anexo 9) - (10 min)

	- Avaliação Classicismo + Recuperação (Trovadorismo e Humanismo) (Apêndice 14) - (1h10min)
	14/11 (1 aulas) - entrega das avaliações e notas

3 A ATUAÇÃO DOCENTE: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA COMO REGENTE EM SALA DE AULA

O estágio de docência realizado na turma 131, no Instituto Estadual de Educação, foi ao mesmo tempo significativo e prazeroso, pois trouxe a oportunidade de colocar em prática as teorias e reflexões que tanto estudamos e ouvimos durante os anos do curso de Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina. Tanto a professora regente quanto a turma foram bastante acolhedores durante os dias que se seguiram o estágio, proporcionando um acolhimento e condições tranquilas para as aulas.

Os temas escolhidos para trabalhar durante as aulas foram cuidadosamente elaborados e aprovados antes do período da regência. Os conteúdos propostos buscaram atender tanto os objetivos do PPP da escola quanto às diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os conteúdos abordados foram: Trovadorismo, Humanismo e Classicismo na parte de Literatura, Artigo de Opinião e Intertextualidade. No entanto, pelo curto período que é previsto a carga horária do estágio, as aulas precisaram ser mais sintetizadas e dinâmicas, trazendo para a sala de aula vídeos e músicas mais próximos à realidade dos alunos. Foram desenvolvidos 04 planos de aula, um para cada conteúdo, e dentro dos planos estão elaborados os cronogramas e os conteúdos administrados em cada aula, totalizando uma carga horária de 24 horas/aulas. Além disso, a divisão da atividade avaliativa em partes, foi feita de forma que os alunos aplicassem e refletissem os conhecimentos adquiridos em cada aula.

De modo geral, com algumas modificações durante o período de regência, mas nada muito significativo, as aulas decorreram de forma satisfatória, sem precisar modificar o calendário fixo além das horas que foram acrescentadas para substituir o projeto extraclasses

que não ocorreu. Com isso, é possível avaliar a experiência de docência de forma agradável, os alunos da turma 131 parecem ter aproveitado as aulas tanto quanto a estagiária.

3.1 Descrição das aulas ministradas

O estágio de docência realizado na turma 131 do Instituto Estadual de Educação foi uma experiência significativa e prazerosa. Ela trouxe a oportunidade de reflexão sobre a realidade de trabalhar em sala de aula, bem como de colocar em prática tudo o que foi estudado e discutido durante o curso de Letras. Grande parte das aulas foram direcionadas aos conteúdos de literatura conforme ficou acordado com a professora regente ainda no período inicial do estágio. A turma, na maioria das vezes, foi bastante cooperativa e participativa proporcionando que as aulas fossem dinâmicas e dialogadas.

Além das aulas de literatura, tivemos a parte sobre o artigo de opinião que foi trabalhado no formato de oficina. Os alunos puderam pesquisar no laboratório de informática para depois escreverem e reescreverem seus textos. Nesta parte, também foi possível discutir sobre o plágio e da importância de referenciar as fontes utilizadas nos trabalhos escolares.

No geral, na busca de despertar o interesse dos alunos nas aulas de literatura, busquei trabalhar o conteúdo de forma dinâmica trazendo músicas e vídeos que estivessem próximos da realidade dos alunos para exemplificar os textos da época. Também trabalhei com escrita criativa para estimular a escrita dos alunos durante as aulas de literatura.

De modo geral, acredito que as aulas ministradas deram conta do conteúdo e da proposta do estágio, mesmo com alguns contratempos todo o conteúdo foi ministrado e grande parte dos alunos que participavam durante as aulas não tiveram dificuldades de acompanhar as sequências das aulas. É possível dizer que a experiência do estágio foi bastante positiva tanto da parte da estagiária quanto dos próprios alunos da turma 131.

1. Aula 1 - 20 de setembro - quarta (2 aulas)

No primeiro dia de aula do projeto de docência, comecei a aula me apresentando e explicando como seria dividida as aulas, os conteúdos e as avaliações. Após uma breve conversa, entreguei o questionário para os alunos, expliquei qual era a finalidade das perguntas e dei um tempo para eles responderem. Após os alunos devolverem o questionário,

comecei a aula de forma efetiva. O primeiro conteúdo a ser ministrado foi o Trovadorismo. Entreguei os handouts para os alunos e expliquei que eles precisariam completar conforme eu explicava o conteúdo. Eles até reclamaram de terem que completar, mas expliquei que os handouts completados valeriam como nota de participação que seria acrescentada junto com a nota da prova, com isso eles começaram a trabalhar. Coloquei a música “Com amor, com afeto” para os alunos ouvirem, falamos brevemente sobre a música e iniciei a apresentação de slides com o conteúdo. A primeira aula foi bem tranquila, a turma foi bastante receptiva. Achei que a ideia de entregar uma folha com o conteúdo e eles terem que completar enquanto eu explico bastante efetiva. Com isso, eles conversaram menos, prestaram atenção na apresentação e ainda ganharam nota de participação.

2. Aula 2 - 26 de setembro - terça (1 aula)

Na segunda aula, terminei a explicação do conteúdo e a apresentação. Durante essa aula, conforme explicava as diferenças das cantigas, eu trabalhava com músicas mais atuais que tinham características parecidas com as cantigas para os alunos assimilarem melhor a matéria. Percebi que os alunos gostaram de trabalhar dessa maneira e entenderam melhor a explicação com a utilização de um material mais próximo a realidade deles. Essa comparação entre os textos fizeram com que os alunos assimilassem melhor as características de cada um.

3. Aula 3 - 27 de setembro - quarta (2 aulas)

Nesta aula, terminei as atividades com as músicas e fiz uma rápida revisão sobre o conteúdo antes da avaliação. Quando bateu o sinal para a segunda aula, entreguei a prova. A prova, na verdade, foi mais uma atividade avaliativa com consulta. A ideia da atividade era perceber se os alunos tinham realmente compreendido as diferenças entre as cantigas estudadas no Trovadorismo. A última atividade da prova era um exercício de escrita que os alunos teriam que fazer uma produção escolhendo um dos quatro tipos de cantigas e usar suas características em um texto livre. Para os alunos que preencheram o handout e fizeram as atividades com as músicas, foi bem tranquilo. No final, eles entregaram as provas junto com o handout preenchido.

4. Aula 4 - 03 de outubro - terça (1 aula)

Na primeira aula sobre o Humanismo, iniciei entregando o handout para os alunos, depois conversamos sobre as diferenças e semelhanças entre Trovadorismo e Humanismo. Os alunos que sentam mais próximo do quadro participaram da aula, os outros alunos ficaram no celular ou conversando paralelamente. Mesmo sendo uma aula mais dinâmica, alguns alunos mostram desinteresse pela aula de Língua Portuguesa. No geral, a aula foi tranquila. Entreguei as provas ao final da aula.

5. Aula 5 - 04 de outubro - quarta (2 aulas)

Na segunda aula sobre Humanismo, entreguei já no começo um exercício que os alunos deveriam preencher conforme ouviam a versão do *Auto da Barca do Inferno* em audiobook. Como eu não tive muito tempo para pedir aos alunos que lessem a peça, achei mais interessante trazer um áudio com um português mais atual para os alunos ouvirem. Também pelo fato de muitos alunos trabalharem ou jogarem futebol profissionalmente, acredito que a maioria não conseguiria ler em tempo para as aulas. Conforme ia passando o áudio para os alunos ouvirem, eu parava em cada personagem para discutirmos e para eles anotarem as respostas. Depois, também assistimos um trecho do filme o *Auto da Compadecida*, não consegui terminar a atividade referente a este último. Neste dia, os meninos que sentam na parte de trás da sala estavam conversando um pouco mais que o normal, a professora da disciplina de estágio precisou intervir.

6) Aula 6 - 10 de outubro - terça (1 aula)

Como na última aula não foi possível terminar todas as atividades, retomei o vídeo da *Auto da Compadecida*, mas vimos somente a parte necessária para responder a atividade. Os alunos perguntaram pela prova e eu respondi que seria na aula seguinte, pois precisávamos terminar o conteúdo. Os alunos reclamaram um pouco, mas no final terminamos de discutir sobre a cena do filme e conversamos sobre as semelhanças e diferenças entre os dois Autos. Apesar desse atraso do conteúdo, o cronograma não foi prejudicado.

7. Aula 7 - 11 de outubro - quarta (2 aulas)

Neste dia a aula foi no laboratório de informática, ficou acordado que as aulas sobre o artigo de opinião seriam todas no laboratório para os alunos poderem pesquisar sobre o assunto. Novamente, a preocupação dos alunos estava voltada para a prova, expliquei que teríamos a primeira aula ali e depois voltaríamos para a sala para fazer a atividade. Iniciei a

aula pedindo para os alunos entrarem no site do Diário Catarinense e lessem um dos artigos do dia. Depois pedi para entrarem em um link que passei para eles, lá eles iriam ler um artigo de opinião. Entreguei para os alunos algumas questões sobre o texto do artigo de opinião para eles responderem e para facilitar a visão deles sobre as diferenças dos textos. Quando faltava 10 minutos para terminar a primeira aula, pedi para os alunos guardarem as questões, pois discutiríamos na próxima aula e falei para retornarem para a sala e começamos a atividade avaliativa. Novamente fiz a avaliação com consulta, pois a ideia era que os alunos fizessem uma interpretação e reflexão do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Compadecida* conforme tínhamos discutido em aula.

8. Aula 8 - 17 de outubro - terça (1 aula)

Nesta aula, comecei discutindo as questões da aula anterior, depois dei para os alunos o assunto que eles iriam escrever. Primeiramente, a ideia era fazer um sorteio entre 03 tópicos, mas como alguns alunos precisaram sentar em duplas por causa do número de computadores, decidi dar o mesmo tópico para todos. O tópico escolhido foi: “O uso das redes sociais para fomentar a violência”. Enquanto os alunos começavam a procurar sobre o assunto, expliquei para eles a importância de identificar e citar as fontes e discutimos sobre o plágio. Alguns alunos disseram que não identificavam as fontes quando faziam trabalhos escolares, outros começaram a falar que o plágio poderia até dar cadeia. No geral, a discussão foi boa e produtiva.

9. Aula 9 - 18 de outubro - quarta (2 aulas)

Neste dia, um dos professores faltou e pediram para a professora regente adiantar a aula, como eu já estava chegando na escola, a professora encaminhou os alunos para o laboratório de informática para eles continuarem com as pesquisas e na produção da primeira versão do texto. Ao chegar à escola 5 minutos depois, fui direto para o laboratório. Ajudei os alunos conforme eles escreviam, tirei algumas dúvidas que eles ainda tinham sobre a estrutura do artigo de opinião. A aula foi bem produtiva apesar de ter sido dividida em duas partes. Até os alunos menos aplicados fizeram o texto. Conforme eles iam terminando, percebi que ainda tinha tempo então, aproveitando que eles estavam no laboratório, pedi que eles pesquisassem sobre o próximo assunto que iríamos estudar e entregar-me uma página falando sobre o

Classicismo Europeu, A Renascença na Europa e o Classicismo em Portugal. Essa atividade não estava proposta no projeto, acabei acrescentando na hora.

10. Aula 10 - 24 de outubro - terça (1 aula)

Último dia de aula no laboratório, entreguei a primeira versão corrigida e com dicas para melhorá-la. Pedi para os alunos reescreverem seguindo aquelas dicas e conforme eles iam escrevendo, eu conversei com cada aluno sobre as correções que eu tinha feito. Os alunos aceitaram bem as correções e reescreveram os textos. Para aqueles que não tinham vindo na aula anterior, pedi para fazer o texto em versão única valendo apenas 8,0 já que eles não tinham feito a primeira versão que valia 2,0 somente pela entrega. Ajudei aos alunos conforme o possível.

A ideia de trabalhar com pesquisa, escritura e reescritura de textos é importante para os alunos. Essas atividades de pesquisa ajudam aos alunos a expandirem suas ideias, aprenderem sobre novos assuntos e a dar embasamentos nos textos que escrevem. Com a escritura e reescritura, eles percebem no que precisam melhorar na parte de gramática e ortografia.

Neste dia, apareceu um aluno que ainda não tinha assistido a nenhuma de minhas aulas. Depois conversei com a professora regente sobre este aluno e ela disse que isso acontecia com frequência, muitos alunos “sumiam” e depois retornavam para as aulas.

11. Aula 11 - 25 de outubro - quarta (2 aulas)

Na primeira aula sobre Classicismo, retomei as características do Trovadorismo e do Humanismo e fizemos uma comparação dos três períodos literários. Aproveitei e perguntei para os alunos que tinham feito a pesquisa sobre o que eles encontraram, mas não houve participação da turma nesse dia. Os alunos estavam um pouco dispersos nesta aula. Entreguei o handout que eles precisavam completar e comecei com a apresentação. Nesse dia, pedi para um dos alunos que estava conversando para ler um dos exemplos de sonetos. Ele reclamou bastante, mas leu. Durante a aula, tivemos problemas técnicos com as caixinhas de som, os alunos não conseguiam ouvir o áudio de *Os Lusíadas* que eu tinha separado. Como uma aluna pediu uns minutos para conversar com a turma, deixei ela falar nesse tempo.

A aluna comentou que a turma é bem separada, cada um fica no seu grupinho. A ideia dela era para que eles colaborassem para comprar chocolate e refrigerante e se encontrassem para comer e conversarem. Achei a ideia bastante produtiva, pois a maioria dos alunos gostaram e aceitaram participar. Na turma, realmente, é possível perceber as diferenças, tem o grupinho dos jogadores de futebol, tem a turma do fundão que gosta de conversar e ficar no celular e tem o grupinho da frente que são os alunos mais interessados e participativos nas aulas.

12. Aula 12 - 31 de outubro - terça (1 aula)

Nesta aula, dei uma parada com o classicismo e comecei com o conteúdo de intertextualidade. Mais uma vez, entreguei uma folha com o conteúdo para eles completarem. Trabalhei com imagens e textos mostrando para os alunos os diferentes tipos de intertextualidades possíveis e como podem aparecer nos textos. A aula foi muito tranquila, pois muitos alunos tinham faltado nessa aula. Não conseguimos terminar todo conteúdo, deixei a parte da música do Legião Urbana para a próxima aula.

13. Aula 13 - 01 de novembro - quarta (2 aulas)

Como não havia terminado o conteúdo de intertextualidade, comecei a aula com a música do Legião Urbana “Monte Castelo” e discuti com os alunos as intertextualidades da canção com a poesia de Camões e um trecho da Bíblia. Essa retomada ajudou aos alunos que não estavam na última aula a entenderem, ao menos um pouco, sobre o conteúdo. Ao terminar essa parte, entreguei o handout para os alunos e iniciei a apresentação sobre o livro *Os Lusíadas*. Infelizmente, não foi possível pedir para os alunos lerem a obra. Fiz uma apresentação com todos os 10 cantos e suas principais partes, para os alunos terem uma noção geral sobre a obra. *Os Lusíadas* é uma obra grandiosa e complexa difícil de trabalhar mesmo que os alunos tivessem lido, sem ler é mais complicado ainda, pois os alunos acabam perdendo o interesse e perdidos na obra. Essa foi a parte mais difícil e frustrante do estágio. Aqui, os alunos não mostraram nenhum interesse pela obra e pela aula. No final da aula, pedi para os alunos me devolverem o handout para eu poder pontuar essa primeira parte.

14. Aula 14 - 07 de novembro - terça

Nesta aula, continuei com a apresentação e devolvi o handout da aula anterior para eles continuarem completando sobre *Os Lusíadas*, a aula estava tranquila, pois vários alunos

não compareceram. Acredito que grande parte da turma não compareceu já pelo grande desinteresse que foi pela apresentação do livro. Confesso que foi bem decepcionante estas aulas, tendo em vista que até então estava tudo indo bem nos conteúdos anteriores. Trabalhar com uma obra grande e complexa em pouco tempo é prejudicial tanto para os alunos quanto para o professor. Os primeiros perdem de conhecer a obra e apreciá-la, o segundo fica com a sensação de falha ao passar o conteúdo.

.15. Aula 15 - 08 de novembro - quarta

Minha última aula efetiva, neste dia a professora regente não pode comparecer, pois ela estava numa oficina com outra estagiária que acabou atrasando. Como tive uma boa relação com os alunos até aqui, não tive nenhum problema com eles, nenhum deles questionou o fato de eu estar sozinha em sala de aula. Terminei a parte sobre *Os Lusíadas* e entreguei a prova. Nesta parte, os alunos estavam bem agitados, pois também teria a recuperação dos conteúdos anteriores junto. Conforme eu entregava a prova, mostrei as notas para cada aluno individualmente para saberem quais conteúdos precisavam fazer. Como todas as outras provas anteriores, esta também foi com consulta. Deixei os alunos usarem todo o material que eu tinha entregue durante o estágio de docência. Apesar da agitação dos alunos com a avaliação, a aula foi tranquila.

16. Aula 16 - 14 de novembro - terça (fechamento e entrega de provas e notas)

Neste último dia, levei todo o material que ainda tinha dos alunos para entregar, novamente falei com cada um deles e mostrei as notas finais que cada um tinha comigo. Expliquei, novamente, que no final eles teriam duas notas comigo, que eram: uma da parte de literatura e a outra do artigo de opinião. Estas notas seriam entregues a professora regente naquele mesmo dia. E, para finalizar, fiz um discurso de despedida e recebi o carinho dos alunos. Foi uma sensação ao mesmo tempo boa e de dever cumprido, apesar de algumas frustrações, e de tristeza de ter de me despedir de uma turma que sempre me tratou bem e que foram bastante acolhedores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi uma experiência desafiadora e ao mesmo tempo prazerosa, permitiu uma articulação entre os conhecimentos teóricos e à prática docente. Apesar de ser um período curto, mostrou a importância de se ter as aulas bem preparadas e articuladas, a importância da relação professor-aluno para um bom andar em conjunto. Trabalhar com a Língua Portuguesa e sua Literatura pode ser um desafio, é preciso inspirar os alunos para não haver o receio de trabalhar com a língua. Sabemos que imprevistos acontecem, como aconteceu algumas vezes durante o estágio, mas é preciso saber contornar as diversidades e pró dos alunos.

Apesar do contato com a Literatura ter sido de forma rápida, creio que foi importante para os alunos conhecerem os textos e ficarem instigados a procurarem os originais no futuro. Uma turma cuja a maioria não tem o hábito da leitura precisa ser inspirada a trabalhar com textos. A leitura também é importante na hora de escrever, mostrar aos alunos que é preciso ler para poder escrever sobre determinado assunto, pois sem conhecimento não há base nem conteúdo para escrever, também incentiva à prática de ler jornais ou notícias.

Acredito que é possível avaliar esse período de estágio como uma experiência positiva, apesar de alguns momentos de bagunça, a turma sempre foi bem receptiva, nunca houve momento de desrespeito entre estagiária e alunos e durante as aulas houve até alguns momentos de piadas e brincadeiras. O conteúdo estabelecido desde a época de observação foi ministrado e de acordo com as atividades avaliativas, os alunos adquiriram bem a matéria, com exceção daqueles que não frequentavam as aulas. Passar por essas experiências é importante para o processo de formação e para formar professores conscientes com a sua própria profissão.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Médio. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> . Acesso em: 30 de agosto de 2017.

BRITO, Luiz Percival Leme. A Nova Crítica ao Ensino de Língua. In: _____. **A sombra do caos: ensino de línguas x tradição gramatical**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

CAMARGO, Clarice Carolina Ortiz. MENDES, Olenir Maria. *A avaliação formativa como uma política includente para a educação escolar*. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 2, n.2, p.372-390, jul./dez.2013.

ESCREVENDO o o futuro. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/>> Acesso em: 13 set. 2017.

FURLAN, Stélio. **Cantigas de amigo**. Florianópolis: 24 slides, color. Acompanha texto.

FURLAN, Stélio. **Cantigas Satíricas**. Florianópolis: 16 slides, color. Acompanha texto.

FURLAN, Stélio. **Literatura Portuguesa**. Florianópolis: 27 slides, color. Acompanha texto.

FURLAN, Stélio. **Segunda Época Medieval**. Florianópolis: 36 slides, color. Acompanha texto.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, João Wanderley. *A produção dos diferentes letramentos*. **Bakhtiniana**, São Paulo, p.25-34, 2014.

KLEIMAN, Angela B. Alfabetização e Letramento: Implicações para o Ensino. **Revista da FAGED**, n.6, 2002.

LITERATURA PORTUGUESAa - Trovadorismo. Disponível em:

<<http://pharmacistresponde.blogspot.com.br/2013/01/literatura-portuguesa-trovadorismo.html>> Acesso em: 02 set. 2017.

NORMA CULTA, Intertextualidade. Disponível em:

<<https://www.normaculta.com.br/intertextualidade-o-que-e-quais-os-tipos-de-intertextualidade/>> Acesso em: 13 set. 2017.

PORTAL DO PROFESSOR r, A Intertextualidade. Portal do professor. Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=19919>> Acesso em: 12 SET. 2017.

PORTAL DO PROFESSOR r. Disponível em:

<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=23284>> Acesso em: 05 set. 2017

SILVA, Michel Carvalho da. A viralização do senso comum. **Observatório da Imprensa**, 21 ago. 2015. Disponível em:

<<http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>> Acesso em: 11 out. 2017.

TODA MATÉRIA. Características do Trovadorismo. Disponível em:

<<https://www.todamateria.com.br/caracteristicas-do-trovadorismo/>> Acesso em: 02 set. 2017

TODA MATÉRIA. Classicismo. Disponível em:

<<https://www.todamateria.com.br/classicismo/>> Acesso em: 18 set. 2017.

TODA MATÉRIA Humanismo. Disponível em:

<<https://www.todamateria.com.br/humanismo/>> Acesso em: 06 set. 2017.

TODA MATÉRIA Intertextualidade. Disponível em:

<<https://www.todamateria.com.br/intertextualidade/>> Acesso em: 14 set.2017.

TODA MATÉRIA Poesia Palaciana. Disponível em:<

<https://www.todamateria.com.br/poesia-palaciana/>> Acesso em: 08 set. 2017.

TRAÇOS do Trovadorismo nas músicas atuais. Disponível em:

<<http://tracostrovadorescosatuais.blogspot.com.br/>> Acesso em: 02 set. 2017.

TROVADORISMO. Disponível em: <<https://www.gramatica.net.br/literatura/trovadorismo/>>

Acesso em: 03 set.2017.

VINTE carteiras de motorista são apreendidas e um condutor é preso em blitz da Lei Seca em Florianópolis. **Diário Catarinense**. Disponível em:

<<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/09/vinte-carteiras-de-motorista-sao-apreendidas-e-um-condutor-e-preso-em-blitz-da-lei-seca-em-florianopolis-9912083.html>> Acesso em: 11 out. 2017.

APÊNDICES

Apêndice 1



TROVADORISMO PORTUGUÊS



Fonte: resurroliteratura

Contexto Histórico

- A religiosidade é um elemento marcante nessa época (Idade Média). O homem medieval norteia-se pelos valores religiosos e pela salvação da alma e o seu maior medo é ir para o inferno, então ele se torna submisso à Igreja Católica e aos seus representantes;
- A arte também é filtrada pela Igreja, fazendo com que muitas obras tenham temática religiosa;
- Como todas as coisas giram em torno de Deus, a época é chamada de **Teocêntrica**.

Arquitetura

- Durante este movimento literário, o estilo predominante era o Gótico. Esse estilo abre portas a um espaço público de ensinamento da história bíblica, de grandiosidade, símbolo da glória de Deus e da igreja, símbolo do poder econômico da burguesia, do estado e de todos os que financiaram;
- A arquitetura alta e pontuda apontava sempre para o céu, onde Deus está, e os vitrais dos templos contam as histórias bíblicas.
- Mosteiro de Alcobaça. Construído entre os séc. XII e XIII, foi a primeira obra plenamente gótica erguida em Portugal.



Arquitetura

Do ponto de vista arquitetônico, a Catedral de Évora é uma das mais importantes manifestações da arquitetura gótica no Sul de Portugal.





Pintura e Tapeçaria

- O estilo de pintura predominante entre 1150-1500 foi o gótico e flamengo;
- A pintura medieval caracteriza-se por ser predominantemente bidimensional. Retratava cenas religiosas ou cenas costumeiras, do dia-a-dia. Como não havia nenhuma noção de perspectiva na produção artística do período, as personagens retratadas eram pintadas maiores ou menores de acordo com sua importância e seu simbolismo e não de acordo com sua posição relativa à tela e ao olho do observador. Usavam-se cores escuras, figuras esguias e delicadas;
- Ao lado da pintura, a tapeçaria era a mais importante forma de arte medieval: as peças de tapeçaria eram elementos necessários para manter o calor interno dos castelos no inverno.
- Casal Arnolfini de Jan van Eyck (Pintura Flamenga).

Pintura e Tapeçaria

- **A Dama e o Unicórnio** é o título de um ciclo de tapeçarias francesas frequentemente consideradas como um dos grandes trabalhos da arte medieval na Europa.



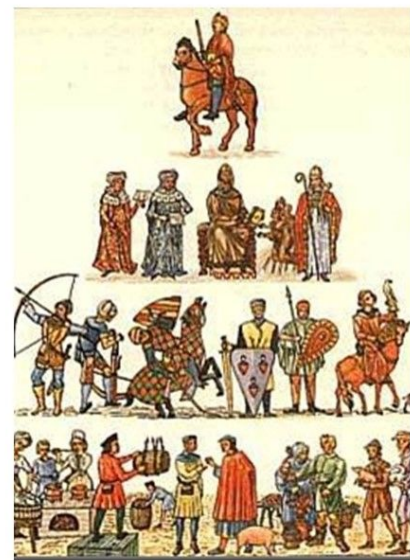
Pintura e Tapeçaria

- Um trovador toca e canta para sua amada, que estende seu braço direito em sua direção. Detalhe de um porta-jóias (c. 1180), tesouro da catedral de Vannes (França)



Sociedade

- O **feudalismo** era o modo de organização política e social da época, que se baseava na relação entre os servos (vassalos) e os senhores feudais;
- Predominava o **sistema agrário**, em que os senhores do feudo eram os donos das terras, moravam em castelos e exerciam poder absoluto sobre os servos;
- Era uma **sociedade estamental**, isto é, não havia possibilidade de mobilidade entre as classes sociais. A justificativa para essa não-mobilidade era dada pela Igreja Católica, que dizia que a organização da sociedade (**Clero, Nobreza e Servos**) era um **reflexo da Santíssima Trindade**.
- No **topo** da pirâmide, o **Rei**. Abaixo, o **clero**, que era o responsável pela **cultura**, formado por aqueles que representavam a **vontade de Deus**. Logo abaixo estava a **nobreza**, que ocupava o **poder político** do feudo, além de ser incumbida de **guerrear**. Na base da pirâmide estavam os **servos**, que deveriam **trabalhar**, **pagar impostos** para a nobreza e não tinham direito a **nenhum privilégio**.



Trovadorismo

- **Conceitos:**

- A expressão deriva do verbo provençal *trobar*, que exprimia o poetar da época enquanto *ação de compor, de inventar, de criar*:
- designava-se *trobador* ao poeta que criava, instrumentava e, por vezes, entoava suas próprias composições poéticas.
- “O poema recebia o nome de “cantiga” (ou ainda de “canção” e de “cantar”) pelo fato de o lirismo medieval associar-se intimamente com a música:
- A poesia era cantada, ou entoada, e instrumentada. Letra e pauta musical andavam juntas...

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*, p.15

Poesia Trovadoresca

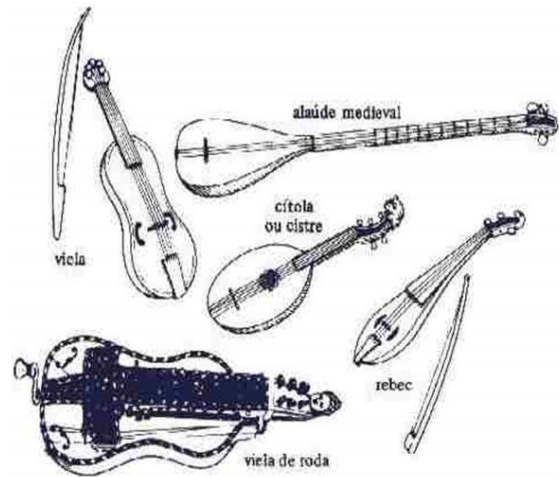
- Os primeiros **registros** da literatura portuguesa
 - versos manuscritos (**século XII: 1189 ou 1198**)
- As **composições trovadorescas** encontram-se reunidas em **três** coletâneas:
 - ***Cancioneiro da Ajuda*** [310 cantigas]
 - ***Cancioneiro da Vaticana*** [1205 cantares]
 - ***Cancioneiro da Biblioteca Nacional*** [1647 canções]

<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>



Poesia Trovadoresca

- A Poesia Trovadoresca pode ser dividida em dois gêneros: lírico e satírico.
- O gênero lírico se subdivide em duas categorias: cantigas de amor e cantigas de amigo.
- O gênero satírico é caracterizado pelas cantigas de escárnio de cantigas de maldizer.



Principais autores e suas obras

Paio Soares Taveirós – de origem nobre galega, o trovador é o autor de ‘A Ribeirinha’, uma das cantigas de amor mais famosas e também considerada a primeira obra literária em língua galaico-portuguesa.

Dom Dinis – além de trovador, Dinis ostentava o pronome de tratamento ‘Dom’, ou seja, tratava-se de um rei. Sua obra é composta por 139 cantigas, a grande maioria de amor e com alto domínio técnico e lírico. Além de rei de Portugal, Dom Dinis é considerado um dos responsáveis pela renovação cultural da península ibérica.

João Garcia de Guilhade – trovador português autor de poemas célebres e satíricos, como ‘Ai Dona fea, fostes-vos queixar’. Apesar do reconhecimento de sua maestria e predisposição poética, muito de sua obra possui o caráter brejeiro.

Exemplo: Ai flores do verde pino



Trovadorismo

- ► PRECEITOS DO AMOR
CORTÊS (séc.XI-XIII)
- MULHER como supremo Bem.
- “mulher é sinônimo de virtude excelente”
- SERVIÇO: conjunto de deveres do vassalo para com o suserano
- Sinônimo de amor: o amador consagra sua vida à Mulher
- Fidelidade, constância, paciência, esperança, alegria, desprendimento, honra.



Cantiga de amor

ASPECTOS TEMÁTICOS

- A “coita d’amor,”

- a paixão vivida pelo trovador a serviço de uma dama.

Louva-se as virtudes da Dama (“*mia senhor*”):

- beleza incomparável...

- O olhar como responsável pela transmissão do amor ao coração:

- “*por meu mal vos vi*”.

- O tema do elogio impossível, da falta de correspondência amorosa.

- Sandece: perda do apetite, a insônia e o tormento de amor.

- “*perdi o riir
perdi o ssen e perdi o dormir*”.

Cantiga de amor

- Eram as cantigas que tinham um eu-lírico masculino se direcionando para uma mulher idealizada e distante de sua realidade, também conhecido como vassalagem amorosa.
- O amor entre eles era impossível, permanecendo apenas nos sonhos do eu-lírico.
- O nível social diferente entre o cavaleiro e a dama eram também característica marcante, o eu-lírico estava sempre abaixo.

- **Cantiga da Ribeirinha**
Paio Soares de Taveirós

*No mundo non me sei parelha,
entre me for como me vai,
Cá já moiro por vós, e – aí!
Mia senhor branca e vermelha.
Queredes que vos retraya
Quando vos eu vi em saya!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!
E, mia senhor, desdaqueldi, aí!
Me foi a mi mui mal,
E vós, filha de don Paai
Moniz, e bem vos semelha
Dhaver eu por vós guarvaia,
Pois eu, mia senhor, dalfaia
Nunca de vós houve nem hei
Valia dua correa.*

Canção da Ribeirinha [1189 ou 1198]

[Paio Soares de Taveirós, sex XIII]

No mundo non me sei parelha,
mentre me for como me vai,
ca já moiro por vós — e ai!
mia senhor branca e vermelha,
queredes que vos retraia
quando vos eu vi en saia!
Mau día me levantei,
que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, dês aquel di', ai!
me foi a mi mui mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e ben vos semelha
d'aver eu por vós guarvaia,
pois eu, mia senhor, d'alfaia
nunca de vós houve nem hei
valia d'ua correa.

No mundo ninguém se assemelha a mim
enquanto a minha continuar como vai,
porque morro por vós, e ai!
minha senhora de pele alva e faces rosadas,
quereis que vos retrate
quando vos vi sem manto!
Maldito dia! me levantei
que não vos vi feia!

E, minha senhora, desde aquele dia, ai!
Tudo me foi muito mal,
e vós, filha de don Paai
Moniz, e bem vos parece
de ter eu por vós guarvaia,
pois eu, minha senhora, como mimo
de vós nunca recebi
algo, mesmo sem valor.

CANTIGAS DE AMIGO

complexo de gêneros

► VARIAÇÕES

▪ ROMARIAS: sobre visitas a santuários.

Pois nossas madres van a San Simon
de Val de Prados candeas queimar (pagar promessas)
nós, as meninhas, punhemos d'andar

[Pero Viviaes, ?]

▪ PASTORELAS: o cenário é rústico: o campo.

Tres moças cantavam d'amor
Mui fremosinhas pastores
Mui coitadas d'amores

[Lourenço, séc. XIII]

Cantiga de amigo

- A cantiga de amigo, por mais que parece ser entre amizade, também é aborda o amor, mas diferente da cantiga de amor, esta tem como o eu-lírico uma mulher que canta sobre o seu “amigo”, que na verdade era o nome usada para definir o namorado. Normalmente se passa em um ambiente natural ou em uma conversa com amigas ou a própria mãe;
- Eram escritas por homens devido à segmentação de gênero da época, e por isso ressaltavam muito a masculinidade;
- Um outro tema nas cantigas de amigo era a tristeza da mulher por seu namorado que foi à guerra. Nessa canção não há diferenças sociais, tanto a mulher quanto o “amigo” são do povo, ou seja, da plebe.

D. Dinis

Ai flores, ai flores do verde pinho
se sabedes novas do meu amigo,
ai deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado,
ai deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo,
ai deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que me há jurado
ai deus, e u é?

Cantiga de amigo

- Cantigas paralelísticas:
- aliam uma simplicidade de recursos semânticos ao elaborado arranjo da sua expressão,
- através de um esquema de repetitividade que enriquece o sentido pelo tom de litania
- muitas vezes magoada, perplexa ou interrogativa, que cria.

Ai eu coitada!

*Como vivo en gran cuidado
por meu amigo
que ei alongado!*

Muito me tarda

o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!

*Como vivo en gran desejo
por meu amigo
que tarda e non vejo!*

Muito me tarda

o meu amigo na Guarda!

- Constituem o aspecto mais rico e inventivo da lírica trovadoresca galaico-portuguesa.
 - Paralelismo e refrão

Por Deus, aí amigas, mentr'al non fazemos,
so aqeste ramo frolido bailemos
e quen ben parecer, como nós parecemos,
se amig'amar,
so aqeste ramo so lo que nós bailemos
verrá bailar

► BAILIA, BAILADA
AIRAS NUNEZ [sec.XIII]

- Culto do corpo, sensualidade como essência:
- Vestígios Celtas: Dança + avelaneira: conotação sensual.
Bailia: ritual ancestral de celebração da primavera
- Tradição clássica: Tália: a que faz brotar flores; Aglaia: claridade, esplendor; Eufrosina: bom humor, a alegria de viver.

- a decadência da nobreza rural, a corrupção dos costumes
- os caloteiros, a svinice dos homens ricos, a miséria das crianças,
- o costume de casar as raparigas à força,
- as volúpias das damas da corte
- as mulheres mal-maridadas, a infidelidade feminina e masculina, os putanheiros
- os viciados em jogo, os faladores, as visitas inoportunas...

Sátiras incidem sobre pessoas:

- **a dona sandia; o covarde;** o desertor da guerra;
- um rei boêmio; o burguês unha de fome; o **trovador hiperbólico**,
- o velho que pinta o cabelo e que se apaixona por uma cortesã;
- a mãe que ensina a filha a saracotear e não a coser e a fiar;
- um frade que se dizia impotente mas que era arreytado (viril)
- as **convenções do amor cortês** tal como é expresso nas cantigas de amor.

Cantiga de escárnio

João Garcia de Guilhade

- Essas cantigas tinham o objetivo de satirizar alguma pessoa, sempre de modo indireto com o uso de duplos sentidos e ironia.
- A pessoa que era satirizada pela cantiga, normalmente, não era nomeada, mas sua identificação era feita por alusões indiretas.
- O tom da cantiga era mais cômico, e era cheia de trocadilhos, jogos de significados, a linguagem usada era bem sutil.

Ai, dona fea! foste-vos queixar
porque vos nunca louv'en meu trobar
mais ora quero fazer un cantar
en que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea, se Deus mi perdon!
e pois haveades tan gran coraçon
que vos eu loe en esta razon,
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçon:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

Cantiga de Maldizer

- O objetivo desta cantiga também é falar mal de alguma pessoa, mas ao contrário da cantiga de escárnio, esta é direta, sem nenhuma sutileza ou alusão.
- O eu-lírico atacava o alvo da cantiga com palavras forte e até de baixo calão, não era sempre que o nome da pessoa ofendida era revelado.
- A agressão define este tipo de cantiga, porém também há zombaria e uma linguagem culta em meio aos palavrões.



COMPOSIÇÕES SATÍRICAS PERO GARCIA BURGALÊS [séc. XIII]

Roi Queymado morreu cõ amor
en seus cãtares, par Sancta Maria,
por huña dona que grã ben queria;
e, por se meter por mays trobador,
por que lh' ela nõ quys o ben fazer,
fezess-s' el en seus cantares morrer,
mais resurgiu depouys, ao tercer dia!

Esto fez ele por hũa ssa senhor
que quer grã ben; e mays vus en diria:
por que cuyda que faz hi maestria,
enos cantares que fez ha ssabor
de morrer y e des y d' ar viver;
esto faz el, que x' o pode fazer,
mays outr' omem per rem nono faria.

E nom ha ja de ssa morte pavor,
senõ ssa morte mays la temeria,
mays sabe ben, per ssa sabedoria,
que viveraa, des quando morto for;
e fazess' en sseu cantar morte prender,
des y ar vive: vedes que poder
que lhi Deus deu, mais que nõ cuydaria!

E, sse mi Deus a mi desse poder
qual oj' el ha, pouys morrer, de viver,
ja mays morte nunca temeria.

Foi Rui Queimado morrer de amor
em seus cantares, ao que dizia,
por uma dama e porque queria
mostrar engenho de trovador.
Como ela lhe não quis valer,
fez-se ele em seus cantares morrer,
mas resurgiu ao terceiro dia.

Demonstrar quis o seu fervor
por uma dama, mas eu diria:
Preocupado com a mestria
dos seus cantares, tem o pendor
de, embora morto, lograr viver.
Isto só ele pode fazer
porque outro homem não o faria.

E já da morte não tem pavor,
Se não mil vezes a temeria.
Próprio é da sua sabedoria
Viver enquanto morto for.
Em seus cantares pode morrer
Estando vivo. Maior poder
Obter de Deus não poderia.

Desse-me Deus igual poder
de, embora morto, poder viver,
e nunca a morte me assustaria

► TROVADORISMO CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER

Roi Queymado morreu cõ amor
en seus câtares, par Sancta Maria,
por huña dona que grã ben quera;
e, por se meter por mays trobador,
por que lh' ela nõ quys o ben fazer,
fezess-s' el en seus cantares morrer,
mais resurgiu depòys, ao tercer dia!

Esto fez ele por hũa ssa senhor
que quer grã ben; e mays vus en diria:
por que cuyda que faz hi maestria,
enos cantares que fez ha ssabor
de morrer y e des y d' ar viver;
esto faz el, que x' o pode fazer,
mays outr' omem per rem nono faria.

E nom ha ja de ssa morte pavor,
senõ ssa morte mays la temeria,
mays sabe ben, per ssa sabedoria,
que viveraa, des quando morto for;
e fazess' en sseu cantar morte prender,
des y ar vive: vedes que poder
que lhi Deus deu, mais que nõ cuydaria!

E, sse mi Deus a mi desse poder
qual oj' el ha, poys morrer, de viver,
ja mays morte nunca temeria.

► Conteúdo semântico:

- Roi Queimado é satirizado como trovador de pouca qualidade e ridiculariza-se o amor cortês:
 - 1º: Roi Queimado, pretendendo-se melhor trovador e mais sincero amador, morreu de amor por ela.
 - 2º: Ele o fez porque acha que assim se mostra mais engenhoso do que os demais.
 - 3º: Como se eleito de Deus, já não teme a morte. Se ao poeta lhe fosse dado esse poder, também não a temeria e ressuscitaria como Queimado.

► Aspectos estruturantes:

- cantiga de **mestria** (sem refrão); **fiinda**;
- **Esquema rímico**: ABBACCB
- **rimas** emparelhadas (Maria/queria) e intercaladas (amor/trovador)...

Músicas
atuais com
características
trovadorescas

Com açúcar, com afeto
(Chico Buarque)

Amar não é pecado
(Luan Santana)

Sogra boa e sogra
ruim (Caju e Castanha)

Apêndice 2

TROVADORISMO PORTUGUÊS

CONTEXTO HISTÓRICO

Religiosidade é um elemento importante da época. O homem medieval norteia-se pelos valores religiosos e pela salvação da alma, tornando-se submisso à

A **arte** também é filtrada pela Igreja, fazendo com que muitas obras tenham temática religiosa. Como todas as coisas giram em torno de Deus, a época é chamada de

Arquitetura – o estilo nessa época é predominantemente _____. Esse estilo abre portas a um espaço público de ensinamento da história bíblica, de grandiosidade, símbolo da glória de Deus e da Igreja, símbolo do poder econômico da burguesia, do estado e de todos os que a financiaram. A arquitetura alta e pontuda apontava sempre para o céu, onde Deus está e os vitrais dos templos contam as histórias bíblicas.

Pintura e Tapeçaria – estilo gótico e flamengo. Caracteriza-se por ser predominantemente _____. Retratava cenas religiosas ou cenas costumeiras, do dia-a-dia. Sem noção de perspectiva, as personagens retratadas eram pintadas maiores ou menores de acordo com sua importância. Usam-se cores escuras, figuras esguias e delicadas. A tapeçaria seguia os mesmos padrões das pinturas, elas eram necessárias para manter o calor interno dos castelos no inverno.

Sociedade – O modo de organização política e social da época era o _____. Predominava o sistema agrário, em que os senhores do feudo eram os donos das terras, moravam em castelos e exerciam poder absoluto sobre os servos. Era uma sociedade estamental, isto é, não havia possibilidade de mobilidade entre as _____. A justificativa para essa não-mobilidade era dada pela Igreja Católica, que dizia que a organização da sociedade (Clero, Nobreza e Servos) era um reflexo da Santíssima Trindade. No topo da pirâmide, o Rei. Abaixo, _____, que era o responsável pela cultura, formado por aqueles representavam a vontade de Deus. Logo abaixo estava a _____, que ocupava o poder político do feudo, além de ser incumbida de guerrear. Na base da pirâmide estavam _____, que deveriam trabalhar, pagar impostos para a nobreza e não tinham direito a nenhum privilégio.

Alguns conceitos da **Literatura Trovadoresca**: A expressão deriva do verbo provençal *trobar*, que exprimia o poetar da época enquanto *ação de compor*, de *inventar*, de *criar*; designava-se _____ ao poeta que criava, instrumentava e, por vezes, entoava suas próprias composições poéticas; O poema recebia o nome de “_____” (ou ainda de “canção” e de “cantar”) pelo fato de o lirismo medieval associar-se intimamente com a

música; a poesia era cantada, ou entoada, e instrumentada. Letra e pauta musical andavam juntas.

A **Poesia Trovadoresca** pode ser dividida em dois gêneros: **lírico** e **satírico**. O gênero _____ se subdivide em duas categorias: cantigas de amor e cantigas de amigo. O gênero _____ é caracterizado pelas cantigas de escárnio e cantigas de maldizer.

Principais autores e suas obras:

Paio Soares Taveirós – de origem nobre galega, o _____ é o autor de ‘A Ribeirinha’, uma das cantigas de amor mais famosas e também considerada a primeira obra literária em língua galaico-portuguesa.

Dom Dinis – além de trovador, Dinis ostentava o pronome de tratamento ‘Dom’, ou seja, tratava-se de um _____. Sua obra é composta por 139 _____, a grande maioria de amor e com alto domínio técnico e lírico. Além de rei de Portugal, Dom Dinis é considerado um dos responsáveis pela renovação cultural da península ibérica.

João Garcia de Guilhade – trovador português autor de poemas célebres e _____, como ‘Ai Dona fea, fostes-vos queixar’. Apesar do reconhecimento de sua maestria e predisposição poética, muito de sua obra possui o caráter brejeiro.

Cantiga de amor

- MULHER como supremo Bem; A Mulher é sinônimo de _____ excelente;
- SERVIÇO: conjunto de deveres do vassalo para com o suserano;
- Sinônimo de amor: o amador consagra sua vida à Mulher; Fidelidade, constância, paciência, esperança, alegria, desprendimento, honra.

ASPECTOS TEMÁTICOS

- A “*coita d’amor,*” - a paixão vivida pelo trovador a serviço de uma _____.
- Louva-se as virtudes da Dama (“*mia senhor*”): beleza incomparável...
- O olhar como responsável pela transmissão do amor ao coração: “*por meu mal vos vi*”.
- O tema do elogio impossível, da falta de correspondência _____.
- Sandece: perda do apetite, a insônia e o tormento de amor. “*perdi o riir perdi o ssen e perdi o dormir*”.

- Eram as cantigas que tinham um eu-lírico _____ se direcionando para uma mulher idealizada e distante de sua realidade, também conhecido como vassalagem amorosa.
- O amor entre eles era _____, permanecendo apenas nos sonhos do eu-lírico.
- O nível social diferente entre o cavaleiro e a dama eram também característica marcante, o eu-lírico estava sempre abaixo.

Cantiga da Ribeirinha

Paio Soares de Taveirós

No mundo non me sei parelha,
entre me for como me vai,
Cá já moiro por vós, e – ai!
Mia senhor branca e vermelha.
Queredes que vos retraya
Quando vos eu vi em saya!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, desdaqueldi, ai!
Me foi a mi mui mal,
E vós, filha de don Paaí
Moniz, e bem vos semelha
Dhaver eu por vós guarvaia,
Pois eu, mia senhor, dalfaia
Nunca de vós houve nem hei
Valia dua correa.

Cantigas de amigo

VARIAÇÕES: ROMARIAS: sobre visitas a santuários.

Pois nossas madres van a San Simon
de Val de Prados candeas queimar (pagar promessas)
nós, as menininhas, punhemos d'andar

[**Pero Viviaes, ?**]

PASTORELAS: o cenário é rústico: o campo.

Tres moças cantavam d'amor

Mui fremosinhas pastores

Mui coitadas d'amores

[Lourenço, séc.XIII]

- A cantiga de _____, por mais que parece ser entre amizade, também é aborda o amor, mas diferente da cantiga de amor, esta tem como o eu-lírico uma _____ que canta sobre o seu “amigo”, que na verdade era o nome usada para definir o namorado. Normalmente se passa em um ambiente natural ou em uma conversa com amigas ou a própria mãe;
- Eram escritas por _____ devido à segmentação de gênero da época, e por isso ressaltavam muito a masculinidade;
- Um outro tema nas cantigas de amigo era a tristeza da mulher por seu namorado que foi à guerra. Nessa canção não há diferenças sociais, tanto a mulher quanto o “amigo” são do povo, ou seja, da plebe.

D. Dinis

Ai flores, ai flores do verde pinho

se sabedes novas do meu amigo,

ai deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,

se sabedes novas do meu amado,

ai deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,

aquele que mentiu do que pôs comigo,

ai deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,

aquele que mentiu do que me há jurado

ai deus, e u é?

Cantigas paralelísticas:

- aliam uma simplicidade de recursos semânticos ao elaborado _____ da sua expressão,
- através de um esquema de repetitividade que enriquece o sentido pelo tom de litania muitas vezes magoada, perplexa ou interrogativa, que cria.

Ai eu coitada!

Como vivo en gran cuidado

por meu amigo

que ei alongado!

Muito me tarda

o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!

que tarda e non vejo!

Como vivo en gran desejo

Muito me tarda

por meu amigo

o meu amigo na Guarda!

Cantigas satíricas

Sátiras tematizam problemas da época:

- a decadência da nobreza rural, a _____ dos costumes
- os caloteiros, a sôfrega dos homens ricos, a miséria das crianças
- o costume de casar as raparigas à força,
- as volúpias das _____ da corte
- as mulheres mal-maridadas, a infidelidade feminina e masculina, os putanheiros
- os viciados em jogo, os faladores, as visitas inoportunas...

Sátiras incidem sobre pessoas:

- **a dona sandia; o covarde;** o desertor da guerra;
- um rei boêmio; o burguês unha de fome; o **trovador hiperbólico**,
- o velho que pinta o cabelo e que se apaixona por uma cortesã;
- a mãe que ensina a filha a saracotear e não a coser e a fiar;
- um frade que se dizia impotente mas que era arreitado (viril)
- as **convenções do amor cortês** tal como é expresso nas cantigas de amor.

Cantigas de escárnio

- Essas cantigas tinham o objetivo de satirizar alguma pessoa, sempre de modo indireto com o uso de duplos sentidos e ironia.
- A pessoa que era _____ pela cantiga, normalmente, não era nomeada, mas sua identificação era feita por alusões indiretas.
- O tom da cantiga era mais cômico, e era cheia de trocadilhos, jogos de significados, a linguagem usada era bem sutil.

João Garcia de Guilhade

Ai, dona fea! foste-vos queixar

porque vos nunca louv'en meu trobar

mais ora quero fazer un cantar

en que vos loarei toda via;

e vedes como vos quero loar:

dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea, se Deus mi perdon!

e pois havedes tan gran coraçon

que vos eu loe en esta razon,

vos quero já loar toda via;

e vedes qual será a loaçon:

dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei

en meu trobar, pero muito trobei;

mais ora já un bon cantar farei,

en que vos loarei toda via;

e direi-vos como vos loarei:

dona fea, velha e sandia!

Cantigas de Maldizer

- O objetivo desta cantiga também é falar mal de alguma pessoa, mas ao contrário da cantiga de _____, esta é direta, sem nenhuma sutileza ou alusão.
- O eu-lírico atacava o alvo da cantiga com palavras forte e até de baixo calão, não era sempre que o nome da pessoa ofendida era revelado.
- A agressão define este tipo de cantiga, porém também há _____ e uma linguagem culta em meio aos palavrões.

COMPOSIÇÕES SATÍRICAS

PERO GARCIA BURGALÊS [séc. XIII]

Roi Queymado morreu cõ amor

en seus câtares, par Sancta Maria,

por huña dona que grã ben queria;

e, por se meter por mays trobador,

por que lh' ela ñ quys o ben fazer,

fezess-s' el en seus cantares morrer,

mais resurgiu depoy, ao tercer dia!

Esto fez ele por hũa ssa senhor

que quer grã ben; e mays vus en diria:

por que cuyda que faz hi maestria,

enos cantares que fez ha ssabor

de morrer y e des y d' ar viver;

esto faz el, que x' o pode fazer,
mays outr' omem per rem nono faria.
E nom ha ja de ssa morte pavor,
senõ ssa morte mays la temeria,
mays sabe ben, per ssa sabedoria,
que viveraa, des quando morto for;

e fazess' en sseu cantar morte prender,
des y ar vive: vedes que poder
que lhi Deus deu, mais que nõ cuydaria!
E, sse mi Deus a mi desse poder
qual oj' el ha, poys morrer, de viver,
ja mays morte nunca temeria.

► Conteúdo semântico:

- Roi Queimado é satirizado como trovador de pouca qualidade e ridiculariza-se o amor cortês:
 - 1ª: Roi Queimado, pretendendo-se melhor trovador e mais sincero amador, morreu de amor por ela.
 - 2ª: Ele o fez porque acha que assim se mostra mais engenhoso do que os demais.
 - 3ª: Como se eleito de Deus, já não teme a morte. Se ao poeta lhe fosse dado esse poder, também não a temeria e ressuscitaria como Queimado.

► Aspectos estruturantes:

- cantiga de **mestria** (sem refrão); **fiinda**;
- **Esquema rímico: ABBACCB - rimas** emparelhadas (Maria/queria) e intercaladas (amor/trovador)...

Apêndice 3

AVALIAÇÃO

1. Tendo em vista o que foi trabalhado em sala de aula, ouvir a música do seu Jorge e responder às seguintes questões: (1,0)

Mina do condomínio – seu Jorge

Tô namorando aquela mina
Mas não sei se ela me namora

Mina maneira do condomínio
Lá do bairro onde eu moro

Seu cabelo me alucina
Sua boca me devora
Sua voz me ilumina
Seu olhar me apavora
Me perdi no seu sorriso
Nem preciso me encontrar
Não me mostre o paraíso
Que se eu for, não vou voltar
Pois eu vou
Eu vou
Eu digo "oi" ela nem nada
Passa na minha calçada
Dou bom dia ela nem liga
Se ela chega eu paro tudo
Se ela passa eu fico doido
Se vem vindo eu faço figa
Eu mando um beijo ela não pega
Pisco olho ela se nega
Faço pose ela não vê

Jogo charme ela ignora
Chego junto ela sai fora
Eu escrevo ela não lê
Minha mina
Minha amiga
Minha namorada
Minha gata
Minha sina
Do meu condomínio
Minha musa
Minha vida
Minha Monalisa
Minha vênus
Minha deusa
Quero seu fascínio
Minha namorada
Do meu condomínio
Minha Monalisa
Quero seu fascínio

1. Essa música tem características de qual cantiga? Por quê?
 2. A cantiga faz referência a um homem ou a uma mulher?
 3. Como a mulher é tratada na cantiga?
 4. Como o homem é tratado pela mulher?
2. Utilizando o que você aprendeu nas aulas de trovadorismo, produza um texto utilizando as características de uma das cantigas estudadas nas aulas. Depois, responda: (2,5)
1. Qual das cantigas você escolheu?
 2. Quais são as características, no teu texto, que fazem essa cantiga ser desse tipo?

Apêndice 4



HUMANISMO

HUMANISMO

O **Humanismo** é o nome dado a uma corrente filosófica e artística que, na literatura representou um período de transição entre o Trovadorismo e o Classicismo, bem como da Idade Média para a Idade Moderna. O Humanismo Renascentista (XIV e XVI), nascido em Florença na Itália, foi um movimento intelectual de valorização do homem, donde o antropocentrismo (homem como o centro do mundo) era sua principal característica, em detrimento do teocentrismo da Idade Média.

CONTEXTO HISTÓRICO

- Assim, com a invenção da imprensa, as grandes navegações, a crise do sistema feudal (início do mercantilismo) e o aparecimento de nova classe social (burguesia), surge uma nova visão do ser humano, questionando os velhos valores num impasse desenvolvido entre a fé e a razão.
- Os humanistas representavam os estudiosos da cultura antiga, que se dedicavam sobretudo aos estudos dos textos da antiguidade clássica greco-romana.

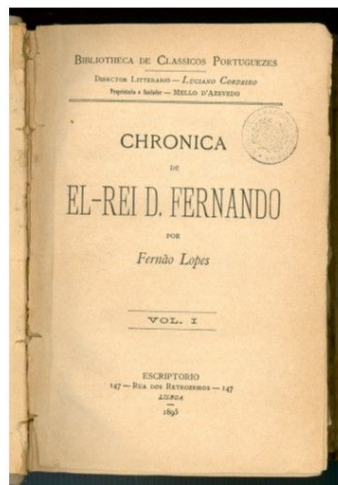
CARACTERÍSTICAS DO HUMANISMO

- Racionalidade
- Antropocentrismo - o homem no centro do conhecimento
- Cientificismo
- Descentralização do conhecimento – a Igreja perde o monopólio do conhecimento com o desenvolvimento da imprensa
- Valorização do corpo humano e das emoções
- Busca da beleza e perfeição

HUMANISMO PORTUGUÊS

- PROSA: Fernão Lopes
 - Fernão Lopes (1390-1460) foi o maior representante da [prosa historiográfica](#) humanista, além de fundador da historiografia portuguesa; de suas obras se destacam: Crônica de El-Rei D. Pedro I, Crônica de El-Rei D. Fernando e Crônica de El-Rei D. João I.
- POESIA: Garcia de Resende
 - Por fim, com destaque para a poesia palaciana, Garcia de Resende (1470-1536) foi seu maior representante com sua obra o Cancioneiro Geral (1516).
- TEATRO - Gil Vicente
 - O teatro popular, a poesia palaciana e a crônica histórica foram os gêneros mais explorados durante o período do humanismo em Portugal.
 - [Gil Vicente](#) (1465-1536) foi considerado o pai do teatro português, escrevendo "Autos" e "Farsas", dos quais se destacam: Auto da Visitação (1502), O Velho da Horta (1512), [Auto da Barca do Inferno](#) (1516), Farsa de Inês Pereira (1523)

FERNÃO LOPES – Crônica de El-Rei D. Fernando



FERNÃO LOPES – Crônica de El-Rei D. Fernando



CHRONICA DO SENHOR REI D. FERNANDA NONO REI DE PORTUGAL

Do reinado d'el-rei D. Fernando e das condições que n'ele havia.

“Reinou o infante D. Fernando, primogênito filho d'el-rei D. Pedro, depois de sua morte, havendo então de sua idade vinte e dois anos e sete mezes e dezoito dias : mancebo valente, ledo e namorado, amador de mulheres e achegador a ellas. Havia bem composto corpo e de razoada altura, formoso em parecer e muito vistoso ; tal que estando cerca de muitos homens, posto que conhecido não fosse, logo o julgavam por rei dos outros.”

POESIA PALACIANA

- A **poesia palaciana** foi desenvolvida a partir do século XV dentro do movimento literário denominado Humanismo. Recebeu esse nome pois ela era produzida nos palácios, destinado aos nobres. Ou seja, elas tinham o intuito de entreter os membros da Corte.
- A poesia palaciana foi reunida pelo poeta português Garcia Resende (1482-1536) no “*Cancioneiro Geral*” (1516). O cancioneiro reunia cerca de 900 produções poéticas da época. Os principais escritores reunidos no cancioneiro foram: Garcia de Resende, João Ruiz de Castelo Branco, Nuno Pereira, Fernão da Silveira, Conde Vimioso, Aires Teles, Diogo Brandão e [Gil Vicente](#).
- Os principais temas explorados pela poesia palaciana eram: costumes da corte, temas religiosos, satíricos, líricos e heroicos.

POESIA PALACIANA

- **Principais Características**

- Ausência de instrumentos musicais
- Eram para ser declamadas
- Separação entre poesia e música
- Uso de figuras de linguagem
- Presença de idealismo e sensualidade
- Métrica, ritmo e expressividade

“Meu amor tanto vos quero,
que deseja o coração
mil cousas contra a razão.

Porque, se vos não quisesse,
como poderia ter
desejo que me viesse
do que nunca pode ser?
Mas conquanto desespero,
e em mim tanta afeição,
que deseja o coração.”

(Aires Teles)

POESIA PALACIANA

Se/nho/ra,/ par/tem/ tam /tris/tes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes

outros nenhuns por ninguém.

tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tam tristes, os tristes,
tam fora de esperar bem
que nunca tam tristes vistes

outros nenhuns por ninguém.

(João Roiz De Castelo-branco)

- Trova curta de forma fixa
- Sistema mote e glosa
 - Mote: de 4 a 5 versos
 - Glosa: de 8 a 10 versos
- Repetição do último verso do mote
- Redondilho: “medida velha”
- Temática amorosa
- “encerra forte carga poética”

TEATRO – Gil Vicente

- **Gil Vicente** foi poeta e dramaturgo português, considerado o “Pai do Teatro Português”. Em Portugal, Gil Vicente foi a figura mais importante do humanismo literário.



- **Obras**
- Monólogo do Vaqueiro ou Auto da visitação
- Auto Pastoril Castelhana
- Auto dos Reis Magos
- O Velho da Horta
- [Auto da Barca do Inferno](#)
- Auto da Barca do Purgatório
- Auto da Barca do Paraíso
- Auto da Sibila Cassandra
- Auto da Festa
- Auto da Índia
- Farsa de Inês Pereira
- Floresta de Enganos

TEATRO

- Teatro de ideias
 - “um mestre da representação social”
 - “estrutura processional”
 - personagens-tipo
 - simbolizam uma classe ou um grupo profissional: nobreza, clero, povo.
- apresentam linguagem apropriada a sua origem social.
- associados a objetos que simbolizam sua condição social.
- Auto: peça breve, de assunto religioso ou profano, escrita em versos redondilhos.
- **COMICIDADE DE LINGUAGEM**
 - Jogos de palavras, trocadilhos
 - Utilização irônica da rima, graças ao seu conteúdo ambíguo
 - Gírias e uso de termos grosseiros

Auto da Barca do Inferno



• Vem o Fidalgo e, chegando ao batel infernal, diz:

FIDALGO Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?

DIABO Vai pera a ilha perdida,
e há-de partir logo ess'ora.

FIDALGO Pera lá vai a senhora?

DIABO Senhor, a vosso serviço.

FIDALGO Parece-me isso cortiço...

DIABO Porque a vedes lá de fora.

FIDALGO Porém, a que terra passais?

DIABO Pera o inferno, senhor.

FIDALGO Terra é bem sem-sabor.

DIABO Quê?... E também cá zombais?

FIDALGO E passageiros achais
pera tal habitação?

DIABO Vejo-vos eu em feição
pera ir ao nosso cais...

Auto da Barca do Inferno

• TIPIFICAÇÃO SOCIAL
Cada um leva a insígnia da sua vida

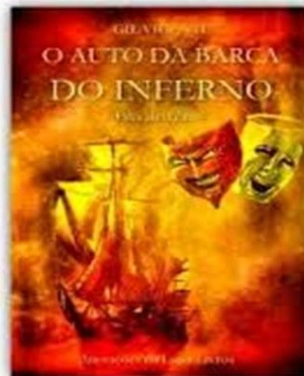
- Fidalgo: representa a nobreza opressora, vaidosa e arrogante (cadeira, pagem).
- Onzeneiro: usurário, agiota (bolsão).
- Parvo: indivíduos explorados pelos seus senhores.
- Sapateiro: profissional liberal que explora as camadas populares (avental, fôrmas).
- Frade: símbolo da vida mundana, do falso moralismo religioso (espada, amante...).
- Judeu: leva um bode nas costas e representa a aversão ao cristianismo.

- Alcoviteira (Brísida Vaz): representa a prostituição.
- Corregedor e o Procurador: a magistratura corrupta (processos).
- Enforcado: o que se deixa corromper ("baraço").
- Cavaleiros: representam a fé cristã (Cruz de Cristo).



Auto da Barca do Inferno

- [Audiobook](#)



Auto da Compadecida



Apêndice 5

Atividade com o audiobook e a cena do filme.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Personagens: Fidalgo, Onzeneiro, o Parvo, Sapateiro, Frade, Brísida Vaz, Judeu, Corregedor, Procurador, Cavalheiros

Quem vai para o céu e quem vai para o inferno? Por quê?

Diabo – capitão da barca do Inferno

Anjo – capitão da barca do Céu

Auto da Compadecida

Personagens do Julgamento: João Grilo, Padre, Bispo, Severino, Padeiro e a mulher do padeiro

Personagens e seus crimes:

AUTO DA COMPADECIDA - JULGAMENTO

MANUEL

Como queira. Faça seu relatório

JOÃO GRILO

Foi gente que eu nunca suportei: promotor, sacristão, cachorro e soldado de polícia. Esse aí é uma mistura disso tudo.

MANUEL

Silêncio, João, não perturbe. (Ao Encourado.) Faça a acusação do bispo

ENCOURADO

Simonia: negociou com o cargo, aprovando o enterro de um cachorro em latim, porque o dono lhe deu seis contos.

BISPO

E é proibido?

ENCOURADO

Homem, se é proibido eu não sei. O que eu sei é que você achava que era e depois, de repente, passou a achar que não era. E o trecho que foi cantado no enterro é uma oração da missa dos defuntos.

BISPO

Isso é aí com meu amigo sacristão. Quem escolheu o pedaço foi ele.

ENCOURADO

Falso testemunho: citou levemente o Código Canônico, primeiro para condenar o ato do padre e contentar o ricoço Antônio Moraes, depois para justificar o enterro. Velhacaria: esse bispo tinha fama de grande administrador, mas não passava de um político, apodrecido de sabedoria mundana.

BISPO

Quem fala! Um desgraçado que se perdeu por causa disso...

MANUEL

Não interrompa, não é esse o momento de discutir isso. Pode continuar.

ENCOURADO

Arrogância e falta de humildade no desempenho de suas funções: esse bispo, falando com um pequeno, tinha uma soberba só comparável à subserviência que usava para tratar com os grandes. Isto sem se falar no fato de que vivia com um santo homem, tratando-o sempre com o maior desprezo.

AUTO DA BARCA DO INFERNO

Vem um Frade com uma rapariga pela mão, um escudo e uma espada na outra e um capacete debaixo do capuz. E ele mesmo fazendo uma vénia, começa a dançar, cantando:

(...)

DIABO

Que coisa tão preciosa...

Entraí, padre reverendo!

FRADE

E para onde levais a gente?

DIABO

Para aquele fogo ardente,

Que não temestes vivendo.

FRADE

Juro a Deus que não te entendo!

E este hábito, de nada vale? (*as veste religiosas*)

DIABO

Gentil padre mundanal,

A Belzebu vos encomendo!

FRADE

Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,

Que eu não posso entender isto!

Hei de eu ser condenado?!...

Um padre tão enamorado

E tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

Que eu estou muito admirado!

DIABO

Não penses em mais detença. (*demora*)

Embarcai e partiremos:

Tomareis um par de ramos.

Como é criticada a igreja nos dois Autos?

Qual o papel do Diabo no *Auto da Compadecida*? E no *Auto da Barca do Inferno*?

No final do julgamento do *Auto da Compadecida*, para onde o Bispo é mandado? E o Frade no *Auto da Barca do Inferno*?

Apêndice 6

ATIVIDADE AVALIATIVA

De acordo com as discussões feitas em sala de aula, responda às seguintes questões: (Cada questão vale 0,5)

1. Gil Vicente faz várias críticas à sociedade da época, escolha um personagem e responda:
 - a) Qual é essa crítica?
 - b) Através de que personagem essa crítica é feita?
2. No *Auto da Barca do Inferno*, Gil Vicente representa os vícios dos homens e da sociedade representados por frades libertinos, magistrados corruptos, mulheres adúlteras, etc. No *Auto da Compadecida*, Ariano Suassuna também faz críticas a sociedade brasileira utilizando quais personagens-tipo?
3. Quais são os personagens alegóricos no *Auto da Barca do Inferno* e o que eles representam?
4. No *Auto da Barca do Inferno*, o Parvo foi um dos poucos personagens que não foi para o Inferno. Leia o trecho abaixo que mostra o Anjo deixando ele entrar na barca e responda:
 - a. Quem o personagem do Parvo representa na sociedade portuguesa?
 - b. Por que o Anjo deixou ele embarcar na Barca do Céu?

“Chega o Parvo ao batel do Anjo diz:

PARVO

Oh da barca!

ANJO

Que me queres?

PARVO

Queres-me passar além?

ANJO

Quem és tu?

PARVO

Talvez alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;

Porque em todas os teus afazeres,

Por malícia não erraste.

Da tua simpleza te bastastes,

Para gozar dos prazeres.

Espera no entanto aí,

Veremos se vem mais alguém,

Merecedor de tal bem,

Que deva entrar aqui.”

5. Inicialmente, nenhuma das barcas queria levar o Judeu. Depois de muita discussão, o Judeu e sua cabra acabam embarcando em um barquinho rebocado pela Barca do Inferno. Leia o trecho que segue entre o Diabo e o Parvo e responda por que ninguém queria levá-lo? O que o personagem do Judeu representa?

“DIABO

Judeu, ali te passarão,

Porque vão mais despejados. (mais vazios, referindo-se à barca do paraíso)

PARVO

Ele mijou nos finados (nos mortos)

Na igreja de São Gião!

E comia a carne da panela

No dia de Nosso Senhor!

Goza com o salvador,

E mija na caravela!

DIABO

Vamos, vamos! Demos à vela!

E vós, Judeu, ireis à toa,

Que sois muito ruim pessoa.

Levai o cabrão na trela!”

6. O corregedor e o procurador são os representantes da lei, porém ambos vão para o Inferno. Por quê?

Apêndice 7

Aula 1 e 2 – Conhecer o gênero

O artigo de opinião pode ser publicado em jornais, revistas ou internet; e, é assinado por um articulista que, jornalista profissional ou não, normalmente é uma autoridade no assunto ou uma “personalidade” cujas posições sobre questões debatidas publicamente interessam a muitos. E é por esse motivo que ele assina o artigo, responsabilizando-se pessoalmente pelo que diz. (p. 19)

O artigo de opinião gera discussões, pois há diferentes pontos de vista sobre os assuntos que os envolvem. O articulista assume posição própria nesse debate procurando justificá-las, pois argumentos bem fundamentados têm maior probabilidade de convencer os leitores. Ao escrever seu artigo, o autor apresenta seu ponto de vista inserindo-o na história e no contexto do debate, por isso tende a incorporar ao seu discurso a fala dos participantes que já se pronunciaram a respeito do assunto. (p. 20)

Principais Características

As principais características dos artigos de opinião são:

- Uso da argumentação e persuasão
- Textos em primeira e terceira pessoa
- Textos assinados pelo autor
- Textos veiculados nos meios de comunicação
- Linguagem simples, objetiva e subjetiva
- Temas da atualidade
- Títulos polêmicos e provocativos
- Verbos no presente e no imperativo

Após falar um pouco sobre o artigo de opinião, pedir aos alunos para abrir o site do Diário Catarinense <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/>> . Discutir os títulos das manchetes que aparecem no momento. Depois pedir para os alunos abrirem a notícia: “Vinte carteiras de motorista são apreendidas e um condutor é preso em blitz da Lei Seca em Florianópolis” no endereço: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/09/vinte-carteiras-de-motorista-sao-apreendidas-e-um-condutor-e-preso-em-blitz-da-lei-seca-em-florianopolis-9912083.html>

Discutir o estilo da notícia, se há assinatura, opinião pessoal, quais os tipos de informação que apresenta na notícia.

Depois, pedir para os alunos acessarem o texto “A viralização do senso comum” no link: <http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>

Pedir para responder as perguntas em dupla:

- Em que veículo o texto foi publicado? É bastante conhecido do público?
 - Quem escreveu? Há mais informações além do nome?
 - Qual é o assunto principal do texto? É atual ou ultrapassado em relação a data de publicação?
 - Para que tipo de leitor o artigo é direcionado? Qual a relevância do assunto para esse leitor?
 - Com que finalidade esse assunto é abordado?
 - Considerando que é um texto argumentativo, que ideia ou tese o autor parece defender? Com que argumentos? (questões para discussão da p. 40)
- Depois abrir discussão no grande grupo.

Assuntos para os artigos:

- O uso das redes sociais para fomentar a violência;

Com base do que foi estudado, pedir para os alunos responder Às seguintes questões pensando num possível artigo de opinião escrito por eles.

- Que aspecto da notícia será discutido?
- Qual a opinião será defendida a esse respeito?
- Que argumentos serão utilizados para isso?
- De quais fatos ou dados deve-se partir?
- O que será escrito na “introdução”, de forma que possa indicar ao leitor qual será o contexto da discussão?
- Como serão desenvolvidos os argumentos?
- Como concluir?
- Que título será mais adequado para já situar o leitor acerca da opinião defendida e despertar o interesse dele?

Aula 3 – Pesquisa e plágio

Organização do texto:

Introdução – exposição da opinião, dados

Desenvolvimento – argumentação, defesa da opinião, justificativas

Veja alguns exemplos de argumentação, para preparar o seu texto opinativo:

- Argumento de Causa: Propor uma relação com uma causa e consequência em sua argumentação.
- Argumento de Autoridade: Sempre usar uma fonte, ou um estudo confiável para ter uma credibilidade ao que você defende.
- Argumento de Exemplificação: Mostrar inúmeras comparações e exemplos para ilustrar o seu argumento.

Conclusão – reforço da ideia

Pesquisa:

Agora que cada aluno tem o assunto que irá escrever, pedir para eles fazerem uma pesquisa na internet para poderem justificar as suas argumentações. (dados histórico-culturais, estatísticas, pontos de vista de diferentes autoridades, causas e consequências, exemplos de acontecimentos, etc).

Conforme os alunos pesquisam, trabalhar com eles sobre sites confiáveis (ex: jornais, sites de secretarias, órgão públicos, universidades, entrevistas de autoridades sobre os assuntos, etc) e plágio. Fazer uma grande discussão em grupo.

Terminada a pesquisa, pedir para os alunos fazerem uma síntese das informações mais relevantes, pois servirá para sustentar a argumentação na hora da escrita do artigo. Lembrá-los de guardar a fonte.

Aulas 4 e 5 – Iniciando a escrita

Com o esquema anterior para o texto e a pesquisa em mãos, pedir para cada aluno escrever seu texto individualmente.

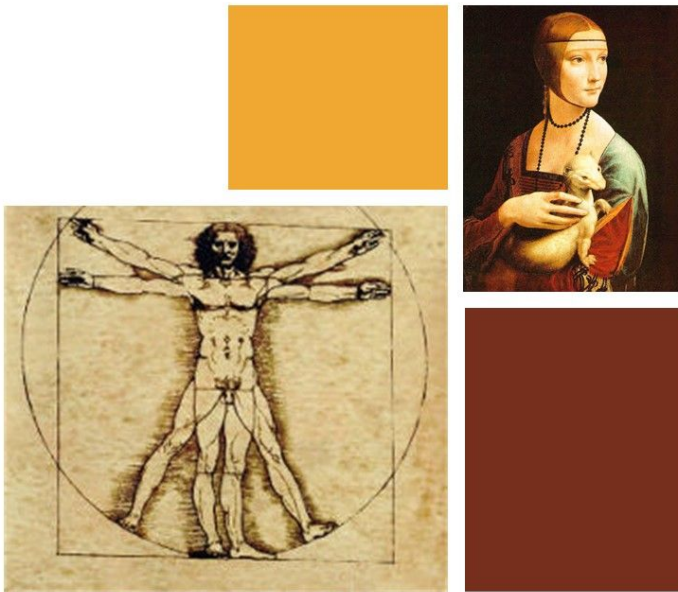
Com a 1ª versão do texto pronto. Pedir para os alunos relerem seu próprio texto seguindo as seguintes orientações: (p. 160)

- Seu artigo parte de uma questão polêmica?
- Você colocou o leitor a par da questão?
- Tomou uma posição?
- Introduziu sua opinião com expressões “penso que”, “na minha opinião”?
- Levou em consideração os pontos de vista dos opositores para construir seus argumentos?
- Utilizou expressões que introduzem os argumentos, como: “pois”, “porque”?
- Utilizou expressões para anunciar a conclusão, como: “então”, “assim”, “portanto”?
- Concluiu o texto reforçando sua posição?
- Encontrou um bom título para o artigo?

Os alunos deverão entregar a versão pronta para a professora estagiária.

Aula 6 - Reescritura

Devolução da 1ª versão dos alunos com apontamento para reescritura.



CLASSICISMO

Classicismo

O **Classicismo** corresponde a um movimento artístico cultural que ocorreu durante o período do Renascimento (a partir do século XV) na Europa. O nome do movimento que marca o fim da Idade Média e início da Idade Moderna, faz referência a uma de suas principais características: retorno aos modelos clássicos (greco-romano). No campo da literatura, Classicismo é o nome dado aos estilos literários que vigoravam no século XVI, na época do Renascimento e por isso, é chamada de **Literatura Renascentista**.

Contexto Histórico

- Historicamente o Renascimento é do séc XIV – XVI. Teve o início na Itália e depois se estendeu para os outros países da Europa. Rota Comercial
- Na idade Média o principal atributo da sociedade era a religião. TEOCENTRISMO
- No humanismo começou a questionar diversas questões uma vez que o cientificismo despontava e muitos estudiosos foram capazes de apresentar suas pesquisas e propor novas formas de análise do mundo e da vida, que fossem além do divino, ou seja, baseada na racionalidade humana e no ANTROPOCENTRISMO. Cultura laica.

Contexto Histórico

- Esse momento esteve marcado por grandes transformações e descobertas históricas, como:
 - ✓ as Grandes Navegações
 - ✓ a Reforma Protestante (o que levou a uma crise religiosa) encabeçada por Lutero
 - ✓ invenção da Imprensa pelo alemão Gutenberg
 - ✓ fim do sistema feudal (início do capitalismo)

Contexto Histórico

- Foi nesse contexto que as pessoas buscavam novas expressões artísticas pautadas no equilíbrio clássico e surgiu o renascimento cultural, período de grandes transformações artísticas, culturais, políticas a qual espalhou-se por todo o continente europeu.
- Sociedade: ricos e urbanos (burguesia)
- Artistas / Intelectuais / Filósofos
- Mecenaz (pessoas que patrocinava os artistas): nobreza e igreja.

Diferenças

Medieval

- Teocentrismo
- Verdade = Bíblia
- Feudalismo
- Natureza = Pecado
- Educação Centralizada (Clero)

Renascentista

- Antropocentrismo
- Verdade = Ciências, experimentos
- Mercantilismo
- Natureza = Hedonismo (prazeres da carne, belo)
- Educação mais popular

Características do Classicismo

- Racionalismo: a razão predomina sobre o sentimento, ou seja, a expressão dos sentimentos era controlada pela razão.
- Cientificismo / Experimentalismo – tendência intelectual que preconiza a adoção do método científico (Ciências naturais, filosofia, artes, etc).
- Universalismo: os assuntos pessoais ficaram de lado e as verdades universais (de preocupação universal) passaram a ser privilegiadas.
- Perfeição formal: métrica, rima, correção gramatical, tudo isso passa a ser motivo de atenção e preocupação.

Características do Classicismo

- Humanismo / Antropocentrismo: o homem dessa época se liberta dos dogmas da Igreja e passa a se preocupar com si próprio, valorizando a sua vida aqui na Terra e cultivando a sua capacidade de produzir e conquistar. Porém, a religiosidade não desapareceu por completo.
- Objetividade: em decorrência da preocupação com temas universais, o subjetivismo é superado pelo objetivismo, chegando a posturas científicas com base na observação da realidade.
- Hedonismo (belo, prazer) = Carpe Diem

Características do Classicismo

- Presença da mitologia greco-latina: Os deuses e as musas, inspiradoras dos clássicos gregos e latinos parecem também nos clássicos renascentistas: Os Lusíadas: (Vênus) = a deusa do amor; Marte (o deus da guerra), protegem os portugueses em suas conquistas marítimas.

A Linguagem do Classicismo

- A **linguagem do classicismo** é clássica, formal, objetiva, equilibrada e racional. Assim, os autores do classicismo priorizavam a linguagem culta e o rigor estético.

Classicismo em Portugal

- O marco inicial do movimento foi a chegada do poeta Francisco Sá de Miranda à Portugal. Assim, vindo do berço do Renascimento, a Itália, ele se inspirou no humanismo italiano, trazendo uma nova forma de poesia: o “dolce stil nuovo” (Doce estilo novo), baseada na forma fixa do soneto (2 quartetos e 2 tercetos), nos versos decassílabo e a oitava rima.

O sol é grande, caem co'a calma as aves,
Do tempo em tal sazão que sói ser fria:
Esta água, que d'alto cai, acordar-m'-ia,
Do sono não, mas de cuidados graves.

Ó coisas todas vãs, todas mudaves,
Qual é o coração qu'ém vós confia?
Passando um dia vai, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naves!

Eu vi já por aqui sombras e flores,
Vi águas, e vi fontes, vi verdura;
As aves vi cantar todas d'amores.

Tudo é seco e mudo; e, de mestura,
Também mudando-m'eu fiz doutras cores;
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

Classicismo em Portugal

- No entanto, foi a partir de Luís de Camões, considerado um dos maiores poetas portugueses e da literatura mundial, que a literatura classicista portuguesa ganha notoriedade. Sua grande obra é chamada de "Os Lusíadas" (1572), uma epopeia classicista donde narra a viagem de Vasco da Gama às Índias, escrita em 10 cantos, composta de 8816 versos decassílabos em oitava rima distribuídos em 1120 estrofes. O Classicismo em Portugal permaneceu até 1580, ano da morte de Camões e também da União das Coroaas Ibéricas, aliança estabelecida até 1640 (com a restauração de Portugal) entre Espanha e Portugal.

Camões

Soneto

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Camões

Lusíadas

Canto I

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana

Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram
devastando,
E aqueles que por obras valorosos
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Principais Autores Portugueses e Obras

- Sá de Miranda (1481-1558) e sua obra “Poesias” (1677)
- Luís de Camões (1524-1580) e a epopeia “Os Lusíadas” (1572)
- Bernardim Ribeiro (1482?-1552?) e a novela “Menina e Moça” (1554)
- António Ferreira (1528-1569) e a tragédia “A Castro” (1587)

Literatura

- **Épico** – gênero de construção de uma narrativa nacional, seguindo o modelo greco-romano. Fala de grandes feitos, conquistas e tem o HOMEM como o herói.
- **Sátira** - faz uma ridiculariza e critica a alguém ou a algo, em tom sério ou irônico – ideias / costumes medievais (clero e nobreza)

Literatura

- Dante Alighieri – A Divina Comédia. O autor percorre pelo Inferno (34 cantos), Purgatório (33 cantos) e o Paraíso (33 cantos).
- Luís de Camões – Os Lusíadas – Epopeia de Vasco da Gama – Homem vencendo os deuses. 10 cantos.
- Miguel de Cervantes - Dom Quixote – critica as novelas de cavalaria – o personagem principal enlouquece de tanto ler.
- Nicolau Maquiavel – O Príncipe – é um tratado político que serviu como base para modelar a estrutura governamental dos tempos modernos.
- Shakespeare – Hamlet – tragédia / Sonho de uma noite de Verão - Comédia

Artes Plásticas – Pintura e Escultura

Ainda terá algumas obras com o teor religioso, já que a igreja patrocinava muitos artistas.

- **Luz e Sombra** – preocupação com a luminosidade nos quadros
- **Perspectiva** – as dimensões matemáticas eram testadas com novas relações de perspectivas
- **Cores Fortes** – o uso de cores vibrantes x a sobriedade da arte medieval

Michelangelo – Italiano – pintor, escultor e arquiteto

Davi



O Ato da Criação



Rafael Sanzio – italiano – pintor e arquiteto

O casamento da virgem



A Madona e o Menino



Donatello – Italiano - escultor

Davi



Madalena



Leonardo Da Vinci – Italiano – artista e inventor

A Santa Ceia



Monalisa



Vasco Fernandes – Português - Pintor

São Pedro



Anunciação



Jorge Afonso – Português - pintor

Aparecimento de Cristo Ressuscitado à Virgem



Anunciação



Música

- Os compositores renascentistas passaram a ter um grande interesse pela música profana (música não religiosa). No entanto, os maiores tesouros musicais foram compostos para a igreja (música sacra). Esses compositores dão muito mais atenção a harmonia. E os contra pontos, que existiam na música medieval, foram muito mais desenvolvidos.
- O estilo da música renascentista é polifônico, onde várias melodias eram tocadas ou cantadas ao mesmo tempo, e o estilo policoral, sem acompanhamento de instrumentos, que revela um alto grau de complexidade e sofisticação de combinações harmônicas.

Música

Giovanni Gabrieli – Veneza (1553 – 1612) -

[Música](#)

Giovanni Pierluigi da Palestrina – Palestrina (1514 – 1594)

[Música](#)

Apêndice 9

HANDOUT ALUNOS

CLASSICISMO

O Classicismo corresponde a um movimento artístico cultural que ocorreu durante o período do Renascimento (a partir do século XV) na Europa. O nome do movimento que marca o fim da Idade Média e início da Idade Moderna, faz referência a uma de suas principais características: retorno aos modelos clássicos (greco-romano). No campo da literatura,

Classicismo é o nome dado aos estilos literários que vigoravam no século XVI, na época do Renascimento e por isso, é chamada de Literatura Renascentista.

Contexto Histórico

Na idade Média o principal atributo da sociedade era a religião. Portanto, esse momento esteve majoritariamente marcado pelo teocentrismo (Deus no foco do mundo), donde o grande lema estava calcado nos dogmas e preceitos da Igreja Católica, que cada vez mais adquiria fiéis. Nesse ínterim, pessoas que estivessem contra ou questionassem esses dogmas, eram excomungados ou em últimos casos a morte.

Nesse sentido, o humanismo que surgiu a partir do século XV na Europa, começou a questionar diversas questões uma vez que o cientificismo despontava e muitos estudiosos foram capazes de apresentar suas pesquisas e propor novas formas de análise do mundo e da vida, que fossem além do divino, ou seja, baseada na racionalidade humana e no antropocentrismo (homem no centro do mundo).

A partir disso, esse momento esteve marcado por grandes transformações e descobertas históricas, como as Grandes Navegações, a Reforma Protestante (o que levou a uma crise religiosa) encabeçada por Lutero, invenção da Imprensa pelo alemão Gutenberg, fim do sistema feudal (início do capitalismo) e o cientificismo de Copérnico e Galileu. Foi nesse contexto que as pessoas buscavam novas expressões artísticas pautadas no equilíbrio clássico e surgiu o renascimento cultural, período de grandes transformações artísticas, culturais, políticas a qual espalhou-se por todo o continente europeu.

Classicismo em Portugal

Em Portugal, o Classicismo compreende o período literário do século XVI (entre 1537 e 1580). O marco inicial do movimento foi a chegada do poeta Francisco Sá de Miranda à Portugal. Assim, vindo do berço do Renascimento, a Itália, ele se inspirou no humanismo italiano, trazendo uma nova forma de poesia: o “dolce stil nuovo” (Doce estilo novo), baseada na forma fixa do soneto (2 quartetos e 2 tercetos), nos versos decassílabo e a oitava rima. No entanto, foi a partir de Luís de Camões, considerado um dos maiores poetas portugueses e da literatura mundial, que a literatura classicista portuguesa ganha notoriedade. Sua grande obra é chamada de “Os Lusíadas” (1572), uma epopeia classicista donde narra a viagem de Vasco da Gama às Índias, escrita em 10 cantos, composta de 8816 versos decassílabos em oitava rima distribuídos em 1120 estrofes. O Classicismo em Portugal permaneceu até 1580, ano da morte de Camões e também da União das Coroas Ibéricas, aliança estabelecida até 1640 (com a restauração de Portugal) entre Espanha e Portugal.

Características do Classicismo

- Racionalismo: a razão predomina sobre o sentimento, ou seja, a expressão dos sentimentos era controlada pela razão.
- Universalismo: os assuntos pessoais ficaram de lado e as verdades universais (de preocupação universal) passaram a ser privilegiadas.

- Perfeição formal: métrica, rima, correção gramatical, tudo isso passa a ser motivo de atenção e preocupação.
- Presença da mitologia greco-latina: Os deuses e as musas, inspiradoras dos clássicos gregos e latinos parecem também nos clássicos renascentistas: Os Lusíadas: (Vênus) = a deusa do amor; Marte (o deus da guerra), protegem os portugueses em suas conquistas marítimas.
- Humanismo / Antropocentrismo: o homem dessa época se liberta dos dogmas da Igreja e passa a se preocupar com si próprio, valorizando a sua vida aqui na Terra e cultivando a sua capacidade de produzir e conquistar. Porém, a religiosidade não desapareceu por completo.
- Amor Platônico: Os poetas clássicos revivem a idéia de Platão de que o amor deve ser sublime, elevado, espiritual, puro, não-físico.
- Objetividade: em decorrência da preocupação com temas universais, o subjetivismo é superado pelo objetivismo, chegando a posturas científicas com base na observação da realidade.

A Linguagem do Classicismo

A **linguagem do classicismo** é clássica, formal, objetiva, equilibrada e racional. Assim, os autores do classicismo priorizavam a linguagem culta e o rigor estético.

Principais Autores e Obras do Classicismo

- Sá de Miranda (1481-1558) e sua obra “Poesias” (1677)
- [Luís de Camões](#) (1524-1580) e a epopeia “[Os Lusíadas](#)” (1572)
- Bernardim Ribeiro (1482-1552) e a novela “Menina e Moça” (1554)
- António Ferreira (1528-1569) e a tragédia “A Castro” (1587)

O sol é grande, caem coa calma as aves,
Do tempo em tal sação que sói ser fria:
Esta água, que dalto cai, acordar-me-ia,
Do sono não, mas de cuidados graves.

Ó coisas todas vãs, todas mudaves,
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vai, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naves!

Eu vi já por aqui sombras e flores,
Vi águas, e vi fontes, vi verdura;
As aves vi cantar todas damores.

Mudo e seco é já tudo; e de mistura,

Também fazendo-me eu fui doutras cores;
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

Sá de Miranda

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Algua cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Luís de Camões

INTERTEXTUALIDADE

Intertextualidade

Intertextualidade é o nome dado à relação que se estabelece entre dois textos, quando um texto já criado exerce influência na criação de um novo texto. É o diálogo entre textos, de forma que essa relação pode ser estabelecida entre as produções textuais que apresentem diversas linguagens (visual, auditiva, escrita), sendo expressa nas artes (literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema), propagandas publicitárias, programas televisivos, provérbios, charges, dentre outros.

Intertextualidade explícita e intertextualidade implícita

A intertextualidade pode ser caracterizada como explícita ou implícita, de acordo com a relação estabelecida com o texto fonte, ou seja, se mais direta ou se mais subentendida.

Intertextualidade Explícita

- é facilmente identificada pelos leitores;
- estabelece uma relação direta com o texto fonte;
- apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- não exige que haja dedução por parte do leitor;
- apenas apela à compreensão dos conteúdos.

Intertextualidade Explícita



Intertextualidade Implícita

- não é facilmente identificada pelos leitores;
- não estabelece uma relação direta com o texto fonte;
- não apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- exige que haja dedução, inferência, atenção e análise por parte dos leitores;
- exige que os leitores recorram a conhecimentos prévios para a compreensão do conteúdo.

Intertextualidade Implícita



- Mania de você – Rita Lee

Meu bem você me dá água na boca
Vestindo fantasias, tirando a roupa

Tipos de Intertextualidade

Na **paráfrase**, a intertextualidade incide na temática. Há uma reafirmação das ideias do texto fonte. É a recriação de um texto já existente mantendo a mesma ideia contida no texto original, entretanto, com a utilização de outras palavras. Exemplo:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Canção do exílio / Gonçalves Dias

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Canto de Regresso à Pátria /
Oswaldo de Andrade

Tipos de Intertextualidade

Na **paródia** ocorre a subversão da temática do texto fonte, alterando e contrariando o que foi expresso anteriormente de forma irônica e satírica. Visa a crítica e a reflexão, promovidas através de um momento de fruição e jocosidade. Esse recurso é muito utilizado pelos programas humorísticos.



Tipos de Intertextualidade

Na **referência** ou **alusão** é feita a sugestão ou insinuação de um acontecimento, personalidade, personagem, local, obra, etc. Não é apresentada a intertextualidade de forma direta, mas sim através da apresentação de características simbólicas.

Exemplo:

- Ele me deu um “presente de grego”. (A expressão faz alusão à Guerra de Troia, indicando um presente ruim, o qual pode trazer prejuízo)

Tipos de Intertextualidade

Na **citação** ocorre uma intertextualidade direta, havendo a reprodução de parte do texto fonte. Há uma transcrição das palavras de outro autor, devidamente destacada com aspas e com a identificação desse autor. A citação visa conferir credibilidade ao novo texto.

Exemplo:

- Segundo Bechara (2015, p.276), "o verbo se diz pronominal quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto".

Tipos de Intertextualidade

Na **epígrafe**, um autor utiliza uma passagem de um texto fonte para iniciar um novo texto, estabelecendo uma relação com essa passagem na criação da nova criação. É muito utilizada em trabalhos acadêmicos, atuando como um pensamento que serve de base à obra.

Exemplo:

- Abaixo está uma Epígrafe utilizada num artigo sobre educação:

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo".

(Paulo Freire, *"Pedagogia do Oprimido"*)

Tipos de Intertextualidade

No **pastiche**, há a imitação direta do estilo de outros autores, mesclando esses diversos estilos numa única obra. Aparece como uma criação independente, sem o intuito de criticar ou satirizar. O pastiche é muito utilizado em músicas e imagens.

Exemplo:

- “Pois é. Tenho dito. Tudo aleivosia que abunda nesses cercados. Maisquenada. Foi assim mesmo, eu juro, Cumpadre Quemnheném não me deixa mentir e mesmo que deixasse, eu mentia. Lorotas! Porralouca no juízo dos povos além das Gerais! Menina Mágua Loura deu? Não deu.(...)”

(Guimarães Rosa, “*Grande Sertão: Veredas*”)

- “Compadre Quemnheném é que sabia, sabença geral e nunca conferida, por quem? Desculpe o arroto, mas tou de arofagia, que o doutor não cuidou no devido. Mágua Loura era a virge mais pulcra das Gerais. Como a Santa Mãe de Deus, Senhora dos Rosários, rogai por nós! (...)”

(Carlos Heitor Cony, Folha de S. Paulo, 11/09/1998)

“Meus oito anos”

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!

[...]

(Casimiro de Abreu)

Obs.: Escrito no séc. XIX

"Meus oito anos"

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Das horas de minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da rua São Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais!

[...]

(Oswald de Andrade)

Obs.: Escrito no séc. XX

Monte Castelo (Renato Russo)

Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal.
Não sente inveja ou se envaidece.
O amor é o fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.

É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.
Estou acordado e todos dormem, todos dormem,
todos dormem.
Agora vejo em parte. Mas então veremos face a face.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

Amor é fogo que arde sem se ver (Luís Vaz de Camões)

Amor é fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É nunca contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor.
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

I carta de São Paulo aos Coríntios

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria. E ainda que distribuisse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria. O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O Amor nunca falha. Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o Amor.”

Apêndice 11

Handout Alunos

INTERTEXTUALIDADE

Intertextualidade é o nome dado à relação que se estabelece entre dois textos, quando um texto já criado exerce influência na . É o diálogo entre textos, de forma que essa relação pode ser estabelecida entre as produções textuais que apresentem (visual, auditiva, escrita), sendo expressa nas artes (literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema), propagandas publicitárias, programas televisivos, provérbios, charges, dentre outros.

Intertextualidade explícita e intertextualidade implícita

A intertextualidade pode ser caracterizada como explícita ou implícita, de acordo com a relação estabelecida com o texto fonte, ou seja, se mais direta ou se mais subentendida.

A intertextualidade explícita:

- é facilmente identificada pelos leitores;
-
- apresenta elementos que identificam o texto fonte;
- apenas apela à compreensão dos conteúdos.

A intertextualidade implícita:

-
- não estabelece uma relação direta com o texto fonte;
-
- exige que haja dedução, inferência, atenção e análise por parte dos leitores;
- exige que os leitores recorram a conhecimentos prévios para a compreensão do conteúdo.

Tipos de intertextualidade

Na **paráfrase**, a intertextualidade . Há uma reafirmação das ideias do texto fonte. É a recriação de um texto já existente mantendo , entretanto, com a utilização de outras palavras.

Na **paródia** ocorre a subversão da temática do texto fonte, alterando e contrariando o que foi expresso anteriormente de forma . Visa a crítica e a reflexão,

promovidas através de um momento de fruição e jocosidade. Esse recurso é muito utilizado pelos programas humorísticos.

Na **referência** ou **alusão** é feita a sugestão ou insinuação de um acontecimento, personalidade, personagem, local, obra, etc. Não é apresentada a intertextualidade de , mas sim através da apresentação de .

Na **citação** ocorre uma intertextualidade direta, havendo a . Há uma transcrição das palavras de outro autor, devidamente destacada com aspas e com a identificação desse autor. A citação visa conferir credibilidade ao novo texto.

Na **epígrafe**, um autor utiliza uma para iniciar um novo texto, estabelecendo uma relação com essa passagem na criação da nova criação. É muito utilizada em trabalhos acadêmicos, atuando como um pensamento que serve de base à obra.

No **pastiche**, há a imitação direta do estilo de outros autores, mesclando esses diversos estilos numa única obra. Aparece como uma , sem o intuito de criticar ou satirizar. O pastiche é muito utilizado em músicas e imagens.

“Meus oito anos”

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Que amor, que sonhos, que flores
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!
[...]
(Casimiro de Abreu)
Obs.: Escrito no séc. XIX

"Meus oito anos"

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Das horas de minha infância querida
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da rua São Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais!
[...]
(Oswald de Andrade)
Obs.: Escrito no séc. XX

Monte Castelo (Renato Russo)

Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
O amor é bom, não quer o mal.

Não sente inveja ou se envaidece.
O amor é o fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.
É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É um não contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor;
É um ter com quem nos mata a lealdade.
Tão contrário a si é o mesmo amor.
Estou acordado e todos dormem, todos dormem, todos dormem.
Agora vejo em parte. Mas então veremos face a face.
É só o amor, é só o amor.
Que conhece o que é verdade.
Ainda que eu falasse a língua dos homens.
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria.

Amor é fogo que arde sem se ver (Luis Vaz de Camões)

Amor é fogo que arde sem se ver.
É ferida que dói e não se sente.
É um contentamento descontente.
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer.
É solitário andar por entre a gente.
É nunca contentar-se de contente.
É cuidar que se ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade.
É servir a quem vence, o vencedor.
É ter com quem nos mata lealdade.

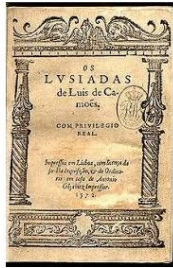
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

I carta de São Paulo aos Coríntios

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Amor, nada seria. E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tivesse Amor, nada disso me aproveitaria. O Amor é paciente, é benigno; o Amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece, não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O Amor nunca falha. Havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado. Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino. Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o Amor.”

Identifique, na canção de Renato Russo, os versos que correspondem ao soneto de Camões e destaque os trechos do texto da I carta de São Paulo aos Coríntios.

Apêndice 12



Os Lusíadas

Luís de Camões



ESTRUTURA FORMAL DA OBRA

- 10 CANTOS: cada canto contém em média 110 estrofes. O canto mais curto é o VII, com 87 estrofes; o mais longo é o X, com 156 estrofes. Total: 1.102 estrofes.
 - 8.816 versos decassílabos
 - Cada estrofe contém 8 versos, são chamadas de oitavas (oitava rima). A disposição das rimas obedece ao esquema ABABABCC. São 6 cruzados e 2 emparelhados.
- As armas e os Barões assinalados A
Que da Ocidental praia Lusitana B
Por mares nunca de antes navegados A
Passaram ainda além da Taprobana, B
Em perigos e guerras esforçados A
Mais do que prometia a força humana, B
E entre gente remota edificaram C
Novo Reino, que tanto sublimaram; C

MODELO

- Se a imitação dos clássicos antigos é a base de sustentação da nova arte, “Il dolce stil nuovo”, Camões optou pelo resgate da poesia épica.
- “Os lusíadas”, apesar de se basear no modelo da epopeia clássica (“Odisseia” e “Ilíada”, de Homero e “Eneida”, de Virgílio), diferencia-se por ser um poema fortemente impregnado da ideologia do momento em que foi escrito.
- A primeira grande diferença do poema camoniano em relação ao modelo clássico é o fato de que o herói, Vasco da Gama, não é como os heróis gregos, um ser entre o divino e o humano.

PLANOS TEMÁTICOS

- PLANO DA VIAGEM: viagem da descoberta do caminho marítimo para as Índias de Vasco da Gama.
- PLANO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL: episódios da história de Portugal,
- PLANO DO POETA: Camões refere-se a si mesmo.
- PLANO DA MITOLOGIA: influências e intervenções dos deuses da mitologia greco-romana na ação dos heróis.

TEMPOS DA OBRA

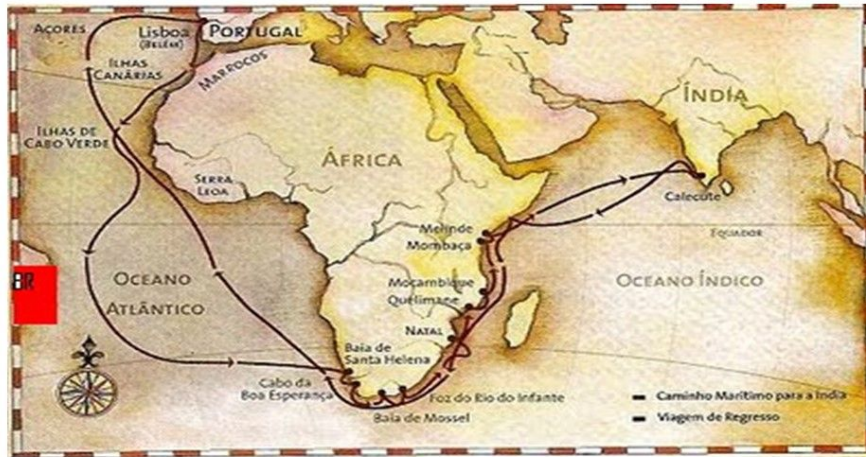
- PRESENTE: ação da obra - viagem
- PASSADO: a história dos Portugueses
- FUTURO: profecias

HERÓI

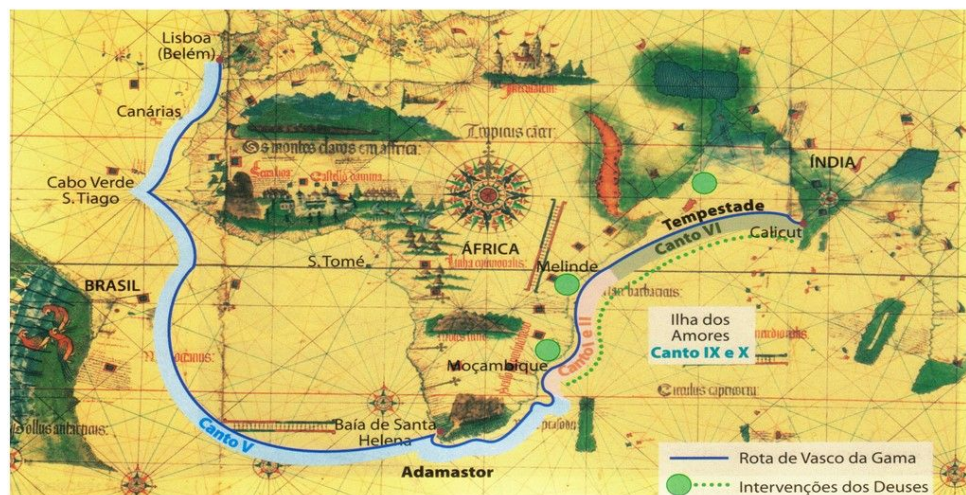


- Vasco da Gama: representante do povo Português.
- O poeta resume em Vasco da Gama toda a glória dos descobridores que o precederam e lhe sucederam.
- Vasco da Gama não é como os heróis gregos - um ser entre o divino e o humano.

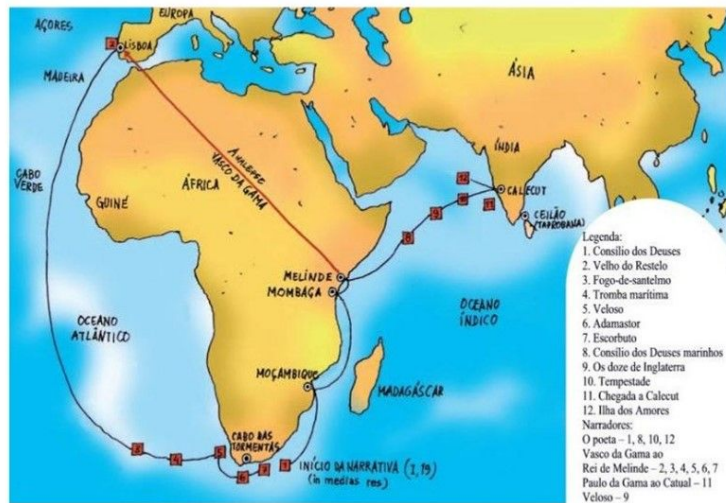
MAPA DA VIAGEM



MAPA DA VIAGEM



MAPA DA VIAGEM



CANTO I

- 1 - 3 (Proposição): Camões propõe-se a cantar os feitos dos Portugueses. A apresentação do poema.
- 4 - 5 (Invocação): O poeta invoca as Tágides (ninfas do Tejo). Pede inspiração e proteção.
- 6 - 18 (Dedicatória): O poema é dedicado a D. Sebastião, rei de Portugal à época da publicação do poema.
- 19 até o final (Narração): A armada no Oceano Índico. História de Portugal e os Deuses.
- 20 - 41: Os Deuses discutem no Olimpo. Júpiter e Vênus apoiam os Portugueses, e Baco opõe-se. Marte apoia Vênus.
- 42 - 99: A Armada em Moçambique. Vasco da Gama recebe o regedor e este último, incitado por Baco, ataca os Portugueses, mas é vencido. Mostra-se arrependido e oferece um falso piloto à Vasco da Gama.
- 100 -102: O falso piloto dirige as naus para Quiloa, mas Vênus afasta os Portugueses do perigo de uma emboscada.
- 103 - 104: Chegada a Mombaça.
- 105 - 106: Considerações sobre a insegurança e as falsidades da vida.

CANTO II

- 1 - 28: O rei de Moçamba, mandado por Baco, tenta destruir a Armada Portuguesa atraindo-a ao porto. Vênus pede ajuda às Nereidas e estas afastam as naus. O falso piloto e os mouros julgam ter sido descobertos e fogem.
- 29 - 32: Vasco da Gama apercebe-se da cilada e pede a deus que o ajude a chegar à Índia.
- 33 - 63: Vênus pede a Júpiter que ajude os Portugueses. Júpiter concorda e profetiza-lhes sucesso. Mercúrio aparece em sonhos à Vasco da Gama e diz-lhe para seguir viagem.
- 64 - 71: Partida de Moçamba. Os Portugueses capturam um navio e os mouros levam-nos à Melinde.
- 72 - 91: Recepção festiva em Melinde.
- 92 - 113: O rei de Melinde visita a Armada e pede à Vasco da Gama que lhe conte a história de Portugal.

CANTO II - Vasco da Gama apercebe-se da cilada e pede a deus que o ajude a chegar à Índia

30

29

*Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente,
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das águas sem corrente.
Que a nau passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assim dizia:*

*“Oh caso grande, estranho e não
cuidado!
Oh milagre claríssimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente,
Se lá de cima a Guarda Soberana
Não acudir à fraca força humana?”*

CANTO III

- 1 - 2: Invocação de Camões a Calíope.
- 3 - 5: Vasco da Gama resume ao rei de Melinde o que lhe vai contar: terras, gentes e feitos de armas.
- 6 - 21: Situação geográfica da Europa e de Portugal.
- 22 - 98: Viriato, Conde D. Henrique, reis de Portugal (de D. Afonso Henrique a D. Dinis), Egas Moniz, guerras da Reconquista, Batalha de Ourique.
- 99 - 135: D. Afonso VI, Batalha do Salado, episódios Líricos de Inês de Castro e da formosíssima Maria.
- 136 - 143: Reinados de D. Pedro e D. Fernando.

CANTO III - Invocação de Camões a Calíope.

1

*Agora tu, Calíope, me ensina
O que contou ao Rei o ilustre Gama;
Inspira imortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assim o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama,
Nunca por Dafne, Clície ou Leucotoe,
Te negue o amor devido, como soe.*

2

*Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana;
Senão direi que tens algum receio
Que se escureça o teu querido Orfeio.*

CANTO IV

- 1 - 50: Mestre de Avis como rei de Portugal, discurso de Nun'Álvares, Batalha de Aljubarrota, conquista de Ceuta.
- 51 - 65: Reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.
- 66 - 93: Reinado de D. Manuel. Sonho do rei em que aparecem os rios Ganges e Indo a profetizar o sucesso dos Portugueses na Índia. A Armada parte de Belém rumo ao oriente.
- 94 - 104: O Velho do Restelo.

CANTO IV

Início da Batalha de Aljubarrota

30

Começa-se a travar a incerta guerra:
De ambas partes se move a primeira ala;
Uns leva a defesa da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la.
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra e a terra enfim semeia,
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.

Final da Batalha de Aljubarrota

43

*O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida.
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas asas à fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.*

CANTO V

- 1 - 36: Vasco da Gama conta ao rei de Melinde a viagem até ao Cabo das Tormentas. Partida para o Equador. Fogo de Santelmo. A tromba Marítima. Fernão Veloso na Baía de Santa Helena.
- 37 - 60: O Gigante Adamastor.
- 61 - 91: O Gama acaba o relato da viagem até Melinde. Sofala. O escorbuto. Elogio à coragem dos Portugueses.
- 92 - 100: Desânimo do poeta face ao desprezo dos Portugueses pelas Letras e, em especial, pela poesia.

CANTO V — DESÂNIMO DO POETA

96

*Vai César subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a ciência;
Mas, numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência,
O que de Cipião se sabe e alcança,
É nas comédias grande experiência.
Lia Alexandro a Homero, de maneira
Que sempre se lhe sabe à cabeceira.*

97

*Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da lácia, Grega ou bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo. que a razão
De algum não ser por versos excelente,
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima.*

CANTO VI

- 1 - 6: O povo de Melinde festeja os Portugueses. Partida das naus para os mares da Índia.
- 7 - 37: Baco fala com Netuno. Concílio dos Deuses Marinhos. Discurso de Baco. Éolo é incitado a soltar os ventos para impedir a viagem dos Portugueses.
- 38 - 69: A bordo, os Portugueses contam histórias para passar o tempo. Fernão Veloso conta o episódio dos Doze de Inglaterra.
- 70 - 84: A Tempestade.
- 85 - 91: Vênus e as ninfas abrandam os ventos.
- 92 - 94: As naus chegam a Calecute. Vasco da Gama agradece a Deus.
- 95 - 99: Luís de Camões medita sobre o valor da glória.

CANTO VI — FALAS DE BACO

15

*“Ó Netuno - lhe disse - não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes e
possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Manda chamar os Deuses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais
quiseres;
Verão da desventura grandes modos:
Ouçam todos o mal que toca a todos.”*

29

*“Vistes que, com grandíssima ousadia,
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo;
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas e insolências tais, que temo
Que do Mar e do Céu, em poucos anos,
Venham Deuses a ser, e nós, humanos.”*

CANTO VII

- 1 - 14: A Armada está na barra de Calecute. Camões elogia o espírito aventureiro dos Portugueses, comparando-os com outros povos que nada fazem.
- 15 - 22: Entrada em Calecute. Descrição da Índia.
- 23 - 27: Contato com o povo desconhecido.
- 28 - 41: Monçaide descreve o Malabar.
- 42 - 56: O Gama desembarca e o Catual leva os Portugueses até junto do Samorim.
- 57 - 66: O Gama visita Samorim. Acolhimento dos Portugueses.
- 66 - 77: Paulo da Gama recebe Catual a bordo da Armada.
- 78 - 87: Luís de Camões faz nova invocação às Ninfas do Tejo e do Modengo, e queixa-se da sua infelicidade.

CANTO VII

O Gama visita Samorim

58

*Bem junto dele, um velho reverente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Um Brâmene, pessoa preeminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.*

59

*Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori no trajo e jeito
Da gente, nunca de antes dele vista.
Lançando a grave voz do sábio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe fala deste modo:*

CANTO VIII

- 1 - 43: Paulo da Gama descreve ao Catual as figuras das bandeiras das naus.
- 44 - 56: Catual regressa a terra. Baco intervém de novo, pondo os indianos contra os Portugueses.
- 57 - 78: Vasco da Gama pede para ser recebido pelo Samorim. Este acredita no discurso do capitão e deixa que regresse à sua nau.
- 79 - 95: Catual tenta deter Vasco da Gama em terra, mas como tem medo do Samorim, liberta-o a troco de mercadorias. O capitão regressa à nau e ficam dois feitores em terra.
- 96 - 99: Reflexões do poeta sobre o poder do ouro.

CANTO VIII

Baco intervém de novo

49

*Torna Baco dizendo: - "Não conheces
O grão legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos batizados?
Eu por ti, rude, velo, e tu adormeces?
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da Lei que eu dei ao néscio povo humano.*

50

*"Enquanto é fraca a força desta gente,
ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sai, facilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, depois que sobe claro e ardente.
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raízes criar lhe não tolheis."*

CANTO IX

- 1 - 17: Em Calecute espera-se uma armada Muçulmana para destruir a Portuguesa. Monçaide avisa Vasco da Gama, que levanta âncora, aprisionando os mercadores pelos feitores, e a Armada volta a Portugal.
- 18 - 50: Vênus decide recompensar os Portugueses.
- 51 - 92: Ilha dos Amores. Descrição e acolhimento das Ninfas aos Portugueses. Tétis recebe Vasco da Gama no palácio.
- 93 - 95: Exortação de Camões aos que sonham com a imortalidade.

CANTO IX

Vênus

18

*Porém a Deusa Cípria, que ordenada
Era, pera favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom gênio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.*

20

*Algum repouso, enfim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao Céu sereno.*

CANTO X

- 1 - 143: Ilha dos Amores. Profecia dos feitos dos Portugueses no Oriente feita por uma Ninfa. Invocação a Calíope. A Ninfa continua as profecias. Tétis indica à Vasco da Gama os locais onde os Portugueses serão célebres. Os marinheiros despedem-se e partem.
- 144: Chegada a Portugal.
- 145 - 156: O poeta lamenta-se e promete a D. Sebastião cantar as futuras glórias e conclui assim a sua dedicatória, encerrando com ela a obra.
- Epílogo: Angústia e crítica.

CANTO X – ANGÚSTIA E CRÍTICA DO POETA

145

*Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Duma austera, apagada e vil tristeza.*

- O narrador propõe a terminar o canto, alegando que sua lira está desafinada e sua voz enrouquecida, isto é, não há como continuar, não porque tenha cantado muito, mas por fazê-lo para gente “surda e endurecida”.
- Dessa forma, a pátria não mais o inspira, não mais acende seu engenho, já que se deixou levar pela cobiça e está mergulhada em grave e soturna tristeza.

Apêndice 13

HANDOUT OS LUSÍADAS - ALUNOS

OS LUSÍADAS

ESTRUTURA

CANTOS:

ESTROFES:

VERSOS:

CADA ESTROFE CONTÉM:

CHAMADAS:

ESQUEMA DE RIMAS:

MODELO – imitação dos clássicos antigos; resgate da poesia épica. Baseado no modelo da epopeia clássica como Odisseia e Ilíada de Homero, mas diferenciando por ser um poema fortemente impregnado da ideologia do momento em que foi escrito. Diferença entre o poema camoniano e o modelo clássico é que o herói, Vasco da Gama, não é como os heróis gregos, um ser entre o divino e o humano.

PLANOS TEMÁTICOS

PLANO DE VIAGEM:

PLANO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

PLANO DO POETA:

PLANO DA MITOLOGIA:

TEMPOS DA OBRA

PRESENTE:

PASSADO:

FUTURO:

HERÓI:

CANTO I

1 – 3 (PROPOSIÇÃO):

4 – 5 (INVOCÇÃO):

6 – 18 (DEDICATÓRIA):

19 – até o final (NARRAÇÃO):

20 – 41: Os Deuses discutem no Olimpo. Júpiter e Vênus apoiam os Portugueses, e Baco opõe-se. Marte apoia Vênus.

42 - 99: A Armada em Moçambique. Vasco da Gama recebe o regedor e este último, incitado por Baco, ataca os Portugueses, mas é vencido. Mostra-se arrependido e oferece um falso piloto à Vasco da Gama.

100 – 102:

103 – 104:

105 – 106:

CANTO II

1 - 28: O rei de Moçamba, mandado por Baco, tenta destruir a Armada Portuguesa atraindo-a ao porto. Vênus pede ajuda às Nereidas e estas afastam as naus. O falso piloto e os mouros julgam ter sido descobertos e fogem.

29 - 32:

33 - 63: Vênus pede a Júpiter que ajude os Portugueses. Júpiter concorda e profetiza-lhes sucesso. Mercúrio aparece em sonhos à Vasco da Gama e diz-lhe para seguir viagem.

64 - 71: Partida de Moçamba. Os Portugueses capturam um navio e os mouros levam-nos à Melinde.

72 – 91:

92 – 113:

CANTO III

1 – 2:

3 - 5: Vasco da Gama resume ao rei de Melinde o que lhe vai contar: terras, gentes e feitos de armas.

6 – 21:

22 - 98: Viriato, Conde D. Henrique, reis de Portugal (de D. Afonso Henrique a D. Dinis), Egas Moniz, guerras da Reconquista, Batalha de Ourique.

99 - 135: D. Afonso VI, Batalha do Salado, episódios Líricos de Inês de Castro e da formosíssima Maria.

136 – 143:

CANTO IV

1 - 50: Mestre de Avis como rei de Portugal, discurso de Nun'Álvares, Batalha de Aljubarrota, conquista de Ceuta.

51 - 65: Reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II.

66 - 93: Reinado de D. Manuel. Sonho do rei em que aparecem os rios Ganges e Indo a profetizar o sucesso dos Portugueses na Índia. A Armada parte de Belém rumo ao oriente.

94 – 104:

CANTO V

1 - 36: Vasco da Gama conta ao rei de Melinde a viagem até ao Cabo das Tormentas. Partida para o Equador. Fogo de Santelmo. A tromba Marítima. Fernão Veloso na Baía de Santa Helena.

37 – 60:

61 – 91: O Gama acaba o relato da viagem até Melinde. Sofala. O escorbuto. Elogio à coragem dos Portugueses.

92 – 100:

CANTO VI

1 - 6: O povo de Melinde festeja os Portugueses. Partida das naus para os mares da Índia.

7 - 37: Baco fala com Netuno. Concílio dos Deuses Marinhos. Discurso de Baco. Éolo é incitado a soltar os ventos para impedir a viagem dos Portugueses.

38 - 69: A bordo, os Portugueses contam histórias para passar o tempo. Fernão Veloso conta o episódio dos Doze de Inglaterra.

70 – 84:

85 – 91:

92 – 94:

95 – 99:

CANTO VII

1 - 14: A Armada está na barra de Calecute. Camões elogia o espírito aventureiro dos Portugueses, comparando-os com outros povos que nada fazem.

15 – 22:

23 – 27:

28 – 41:

42 – 56: Vasco da Gama desembarca e o Catual leva os Portugueses até junto do Samorim.

57 - 66: O Gama visita Samorim. Acolhimento dos Portugueses.

66 – 77:

78 – 87: Luís de Camões faz nova invocação às Ninfas do Tejo e do Modengo, e queixa-se da sua infelicidade.

CANTO VIII

1 – 43:

44 - 56: Catual regressa a terra. Baco intervém de novo, pondo os indianos contra os Portugueses.

57 - 78: Vasco da Gama pede para ser recebido pelo Samorim. Este acredita no discurso do capitão e deixa que regresse à sua nau.

79 - 95: Catual tenta deter Vasco da Gama em terra, mas como tem medo do Samorim, liberta-o a troco de mercadorias. O capitão regressa à nau e ficam dois feitores em terra.

96 – 99:

CANTO IX

1 - 17: Em Calecute espera-se uma armada Muçulmana para destruir a Portuguesa. Monçaide avisa Vasco da Gama, que levanta âncora, aprisionando os mercadores pelos feitores, e a Armada volta a Portugal.

18 – 50:

51 - 92: Ilha dos Amores. Descrição e acolhimento das Ninfas aos Portugueses. Tétis recebe Vasco da Gama no palácio.

93 – 95:

CANTO X

1 - 143: Ilha dos Amores. Profecia dos feitos dos Portugueses no Oriente feita por uma Ninfa. Invocação a Calíope. A Ninfa continua as profecias. Tétis indica à Vasco da Gama os locais onde os Portugueses serão célebres. Os marinheiros despedem-se e partem.

144:

145 – 156:

EPÍLOGO:

Apêndice 14

AVALIAÇÃO + RECUPERAÇÃO - ALUNOS

NOME:

TURMA:

DATA:

NOTA:

ATIVIDADE AVALIATIVA

CLASSICISMO e INTERTEXTUALIDADE (2,0)

Responda as questões: (0,5 cada)

1. A obra *Os Lusíadas* é composta por cinco partes. Quais são elas?

2. Quem é o herói de *Os Lusíadas*? Quem ele representa?
3. Explique como as seguintes características do classicismo são encontradas na obra *Os Lusíadas*”:
 - a. Perfeição formal –
 - b. Presença da Mitologia greco-romana –
 - c. Humanismo –
4. Leia os textos abaixo e diga qual a relação de intertextualidade que há entre eles. Por que você chegou a esta conclusão?

Canção do exílio (Gonçalves Dias)

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite—
Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Canção do exílio (Murilo Mendes)

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,
os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.

Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

TROVADORISMO (3,5)

1. Qual a diferença da cantiga de amor para a cantiga de amigo? (1,0)
2. O fragmento abaixo pertence a uma cantiga de escárnio. Por que não pode ser classificado como uma cantiga de maldizer? (1,0)

“Ai, dona fea! Foste-vos queixar
que vos nunca louv'en meu trobar;
mas ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!” (João Garcia de Guilhade)

3. O POBRE E O RICO (Caju e Castanha)

Refrão: O rico é quem come tudo
Tudo que quer ele come
E mas o pobre que trabalha
Ganha pouco e passa fome (2x)
Rico come caviar, come picanha, filé
Na vida o rico tem tudo e come tudo o que quer
Aonde o rico bota o dedo o pobre não bota o pé
O pobre come bolacha, tripa de porco e sardinha
Farofa de jerimum, bucho de boi com farinha
Come cuscus com manteiga e batata com passarinha

Refrão

O rico leva a família para o salão de beleza
Manda cortar o cabelo e na pele faz limpeza
E a filha volta tão linda que parece uma princesa
O pobre leva a família num salão barato e fraco
Manda raspar a cabeça e o cabelo do sovaco
E o filho fica igualmente a um filhote de macaco

Refrão

O rico quando adoece vai pro melhor hospital
No outro dia seu nome sai na página do jornal
Dizendo que o danado já não tá passando mal
E o pobre quando adoece é feliz quando ele escapa
E quando tá internado, a comida é pão e papa
Se gemer muito de noite o café que vem é tapa

Refrão

O filho do homem rico tem uma vida bacana
Seu papai paga os estudos e no final de semana
Ele sai com sua gata pra passear de santana
O filho do homem pobre vai passear de jumento
Bota a nêga na garupa, sai correndo contra o vento
Quando o jegue dá um pulo, mete a bunda no cimento

Refrão

A mulher do homem rico, se vai pra maternidade
Dar a luz a um menino, falam com sinceridade

Ganha milhões de presente da alta sociedade
A mulher do homem pobre, quando ela vai descansar
O presente que ela ganha é bolacha e guaraná
E um bala de chupeta que é pro guri chupar

Refrão

A mulher do rico sai num sapato bom, de couro
Cabelo bem penteado, brinco que vale um tesouro
Pulseira e colar de prata, relógio e cordão de ouro
A mulher do pobrezinho só anda sem gabarito
O cabelo é assanhado, o casaco é esquisito
E a saia tem mais buraco que tábua de pirulito

Refrão

Filha de rico se forma pra trabalhar em cartório
Gabinete especial, telefone, escritório
Engenheira, medicina, exame, laboratório
A filha do pobrezinho fica velha sem leitura
Quando aparece um emprego é na rua da amargura
Pra jogar tambor de lixo no carro da prefeitura

- a) Essa música tem característica de qual cantiga? Por quê? (0,5)
- b) Qual o tema da música? (0,5)
- c) Como é desenvolvida a diferença do rico e do pobre na música? (0,5)

HUMANISMO (3,0)

Essa peça fala de um rico mercador, chamado "Todo o Mundo" e um homem pobre cujo nome é "Ninguém", encontram-se e põem-se a conversar sobre o que desejam neste mundo. Em torno desta conversa, dois demônios (Belzebu e Dinato) tecem comentários espirituosos, fazem trocadilhos, procurando evidenciar temas ligados à verdade, à cobiça, à vaidade, à virtude e à honra dos homens.

Personagens: Todo o Mundo, Ninguém, Dinato e Belzebu

Entra Todo o Mundo, rico mercador, e faz que anda buscando alguma coisa que perdeu; e logo após, um homem, vestido como pobre.

Este se chama Ninguém e diz:

- Ninguém: Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo: Mil cousas ando a buscar:

delas não posso achar, porém ando porfiando por quão bom é porfiar.

Ninguém: Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo: Eu hei nome Todo o Mundo e meu tempo todo inteiro sempre é buscar dinheiro e sempre nisto me fundo.

Ninguém: Eu hei nome Ninguém, e busco a consciência.

Belzebu: Esta é boa experiência: Dinato, escreve isto bem.

Dinato: Que escreverei, companheiro?

Belzebu: Que Ninguém busca consciência e Todo o Mundo dinheiro.
 Ninguém: E agora que buscas lá?
 Todo o Mundo: Busco honra muito grande.
 Ninguém: E eu virtude, que Deus mande que tope com ela já.
 Belzebu: Outra adição nos acude: escreve logo aí, a fundo, que busca honra Todo o Mundo e Ninguém busca virtude.
 Ninguém: Buscas outro mor bem qu'esse?
 Todo o Mundo: Busco mais quem me louvasse tudo quanto eu fizesse.
 Ninguém: E eu quem me repreendesse em cada cousa que errasse.
 Belzebu: Escreve mais.
 Dinato: Que tens sabido?
 Belzebu: Que quer em extremo grado Todo o Mundo ser louvado, e Ninguém ser repreendido.
 Ninguém: Buscas mais, amigo meu?
 Todo o Mundo: Busco a vida a quem ma dê.
 Ninguém: A vida não sei que é, a morte conheço eu.
 Belzebu: Escreve lá outra sorte.
 Dinato: Que sorte?
 Belzebu: Muito garrida: Todo o Mundo busca a vida e Ninguém conhece a morte.
 Todo o Mundo: E mais queria o paraíso, sem mo Ninguém estorvar.
 Ninguém: E eu ponho-me a pagar quanto devo para isso.
 Belzebu: Escreve com muito aviso.
 Dinato: Que escreverei?
 Belzebu: Escreve que Todo o Mundo quer paraíso e Ninguém paga o que deve.
 Todo o Mundo: Folgo muito d'enganar, e mentir nasceu comigo.
 Ninguém: Eu sempre verdade digo sem nunca me desviar.
 Belzebu: Ora escreve lá, compadre, não sejas tu preguiçoso.
 Dinato: Quê?
 Belzebu: Que Todo o Mundo é mentiroso, e Ninguém diz a verdade.
 Ninguém: Que mais buscas?
 Todo o Mundo: Lisonjeiar.
 Ninguém: Eu sou todo desengano.
 Belzebu: Escreve, ande lá, mano.
 Dinato: Que me mandas assentar?
 Belzebu: Põe aí mui declarado, não te fique no tinteiro: Todo o Mundo é lisonjeiro, e Ninguém desenganado.

Responda as seguintes questões: (1,0 cada)

1. Comente as dalas de Todo o Mundo e Ninguém, caracterizando-as.
2. Quem Todo o Mundo e Ninguém representam na sociedade. O que o nome deles representa na peça?
3. O que Belzebu quer dizer quando fala: “Que Ninguém busca consciência e Todo o Mundo dinheiro?



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino

QUESTIONÁRIO | PERFIL E PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Querido(a) aluno(a), este QUESTIONÁRIO visa coletar dados e informações que nos possibilitem conhecê-lo(a) de modo mais abrangente. Solicitamos que, por gentileza, responda com bastante sinceridade a todas as questões aqui apresentadas, uma vez que é relevante conhecermos suas vivências, preferências e práticas de leitura e escrita. Sua participação é extremamente importante!

Equipe de Estágio do Curso de Letras Português (MEN-CED-UFSC/LLV-CCE-UFSC)

PARTE I - PERFIL

Q1. Nome completo: _____

Q2. Nome da escola: _____ Turma: _____

Q3. Indique o apelido (ou nome fictício) pelo qual você gostaria de ser identificado(a): _____

Q4. Assinale a alternativa que indica a sua faixa etária:

- ☐ A. menos de 16 anos ☐ B. entre 16 e 18 anos
☐ C. entre 19 e 20 anos ☐ D. entre 21 e 25 anos
☐ E. entre 26 e 30 ☐ F. mais de 30 anos

Q5. Indique:

- cidade e estado em que nasceu: _____
- cidade e bairro onde mora atualmente: _____
- com quem mora: _____

Q6. Você trabalha? Se SIM, qual é a sua profissão? _____

Q7. Você costuma participar de atividades culturais? Caso a resposta seja SIM, o que você faz nos momentos de lazer? (Pode assinalar mais de uma opção.)

- ☐ A. Navega na internet.
☐ B. Vai ao teatro.
☐ C. Ouve rádio.
☐ D. Vai ao cinema.
☐ E. Assiste a programas na televisão.
☐ F. Frequenta exposições de arte, museus, etc.
☐ G. Outros: _____

PARTE II - FAMILIARIDADE COM O USO DE TECNOLOGIAS

Q8. Você tem acesso à internet?

- ☐ A. Sim ☐ B. Não

Q9. Você acessa à internet pelo celular?

- ☐ A. Sim ☐ B. Não

Q10. Você tem computador em casa? Se SIM, com que frequência costuma usá-lo?

- ☐ A. Sim _____ ☐ B. Não

Q11. O que você gosta de fazer quando usa a internet? Em quais sites, dentre as opções abaixo, você costuma navegar?

- ☐ A. Blogues e sites de jogos e/ou filmes
☐ B. Jornais e revistas digitais
☐ C. Fóruns de discussão
☐ D. Outros: _____

Q12. Quais redes sociais você costuma utilizar cotidianamente?

- ☐ A. Facebook
☐ B. Whatsapp
☐ C. Instagram
☐ D. Tinder
☐ E. Snapchat
☐ F. YouTube
☐ G. Outros: _____

Q13. Você considera a internet uma fonte de pesquisa confiável?

- ☐ A. Sim ☐ B. Não

Q14. Você utiliza a internet para realizar seus trabalhos escolares?

- ☐ A. Sim ☐ B. Não

Q15. Se sim, costuma citar a(s) fonte(s) consultada(s) para não correr o risco de ser acusado(a) de plágio?

- ☐ A. Sim ☐ B. Não

PARTE III - VIVÊNCIAS DO(A) ALUNO(A) NA ESCOLA

Q16. Você gosta da disciplina de Língua Portuguesa? Por quê? _____

Q17. O que significa, para você, ampliar os conhecimentos relativos ao português e à literatura na escola? _____

Q18. Quais são as atividades que você mais gosta de realizar, quando são solicitadas?

- ☐ A. Produção textual individual.
☐ B. Leituras.
☐ C. Exercícios de interpretação de texto.
☐ D. Atividades gramaticais.
☐ E. Projetos que envolvem leitura e produção de textos.

Q19. Indique quando você presta mais atenção às aulas e mais aprende.

- ☐ A. O(a) professor(a) explica a teoria e passa exercícios no quadro (aulas expositivas).
- ☐ B. As atividades são realizadas em grupo.
- ☐ C. Apresentações, individuais ou em grupos, de assuntos determinados pelo(a) professor(a).
- ☐ D. Conversam e discutem ideias diferentes a respeito de um texto, de uma história, de um conto, etc.
- ☐ E. Outros _____

Q20. Indique espaços em que você tem interação mais abrangente com o aprendizado dos conteúdos nas aulas de Língua Portuguesa.

- ☐ A. Sala de aula.
- ☐ B. Laboratório de Língua Portuguesa.
- ☐ C. Laboratório de informática.
- ☐ D. Biblioteca.

Q21. Em quais dos eventos elencados abaixo você mais gosta de interagir na escola?

- ☐ A. Sarau literário.
- ☐ B. Show de talentos
- ☐ C. Oficinas de leitura/escrita.
- ☐ D. Mostra de talentos.
- ☐ E. Lançamento de livros.
- ☐ F. Apresentações culturais.
- ☐ G. Cursos/palestras.
- ☐ H. Olimpíadas.

PARTE IV - PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Q22. Com que frequência você costuma ler?

- ☐ A. Não costumo ler.
- ☐ B. Costumo ler todos os dias.
- ☐ C. Costumo ler algumas vezes por semana.
- ☐ D. Não gosto de ler.
- ☐ E. Costumo ler uma vez por semana.
- ☐ F. Leio de vez em quando.

Q23. Você gosta de ler? Se a resposta for **SIM**, que tipo de leitura lhe agrada (romance, conto, poesia, reportagem, artigo, postagem no Facebook ou em blogues, história em quadrinhos, comentário, etc.).

Q24. Qual a sua maior dificuldade quando lê um texto?

- ☐ A. Não entendo.
- ☐ B. O autor escreve difícil.
- ☐ C. Não tenho tempo.
- ☐ D. Não gosto de ler.
- ☐ E. Não gosto do assunto tratado no texto.
- ☐ F. Nenhuma.

Q25. Quais destes materiais impressos compõem seu acervo pessoal? (Pode assinalar mais de uma)

- ☐ A. Dicionário
- ☐ B. Livros didáticos ou apostilas
- ☐ C. Livros de literatura (romance, contos, poesia, etc.)
- ☐ D. Jornais
- ☐ E. Livros técnicos ou especializados
- ☐ F. Revistas
- ☐ G. Enciclopédias
- ☐ H. Outros (Quais?) _____
- ☐ I. Não tenho nenhum desses materiais.

Q26. Quantos LIVROS, mais ou menos, há em seu acervo pessoal? (Por favor, não inclua revistas.)

- ☐ A. Nenhum
- ☐ B. 1-10 livros
- ☐ C. 11-50 livros
- ☐ D. 51-100 livros
- ☐ E. 101-250 livros
- ☐ F. 251-500 livros
- ☐ G. 500-1000 livros
- ☐ H. Mais de 1000 livros

Q27. Quantos livros você leu até o momento (de janeiro a agosto de 2017)? Você lembra qual(is) é (são) o(s) título(s) e o nome do(s) autor(es) ?

Q28. Você gosta de escrever? Se a resposta for **SIM**, o que você costuma escrever? Escreva apenas para você mesmo ou para os outros lerem também?

Q29. De qual projeto de letramento você gostaria de participar? Se você pudesse planejar a produção de um produto cultural na escola, você gostaria de escrever sobre o quê?

- ☐ A. Saúde
- ☐ B. Comportamento
- ☐ C. Educação
- ☐ D. Família
- ☐ E. Amizade
- ☐ F. Arte/ Cultura
- ☐ G. Lazer
- ☐ H. Esporte
- ☐ I. Política
- ☐ J. Outro: _____

Q30. Qual gênero do discurso você gostaria de escrever nesse projeto de letramento?

- ☐ A. Entrevista
- ☐ B. Artigo
- ☐ C. História em quadrinhos
- ☐ D. Crônica
- ☐ E. Conto
- ☐ F. Reportagem
- ☐ G. Notícia
- ☐ H. Resenha
- ☐ I. Receita (culinária)
- ☐ J. Debate regrado
- ☐ K. Outro(s): _____

Q31. Qual suporte você escolheria para publicar os textos dos colegas de sua turma (incluindo você)?

- ☐ A. Blogue(s)
- ☐ B. Rádios
- ☐ C. Redes sociais
- ☐ D. Murais
- ☐ E. Jornais
- ☐ F. Revistas
- ☐ G. Fóruns de discussão
- ☐ H. Outros: _____

Obrigado por colaborar!



TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS

EP1 A EP10 [MARINA E LUANY]

EP1 - Qual é a sua formação profissional?

Licenciatura em Letras Língua Portuguesa – Unirrinter / RS

Especialização na área de gestão e administração escolar - Uniasselvi

Especialização na área de Linguística e Literatura – Unisul

EP2 - Qual é a sua carga horária de trabalho diária? E semanal?

Diária são 8 horas. Carga horária de trabalho Semanal: 40h divididas em: 36h sala de aula e 4h para o planejamento.

EP3 - Atua em mais de uma escola? Se **sim**, sente-se confortável? Se **não**, já atuou? Como foi a experiência?

Hoje não, Mas no início da carreira, atuou em mais de uma escola. Achou interessante porque convive com outro quadro de professores. Não fica viciada no mesmo ambiente, mas é cansativo em virtude dos deslocamentos. Hoje atua apenas no IEE.

EP4 - Em que regime de trabalho (efetivo ou com contrato temporário) atua?

Meu contrato é efetivo há 18 anos.

EP5 - Há quantos anos você exerce a atividade docente?

Faltou. vamos acrescentar sexta.

EP6 - Qual a sua proposta de trabalho para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, no que tange à modalidade escrita e à leitura, de seus alunos? (e/ou ancoragem teórica, ou, modelo pedagógico)

Eu tento trabalhar com todas as habilidades em sala de aula trazendo bastante atividades diversificadas que abrangem tanto a modalidade de leitura e escrita. Tanto que eu tento seguir, o que rege a nossa proposta curricular, nossa ancoragem baseada no Vigotski. Mas claro que nem sempre a gente consegue no dia a dia fazer essa prática.

EP7 - Na escola há um projeto específico que trata as questões da linguagem?

Não. Projeto na escola em si, não.

EP8 - Você participa de algum projeto na área de linguagem?

Não.

EP9 - Quais as suas principais práticas sociais de leitura? Frequenta biblioteca, sebo, livraria, feira de livros, roda de conversa?

Frequentar a biblioteca, eu não frequento tanto. Mas sebos, RODAS DE CONVERSA, mas atualmente por causa dos horários é pouco. Faço mais minhas leituras individuais em casa e não tenho conseguido socializar muito isso. Feira de livros eu sempre procuro ir quando tem aqui em Florianópolis, mas eu procuro participar para ver as tendências, o que tem de novo aqui na literatura. Mas acaba que a gente não consegue ter tempo para socializar com os nossos colegas da área.

EP10 - Você tem costume de escrever no seu dia a dia?(Ex.: artigos para publicação, textos literários, blog, etc.)

Não. Infelizmente, não.

EP11 A EP15 [PRISCILA]

EP11 - Quais gêneros do discurso tendem a balizar as práticas de leitura e escrita em suas aulas de Língua Portuguesa e Literatura? Com quais desses gêneros você se sente mais confortável para mediar práticas didático-pedagógicas voltadas à construção de conhecimentos e saberes?

R: Bom, inicialmente eu trabalho, praticamente, com todos os gêneros. Tudo vai depender do ano e das séries que eu estou trabalhando, mas eu procuro abranger o máximo possível que consigo e assim, é muito difícil eu falar porque eu não consigo me sentir desconfortável, eu não sei, eu sempre fui muito apaixonada por trabalhar com texto e gênero textual então eu não sei. É claro, sempre tem aqueles textos, aqueles gêneros que a gente acaba batendo mais em sala de aula por necessidade ou porque gosta mais. Adoro trabalhar com texto dissertativo-argumentativo, mas também adoro na literatura o gênero narrativo, então é difícil eu dizer e eu procuro trazer sempre os mais variados, fazendo relação se é um texto dissertativo-argumentativo, fazendo relação com artigo de opinião com uma charge, ou no gênero narrativo o teatro a própria poesia quando ela tem uma narração, então eu particularmente sou muito apaixonada em trabalhar com gênero. Vou trazer todos que eu posso dentro também do limite que dá de tempo do trabalho com a turma.

EP12 - Você tem autonomia para escolher o material didático ou acata determinações de outros profissionais da instituição?

R: não, dá para dizer que sim eu tenho autonomia, tanto é que livro didático eu não uso direto, trago o meu material, trago xerox para os alunos. Dá para dizer que sim, tenho autonomia.

EP13 - Em que séries você leciona atualmente? Quantos alunos você tem em média por turma?

R: Eu leciono para os primeiros e segundos anos do ensino médio atualmente. Uma média de 30 a 35 (alunos) agora, iniciamos com 40, mas agora 30 – 35.

EP14 - Você faz cursos de aperfeiçoamento periodicamente? Se sim, é pela escola ou você mesma que procura tais eventos para se manter atualizada?

R: Bom, eu vou começar pela última, normalmente o que a escola oferece é por intermédio do governo. Já fiz muitos cursos, mas de um tempo para cá, depende da mudança do cenário político. A gente acaba tendo menos oportunidade de cursos, nos últimos tempos, é mais a semana que tem de projeto na escola, que cá entre nós, não serve como curso de capacitação, mas esse ano participei do educasul. Mas, infelizmente, tempo para fazer um curso, seja eu procurando curso particular que eu tenha interesse, tem sido bem difícil, mas especialização eu já fiz duas. Fui eu que busquei, mas normalmente são cursos ofertados pelo estado, até para a gente poder ter a liberação da escola. E, em virtude que esse governo ele não tem oferecido, mas logo que eu iniciei a minha carreira há 20 anos atrás, nossa! Tinha cursos e mais cursos.

EP15 - Você (ou a escola) adota livro-texto? Se sim, qual? O que você pensa dele em termos de desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos?

R: Nós adotamos do Cereja que é um livro, por sinal, por uma questão de trocas digamos assim com as editoras, é um livro que já vem sendo adotado por um bom tempo, mas que agora esse ano a gente fez uma mudança. Trocamos por uma outra editora e outro autor, mas eu não gosto de trabalhar muito com livro didático. Em relação de questões, a interpretação textual são questões que não aprofundam a compreensão do texto, nem da estética do texto. Os textos são fragmentados, a gramática é aquela gramática formativa que eles trazem lá a partir de uma tirinha de um gênero textual, mas contextualizando a partir de um gênero textual, mas que continua sendo a gramática normativa. Então, eu faço uso quando: como uma atividade extra para o aluno, para reforçar o conhecimento dele, mas principalmente os textos eu procuro trazer de outras pesquisas que eu faço em casa, porque não vejo, assim, não tem como produzir muito de textos que são trechos publicados no livro didático. Principalmente, quanto a literatura contextualiza muito, mas não trabalha com essa parte da estética da compreensão da relação com o contexto social.

EP16 A EP26 [REGINA E LUAN]

EP16 - Que recursos multimídia a escola tem a oferecer? Você os utiliza em suas aulas?

R: Bem, assim oh, a escola tem..., conseguimos no último ano a instalação de Datashow praticamente em todas as salas de Ensino Médio, com acesso, muitas vezes, à internet, embora esse acesso não seja muito bom. Nós temos laboratório em que há disponibilidade do uso de televisão. Embora aque televisão/vídeo não se utilize mais tanto. Têm laboratórios de informática, com computadores funcionando bem, digamos assim. E eu faço sim! Procuro fazer bastante uso dessas multimídias.

EP17 - Como você vê o seu papel na formação dos estagiários que a acompanham?

R: Eu acho bem importante, primeiro, uma questão de motivação, né?! Quem está iniciando a carreira, eu acho muito importante a gente motivar o pessoal que está se propondo a seguir essa jornada pela educação e, também acho que pela troca, troca de ideias, troca de..., até mesmo posições e pontos de vistas. Uma coisa que eu procuro dialogar bastante com os estagiários é no sentido de que percebam a realidade da escola, não afim de se decepcionar,

mas afim de vir sabendo que universo está penetrando, qual é o verdadeiro universo da escola pública. É outra realidade. Mas, assim, acho super importante. E, eu mesma, claro, já passei por estágio, e acho muito bom quando existe o apoio do professor que participa. Eu me lembro bem que há 20 tantos anos atrás, quando eu fiz o meu estágio, as professoras nem participavam. Me deixavam livre na sala para dar aula. Naquele momento eu até achava interessante por uma questão de insegurança, mas hoje percebo que me fez falta, se elas tivessem participado mais do meu planejamento, poderiam ter me auxiliado mais naquela época, até para fazer o relatório do estágio.

EP18 - Seus alunos podem sugerir temas para a escrita de textos de acordo com os interesses deles? Como é a recepção dessas sugestões?

R: Chegam sim. Muitas vezes chegam a sugerir a partir do momento que a gente está debatendo sobre algum conteúdo, alguma situação. Muitas vezes eles sugerem e aí eu acabo até mudando um pouco o meu planejamento para trabalhar determinada temática, determinado assunto. Se for uma coisa pertinente, uma coisa que eu acho que vale a pena investir, eu . Eu aceito, sim. Com certeza! Mas, sempre assim, sempre quando parte de um assunto que nós estamos estudando, conversando, debatendo... Muitas vezes surgem várias ideias assim, que são bem legais, e que são bem propícias à mudança do planejamento. Aí eu acabo abordando, sim.

EP19 - Quais são os critérios para a escolha dos temas das práticas de escrita de seus alunos?

R: Normalmente, de acordo com a adequação do conteúdo e com o contexto social da atualidade, daquele momento que eu estou trabalhando com eles. Então, eu tento muito associar com a ideia do conteúdo, trazer textos mais atuais para que eu possa estabelecer uma relação com eles. Até como a questão do conhecimento que eles têm de mundo, da historicidade que existe da relação deles com a sociedade. Até engraçado porque, o pessoal da minha família diz que: “você tá sempre planejando, planejando. Por que você não pega um material e reaproveita? Mas eu digo, não! Material básico assim a gente aproveita, mas a gente sempre tenta trazer textos para contextualizar a atualidade...”

EP20 - Considerando as possibilidades de atuação profissional, política e cultural de seus alunos, há um rol de conteúdos e temas transversais que deem subsídios para os alunos ampliarem suas condições afetivas, cognitivas e interacionais de convivência nas diversas esferas da atividade humana?

R: Eu acho que essa é a parte mais linda e complexa da nossa disciplina de Língua Portuguesa, porque nós temos, felizmente, por nós trabalharmos com a linguagem, nós temos muita produção, muito texto, muita leitura que a gente pode estar fazendo com os alunos e que aproxime desse contexto político-social, que aproxime também da realidade deles, do cotidiano, a questão da afetividade, das diferenças. Então, felizmente, é uma coisa que faz eu me apaixonar mais pela nossa disciplina é esse rol que tem de oportunidades e de

possibilidades de estar fazendo essa troca com eles. De trazer outros olhares, outras visões de mundo.

[Regina] Muito bom! Essa pergunta de certa forma coloca uma posição pedagógica. Queria muito agradecer porque a gente tem essa afinidade na política pedagógica e, isso favorece nosso trabalho em sala de aula. Te agradecer pela acolhida, pelas trocas. Obrigada!

R: Eu estou gostando bastante dessa nossa interação e, desejo pra vocês bastante sucesso e tenho certeza que, a gente consegue perceber aquelas pessoas que têm esse contato, esse olhar maior para a educação. Nem todo mundo que se forma em Letras acaba seguindo a carreira de professor. Até eu mesma dizia, quando eu ainda estava estudante, que não queria ser professora. E, no final, não adianta:, tudo se encaminhou.

Q21: Há momentos na sala de aula para leitura de fruição estética da literatura e de outras modalidades artístico-culturais em suas aulas pelos alunos?

R: Sim. Até porque não faria sentido trabalhar com a literatura se não trabalhasse com a questão da estética literária; fazer com que os alunos leiam e percebam, isto é: que consigam fazer a interpretação e percebam também essa intertextualidade com as demais leituras de textos, de outras formas artísticas construídas pela humanidade tanto de períodos estudados na literatura quanto da contemporaneidade. Quando não se traz especificidades de um período literário, diante de outros gêneros, nós trabalhamos dentro da tipologia textual; priorizamos as formas estéticas e a relação com outras leituras.

Q22: Quais são as estratégias empregadas nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura para motivar a escrita de seus alunos?

R: A primeira estratégia básica é os alunos conhecerem o gênero que balizará o texto que os alunos produzirão. Eu prefiro trabalhar bem com o gênero. A partir do momento que os alunos se sentem aptos, que eles têm conhecimento para produzir o gênero, eu os motivos a escreverem de acordo com a finalidade, isto é: qual o objetivo da atividade, qual o objetivo da escrita, o que é importante ser escrito por eles. Não adianta chegar em sala de aula e pedir uma produção textual, cobrando um gênero, sem que eles nunca tenham produzido ou lido. Eu procuro partir desse pressuposto de que eles têm que compreender como se estrutura o gênero trabalhado, bem como sua finalidade. Depois disso, esclareço o objetivo da produção. Não é apenas para 'eu' ler, mas, sim, o texto volta-se à realização de objetivos específicos da produção escrita.

Q23: Você acredita que os projetos de dizer dos alunos estão presentes nos textos que os alunos escrevem? Por quê?

R: Sim. Eu acredito que, na maioria das vezes, quando já se fez o trabalho do reconhecimento do gênero, da tipologia e da temática que será utilizada na produção textual, eu acredito que há um retorno dos alunos. Conseguimos perceber nos textos a finalidade das produções. Em alguns momentos, percebemos casos específicos de que não houve uma expressão dos

projetos de dizer dos alunos. Mas, felizmente, na maioria dos textos dos alunos é alcançado o objetivo proposto.

Q24: Você procura mediar práticas de escrita com seus alunos, tendo em vista a relevância social dos temas?


R: Eu procuro fazer um trabalho com articulação entre texto e contexto social. Também não deixo de apresentar a importância de os alunos conhecerem não apenas a literatura de outras épocas, mas também pontos de vista e ideologias de outros momentos históricos, bem como os do contexto atual. Eu sempre proponho a leitura de textos em sintonia com os temas que estão sendo trabalhados no projeto. Estabeleço relações com outros textos, ampliando as referências dos alunos. Isso porque os alunos devem conhecer outros estilos e ideologias, de maneira contextualizada, situando os meios de circulação dos textos.

Q25: Você orienta a escrita de seus alunos a fim de que eles projetem interlocutores reais em suas produções? Você prevê a publicação dos textos de seus alunos em algum suporte?

R: Sim. Eu sempre converso bastante com os alunos, dependendo da proposta de produção, no sentido de especificar a finalidade dos textos situados em um contexto social (esfera profissional, escolar, familiar). Eu procuro criar uma expectativa de que os textos serão lidos por outros interlocutores, que tendem a retornar um olhar sobre esses textos. Nem sempre a publicação dos textos dos alunos é possível. Em relação aos textos orais, eu proponho aos alunos apresentações aos próprios colegas da turma. Também lanço mão de avaliações dessas apresentações entre os alunos, a partir do que foi entendido nessas apresentações. Já tive diversas iniciativas à publicação dos textos dos alunos. Criei jornais, blogues, varais literários. Eu tento viabilizar meios à publicação, mas nem sempre conseguimos fazer uma troca, a fim de que os alunos tenham outros leitores, principalmente devido à falta de tempo.

Anexo 1

23108



DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA
PROFESSORA: LISANDRA CLIMENE BONOTTO
NOME: _____ TURMA: _____

1) O texto a seguir foi extraído da seção “Barbara responde”, na qual a irreverente jornalista se propõe a “esclarecer” as dúvidas dos leitores. Leia-o com atenção.

RIGOR GRAMATICAL

“Aprendi que oxítonas terminadas em ‘i’ e ‘u’ não são acentuadas. Mas, e aquele banco cujo nome é oxítono e termina em ‘u’ acentuado, por que ele pode?”

Pasquala

Sei, sei. Quer dizer que você compareceu à aula das oxítonas, mas perdeu aquela que ensinava que com nome próprio cada um faz como bem entende, né, madame?
(Revista da Folha, 25/03/2007)

Analisando a pergunta da leitora e a resposta da jornalista, e considerando as regras oficiais de acentuação gráfica, é possível concluir que:

- A palavra em questão — Itaú — não é oxítona, mas proparoxítona. Segundo as regras de acentuação gráfica em vigor, todos os proparoxítonos são acentuados.
- Embora a palavra seja realmente oxítona, a razão pela qual ela é acentuada é outra: acentuam-se as letras “i” e “u” quando formarem hiatos tônicos, sozinhos ou acompanhados de “s”.
- Trata-se de uma exceção à regra. O mesmo ocorre com a palavra “Pacaembú”.
- A resposta da jornalista está correta, uma vez que um fato semelhante ocorre com a grafia de seu nome, que deveria ter acento agudo: Bárbara.
- A palavra recebe acento agudo por ser uma paroxítona terminada em “u”.

2) Leia com atenção:

Brasil tem megajazida de petróleo e gás. Um dia depois de o Ministro interino das Minas e Energia, Nelson Hubner, ter recomendado que donos de carro não convertessem o combustível para gás, a Petrobrás anunciou a descoberta de uma reserva gigante de petróleo e gás natural na Bacia de Santos. A área de abrangência da reserva é de 800 quilômetros de extensão por 200 quilômetros de largura e vai do Espírito Santo a Santa Catarina. A expectativa oficial é de que só o primeiro poço contenha 60% de todas as reservas dos dois produtos encontradas até hoje no país. O presidente da empresa, Sérgio Gabrielli, afirmou que, com a descoberta, o Brasil deve subir do 24º lugar no ranking de maiores reservas do mundo para a 8ª ou 9ª colocação, com o acréscimo de 5 bilhões a 8 bilhões de barris à produção atual, que é de 14,4 bilhões.

Analise as afirmativas a seguir:

- As palavras “quilômetros” e “subir” são, respectivamente, proparoxítona e oxítona.
- “Gás” é uma palavra oxítona.
- “Petróleo” não é proparoxítona tampouco, oxítona.
- As palavras “abrangência” e “petróleo” são proparoxítonas terminadas em ditongo.
- A grafia da palavra “megajazida” está incorreta.

Assinale a alternativa cujas afirmativas estão corretas:

- Apenas II e IV.
- Apenas I, III e V.
- Apenas I e III.
- Apenas III e V.
- Apenas IV e V.

3) No trecho a seguir, foram omitidos todos os acentos gráficos: agudo e circunflexo. Localize as palavras que deveriam receber esses acentos.

“O livro A cabeça do brasileiro, do sociólogo Alberto Carlos Almeida, mostra que a educação e o grande corte social e ético do Brasil: os 57% de brasileiros que tem até o Ensino Fundamental são mais

Atividade sobre acentuação

Anexo 2

autoritários, mais estatistas e revelam menos valores democráticos; a medida que a escolaridade aumenta, os valores melhoram – o que prova, segundo o autor, que a educação é a principal matriz a transmitir valores republicanos às pessoas.”

Fonte: O Estado de São Paulo – 26 de agosto de 2007.

Assinale a alternativa correta em relação ao número de acentos gráficos que foram omitidos no trecho acima:

- a) sete (7) acentos agudos – nenhum acento circunflexo.
- b) seis (6) acentos agudos – um (1) acento circunflexo.
- c) sete (7) acentos agudos – dois (2) acentos circunflexos.
- d) cinco (5) acentos agudos – um (1) acento circunflexo.
- e) sete (7) acentos agudos – um (1) acento circunflexo.

4) Todas as palavras a seguir devem ser acentuadas graficamente, exceto:

- a) hífen
- b) íons
- c) hífen
- d) dólar
- e) vírus

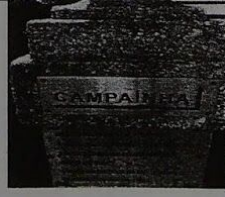
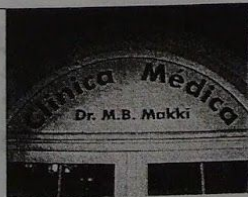
5) Não leva acento:

- a) atraí-la
- b) supô-la
- c) conduzi-la
- d) vende-la
- e) revista-la

6) Assinale a sentença verdadeira:

- a) Todas as proparoxítonas são acentuadas.
- b) As oxítonas terminadas em i ou u que não sejam acompanhadas de hiato são acentuadas.
- c) As paroxítonas terminadas em a, e ou o são acentuadas.
- d) As oxítonas terminadas em i, u, is, iz ou us são acentuadas.
- e) Nem todas as proparoxítonas são acentuadas.

7) Nas placas abaixo, há erros quanto à acentuação em algumas palavras. Transcreva essas palavras e justifique o erro:





GABARITO:

1	2	3	4	5	6

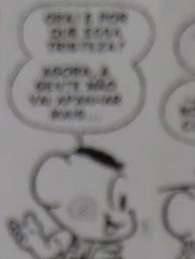
Atividade sobre acentuação

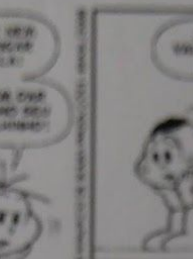
Prova sobre acentuação

	INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO Disciplina: Língua Portuguesa Professora: Licandra Cláudia Bonatto Aluno(a): _____ Turma: _____ Data: ____/____/____	PROVA SOBRE FONOLOGIA E ACENTUAÇÃO GRÁFICA
---	---	---




Copyright © 2003 Mundo de Souza Produções Ltda. Todos os direitos reservados.





5117

- 1) Observe a palavra copelinho. Quantas letras e quantos fonemas há nessa palavra?
 a) 9l e 9f b) 9l e 8f c) 9l e 6f d) 9l e 7f
- 2) A palavra essa, no segundo quadrinho, apresenta 4l e 3f. Explique por que ela possui um fonema a menos:
- 3) Há na tira duas palavras monossílabas tônicas. Aponte-as e justifique o emprego do acento nelas.
- 4) Na palavra gente, a representação de letras é igual, maior ou menor ao número de fonemas? Por quê?
- 5) Observe as palavras viagrou e viagem. Há um mesmo fonema representado por duas letras. Aponte esse fonema e as letras que o representam:
- 6) Em cada uma das frases a seguir, há algumas palavras em destaque com terminação igual. Entretanto, só uma delas deve ser acentuada. Acentue corretamente a palavra que deve receber o acento gráfico.
 - a) *Ninguém viu a **nuvem** negra que se aproximava.*
 - b) *Naquela cidade **reina** a maior desordem; ela é agora uma ruína do que foi.*
 - c) *O motorista do **taxi** levava um **colibri** na gaiola.*
 - d) *Sua **paciência** se **evidencia** no trato com as crianças.*
 - e) *Este **virus** não ataca tatus nem **urubus**.*
- 7) O nome próprio Luis recebe acento por qual razão?
- 8) As palavras "Estudariamos" e "Lâmpada" são acentuadas pela mesma regra de acentuação. Qual regra é essa?
- 9) Se retirássemos o acento de "médica", teríamos outra palavra existente da Língua Portuguesa? Explique:
- 10) Classificou-se, corretamente, o grupo vocálico da palavra dada em:
 - a) caótico - ditongo nasal
 - b) série - ditongo decrescente
 - c) estóico - ditongo crescente
 - d) viúva - hiato
 - e) pequel - tritongo
- 11) Na placa, há um erro de acentuação. Explique por que a palavra está errada:



**INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA**

PORTUGUÊS

PROF. _____

ALUNO(A): _____

TURMA: _____

13.09.14

1 Complete as palavras em linha horizontal e copie. A letra X já está no quadro.

a) Vasilha onde se serve café.

b) Líquido que serve para lavar os cabelos.

c) Medicamento para tosse e resfriado.

d) Jogo sobre um tabuleiro de 64 casas.

e) Bióbioluto, importado.

f) Indígenas do Brasil central (plural).

g) Designação genérica das rochas metamórficas de textura folheada como a ardósia.

2 Complete com X, observando os seus diferentes sons, e leia.

SOM DE Z	SOM DE X	SOM DE S	SOM DE CH
_____agero	_____lã _____	_____pulsão	_____aproximação
_____ato	_____conve _____o	_____pellir	_____sint _____e
_____ecutar	_____into _____ificação	_____treno	_____aullar
_____auto	_____fin _____o	_____tremidade	_____trou _____esse
_____igno	_____tô _____ico	_____pectativa	_____pró _____imo
_____altar	_____ne _____o	_____tensão	_____má _____ino
_____ultar	_____fle _____ão	_____pandir	_____apro _____imar
_____odo	_____lé _____ico	_____to	_____pro _____imidade
_____altado	_____bo _____e	_____lino	_____au _____llo
_____ame	_____fi _____ar	_____cusão	_____trou _____e

3 Cruzadas.

a) Todas as palavras que completam a cruzada abaixo são escritas com CH. Descubra-as.

1. Que está com bicho.

2. Lugar por onde sai a fumaça.

3. Escrever em muros ou paredes.

4. Molhar muito, escovar.

5. Falar em voz baixa.

6. Cargo de chefe.

7. Haste pontiaguda, seta.

8. Panela de barro ou metal (pl.).

b) Todas as palavras que completam a cruzada são escritas com X.

1. Ficar relaxado.

2. Avisar, ver.

3. Tira, fila.

4. Remédio para tosse.

5. Sabão líquido para lavar os cabelos.

6. Destatar, instilar.

4 Complete com CH e copie.

bell _____e _____	col _____a _____
bo _____e _____a _____	fe _____ar _____
bro _____e _____	fi _____a _____
ca _____lmo _____	fe _____a _____
_____aleira _____	in _____ado _____
_____amité _____	ma _____o _____
_____ivote _____	ma _____ucar _____
_____impanzé _____	mo _____ila _____
_____ouço _____	mo _____o _____
_____ _____	pi _____e _____
co _____i _____ar _____	sals _____a _____

Procure no dicionário as palavras que você não conhece.

Anexo 5

ATIVIDADE MÚSICAS

Com açúcar, com afeto (Chico Buarque e Caetano Veloso)

Com açúcar, com afeto
Fiz seu doce predileto
Pra você parar em casa
Qual o quê!

Vem a noite e mais um copo
Sei que alegre ma non tropo*
Você vai querer cantar

Com seu terno mais bonito
Você sai, não acredito
Quando diz que não se atrasa

Na caixinha um novo amigo
Vai bater um samba antigo
Pra você rememorar

Você diz que é um operário
Sai em busca do salário
Pra poder me sustentar
Qual o quê!

Quando a noite enfim lhe cansa
Você vem feito criança
Pra chorar o meu perdão
Qual o quê!

No caminho da oficina
Existe um bar em cada esquina
Pra você comemorar
Sei lá o quê!
Sei que alguém vai sentar junto
Você vai puxar assunto
Discutindo futebol

Diz pra eu não ficar sentida
Diz que vai mudar de vida
Pra agradar meu coração

E ao lhe ver assim cansado
Maltrapilho e maltratado
Ainda quis me aborrecer?
Qual o quê!

E ficar olhando as saias
De quem vive pelas praias
Coloridas pelo sol

Logo vou esquentar seu prato
Dou um beijo em seu retrato
E abro os meus braços pra você

* rápido, mas não muito

1. Essa música tem características de qual cantiga?
2. A cantiga faz referência a um homem ou a uma mulher?
3. Quem é o autor da cantiga?
4. Retirem todas as marcas que evidenciam que o eu-lírico é feminino.
5. Caracterizem esse eu-lírico. (Como ele é, como age...)

Amar Não É Pecado (Luan Santana)

Eu não sei
De onde vem
Essa força que me leva pra você
Eu só sei, que faz bem
Mas confesso que no fundo eu duvidei
Tive medo, e em segredo
Guardei o sentimento e me sufoquei
Mas agora é a hora
Eu vou gritar pra todo mundo de uma vez

Eu tô apaixonado
Eu tô contando tudo
E não tô nem ligando pro que vão dizer
Amar não é pecado
E se eu tiver errado
Que se dane o mundo
Eu só quero você

Eu tô apaixonado
Eu tô contando tudo
E não tô nem ligando pro que vão dizer
Amar não é pecado
E se eu tiver errado
Que se dane o mundo
Eu só quero você

Eu não sei
De onde vem
Essa força que me leva pra você
Eu só sei, que faz bem
Mas confesso que no fundo eu duvidei
Tive medo, e em segredo
Guardei o sentimento e me sufoquei
Mas agora, é a hora

Eu vou gritar pra todo mundo de uma vez

Eu tô apaixonado
Eu tô contando tudo
E não tô nem ligando pro que vão dizer.
Amar não é pecado
E se eu tiver errado
Que se dane o mundo
Eu só quero você

Eu tô apaixonado
Eu tô contando tudo
E não tô nem ligando pro que vão dizer.
Amar não é pecado
E se eu tiver errado
Que se dane o mundo
Eu só quero você

Ohh
Eu tô apaixonado
Eu tô contando tudo
E não tô nem ligando pro que vão dizer.
Amar não é pecado
E se eu tiver errado
Que se dane o mundo
Eu só quero você

Eu tô apaixonado
Eu tô contando tudo
E não tô nem ligando pro que vão dizer
Amar não é pecado
E se eu tiver errado
Que se dane o mundo
Eu só quero você

1. Essa música tem características de qual cantiga?
2. A cantiga faz referência a um homem ou a uma mulher?
3. Como a mulher é tratada na cantiga?

Sogra boa e a sogra ruim (Caju e Castanha)

Não fale da minha sogra que ela é um anjo pra mim
Posso falar mal da minha que ela é encenqueira e ruim

A minha sogra é boa, uma pessoa de brilho
Se eu preciso ela ajuda não faz um brilho pro filho
A minha sogra, de verdade, com toda sinceridade
Me trata como seu filho

Eu gosto da minha sogra quanto mais longe melhor
Tem gente que puxa o saco faz da sogra seu xodó
Se sogra for companheira eu vivo com alegria
Me deixe que vivo só

Não fale da minha sogra que ela é um anjo pra mim
Posso falar mal da minha que ela é encenqueira e ruim

A minha sogra não é santa porque não tá no altar
Nunca reclamou de mim sabe me elogiar
Não vive de porta em porta nunca gostou de fofoca
Sogra boa assim não há

Minha sogra é altimada se parece com uma vareta
Em tudo mete o nariz pense numa véia xereta
Adora smoke e terno, se ela chega no inferno
Assusta até o capeta!

Não fale da minha sogra que ela é um anjo pra mim
Posso falar mal da minha que ela é encenqueira e ruim

A minha sogra é uma jóia, é uma barra de ouro
Se a tristeza minha apegar ela vem me dar consolo
Sogra boa igual a essa, quem tem uma sogra dessa
Tem um enorme tesouro!

Minha sogra me humilha no verão e no inverno
Fala que eu sou atrasado quer ter um genro moderno
Essa peste é faladeira vou cobri-la na madeira
E mandar ela pro inferno!

Não fale da minha sogra que ela é um anjo pra mim!
Posso falar mal da minha que ela é encenqueira e ruim!

E não tenho que reclamar, minha sogra é muito bela
Uma coroa enxuta parece atriz de novela
Se a filha não se cuidar, começar a vacilar
Eu caso é com a mãe dela

Hoje tenho é uma sogra mas eu preferia não ter
Se eu pudesse ela mandava a polícia me prender
Falo e não é segredo: só vai ser um sossego
Quando essa praga morrer!

Não fale da minha sogra que ela é um anjo pra mim
Posso falar mal da minha que ela é encenqueira e ruim

1. Essa música tem características de qual cantiga?
 2. A música ridiculariza alguém? Quem?
- Leia este trecho da música "A sogra boa e a sogra ruim": "Eu gosto da minha sogra quanto mais longe melhor"
3. O autor gosta da sogra? Como você chegou a essa conclusão?
 4. Qual a intenção do autor ao se utilizar desse jogo de palavras?

Anexo 6

HUMANISMO

O Humanismo é o nome dado a uma corrente filosófica e artística que, na literatura representou um período de transição entre o Trovadorismo e o Classicismo, bem como da Idade Média para a Idade Moderna. O Humanismo Renascentista (XIV e XVI), nascido em Florença na Itália, foi um movimento intelectual de valorização do homem, donde o antropocentrismo (homem como o centro do mundo) era sua principal característica, em detrimento do teocentrismo da Idade Média.

CONTEXTO HISTÓRICO

Assim, com a invenção da imprensa, as grandes navegações, a crise do sistema feudal (início do mercantilismo) e o aparecimento de nova classe social (burguesia), surge uma nova visão do ser humano, questionando os velhos valores num impasse desenvolvido entre a fé e a razão. Os humanistas representavam os estudiosos da cultura antiga, que se dedicavam sobretudo aos estudos dos textos da antiguidade clássica greco-romana.

CARACTERÍSTICAS DO HUMANISMO

- Racionalidade
- Antropocentrismo - o homem no centro do conhecimento
- Cientificismo

- Descentralização do conhecimento – a Igreja perde o monopólio do conhecimento com o desenvolvimento da imprensa
- Valorização do corpo humano e das emoções
- Busca da beleza e perfeição

HUMANISMO PORTUGUÊS

O teatro popular, a poesia palaciana e a crônica histórica foram os gêneros mais explorados durante o período do humanismo em Portugal.

[Gil Vicente](#) (1465-1536) foi considerado o pai do teatro português, escrevendo “Autos” e “Farsas”, dos quais se destacam: Auto da Visitação (1502), O Velho da Horta (1512), [Auto da Barca do Inferno](#) (1516), Farsa de Inês Pereira (1523)

Fernão Lopes (1390-1460) foi o maior representante da [prosa historiográfica](#) humanista, além de fundador da historiografia portuguesa; de suas obras se destacam: Crônica de El-Rei D. Pedro I, Crônica de El-Rei D. Fernando e Crônica de El-Rei D. João I.

CHRONICA DO SENHOR REI D. FERNANDA NONO REI DE PORTUGAL

Do reinado d’el-rei D. Fernando e das condições que n’ele havia.

“Reinou o infante D. Fernando, primogênito filho d’el-rei D. Pedro, depois de sua morte, havendo então de sua idade vinte e dois anos e sete mezes e dezoito dias : mancebo valente, ledado e namorado, amador de mulheres e achegador a ellas. Havia bem composto corpo e de razoada altura, formoso em parecer e muito vistoso ; tal que estando cerca de muitos homens, posto conhecido não fosse, logo o julgavam por rei dos outros.”

Por fim, com destaque para a poesia palaciana, Garcia de Resende (1470-1536) foi seu maior representante com sua obra o Cancioneiro Geral (1516).

POESIA PALACIANA

A poesia palaciana foi desenvolvida a partir do século XV dentro do movimento literário denominado Humanismo. Recebeu esse nome pois ela era produzida nos palácios, destinado aos nobres. Ou seja, elas tinham o intuito de entreter os membros da Corte. A poesia palaciana foi reunida pelo poeta português Garcia Resende (1482-1536) no “Cancioneiro Geral” (1516). O cancioneiro reunia cerca de 900 produções poéticas da época. Os principais escritores reunidos no cancioneiro foram: Garcia de Resende, João Ruiz de Castelo Branco, Nuno Pereira, Fernão da Silveira, Conde Vimioso, Aires Teles, Diogo Brandão e [Gil Vicente](#). Os principais temas explorados pela poesia palaciana eram: costumes da corte, temas religiosos, satíricos, líricos e heróicos.

Principais Características

- Ausência de instrumentos musicais
- Eram para ser declamadas

- Separação entre poesia e música
- Uso de figuras de linguagem
- Presença de idealismo e sensualidade
- Métrica, ritmo e expressividade

“Meu amor tanto vos quero,
que deseja o coração
mil cousas contra a razão.

Porque, se vos não quisesse,
como poderia ter
desejo que me viesse
do que nunca pode ser?
Mas conquanto desespero,
e em mim tanta afeição,
que deseja o coração.”
(Aires Teles)

Se/nho/ra,/ par/tem/ tam /tris/tes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.

tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tam tristes, os tristes,
tam fora de esperar bem
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.
(João Roiz De Castelo-branco)

- Trova curta de forma fixa
- Sistema mote e glosa
 - Mote: de 4 a 5 versos
 - Glosa: de 8 a 10 versos
- Repetição do último verso do mote
- Redondilho: “medida velha”
- Temática amorosa: “encerra forte carga poética”

Gil vicente foi poeta e dramaturgo português, considerado o “Pai do Teatro Português”. Em Portugal, Gil Vicente foi a figura mais importante do humanismo literário.

Obras

Gil Vicente escreveu poemas e obras de dramaturgia (autos e farsas), das quais merecem destaque:

.

- Monólogo do Vaqueiro ou Auto da visitação
- Auto Pastoril Castelhana
- Auto dos Reis Magos
- O Velho da Horta
- Auto da Barca do Inferno
- Auto da Barca do Purgatório
- Auto da Barca do Paraíso
- Auto da Sibila Cassandra
- Auto da Festa
- Auto da Índia
- Farsa de Inês Pereira
- Floresta de Enganos

Auto: peça breve, de assunto religioso ou profano, escrita em versos redondilhos.

Teatro alegórico de tom didático-moralizante enraizado no teocentrismo e na ideia da salvação.

Teatro de ideias: um mestre da representação social, estrutura processional, personagens-tipo - simbolizam uma classe ou um grupo profissional: nobreza, clero, povo. Apresentam linguagem apropriada a sua origem social. Associados a objetos que simbolizam sua condição social.

COMICIDADE DE LINGUAGEM: Jogos de palavras, trocadilhos. Utilização irônica da rima, graças ao seu conteúdo ambíguo. Gírias e uso de termos grosseiros.

Anexo 7

ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião pode ser publicado em jornais, revistas ou internet; e, é assinado por um articulista que, jornalista profissional ou não, normalmente é uma autoridade no assunto ou uma “personalidade” cujas posições sobre questões debatidas publicamente interessam a muitos. E é por esse motivo que ele assina o artigo, responsabilizando-se pessoalmente pelo que diz.

O artigo de opinião gera discussões, pois há diferentes pontos de vista sobre os assuntos que os envolvem. O articulista assume posição própria nesse debate procurando justificá-las, pois argumentos bem fundamentados têm maior probabilidade de convencer os leitores. Ao escrever seu artigo, o autor apresenta seu ponto de vista inserindo-o na história e no contexto do debate, por isso tende a incorporar ao seu discurso a fala dos participantes que já se pronunciaram a respeito do assunto.

Principais Características

As principais características dos artigos de opinião são:

- Uso da argumentação e persuasão
- Textos em primeira e terceira pessoa
- Textos assinados pelo autor
- Textos veiculados nos meios de comunicação

- Linguagem simples, objetiva e subjetiva
- Temas da atualidade
- Títulos polêmicos e provocativos
- Verbos no presente e no imperativo

“A viralização do senso comum” no link:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/redes-sociais/a-viralizacao-do-senso-comum/>

Responda as questões:

1. Em que veículo o texto foi publicado? É bastante conhecido do público?
2. Quem escreveu? Há mais informações além do nome?
3. Qual é o assunto principal do texto? É atual ou ultrapassado em relação a data de publicação?
4. Para que tipo de leitor o artigo é direcionado? Qual a relevância do assunto para esse leitor?
5. Com que finalidade esse assunto é abordado?
6. Considerando que é um texto argumentativo, que ideia ou tese o autor parece defender? Com que argumentos?

Responda às seguintes questões pensando no artigo de opinião que irão escrever:

Que aspecto da notícia será discutido?

Qual a opinião será defendida a esse respeito?

Que argumentos serão utilizados para isso?

De quais fatos ou dados deve-se partir?

O que será escrito na “introdução”, de forma que possa indicar ao leitor qual será o contexto da discussão?

Como serão desenvolvidos os argumentos?

Como concluir?

Que título será mais adequado para já situar o leitor acerca da opinião defendida e despertar o interesse dele?

Anexo 8

Organização do texto:

Introdução – exposição da opinião, dados

Desenvolvimento – argumentação, defesa da opinião, justificativas

Veja alguns exemplos de argumentação, para preparar o seu texto opinativo:

Argumento de Causa: Propor uma relação com uma causa e consequência em sua argumentação. Para comprovar uma tese, você pode buscar as relações de causa (os motivos, os porquês) e de consequência (os efeitos, a decorrência). Observe:

“Ao se desesperar em um congestionamento em São Paulo, daqueles em que o automóvel não se move nem quando o sinal está verde, o indivíduo deve saber que, por trás de sua irritação crônica e cotidiana, está uma monumental ignorância histórica.

São Paulo só chegou a esse caos porque um seletivo grupo de dirigentes decidiu, no início do século, que não deveríamos ter metrô. Como cresce dia a dia o número de veículos, a tendência é piorar ainda mais o congestionamento – o que leva técnicos a preverem como inevitável a implantação de perigos”.

(Adaptado de Folha de S. Paulo.

01/10/2000)

Argumento de Autoridade: Sempre usar uma fonte, ou um estudo confiável para ter uma credibilidade ao que você defende. A ideia se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um especialista no assunto ou dados de instituição de pesquisa, uma frase dita por alguém, líder ou político, algum artista famoso ou algum pensador, enfim, uma autoridade no assunto abordado. A citação pode auxiliar e deixar consistente a tese. Não se esqueça de que a frase citada deve vir entre aspas. Veja:

“O cinema nacional conquistou nos últimos anos qualidade e faturamento nunca vistos antes. ‘Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça’ - a famosa frase-conceito do diretor Glauber Rocha – virou uma fórmula eficiente para explicar os R\$ 130 milhões que o cinema brasileiro faturou no ano passado”.

(Adaptado de Época, 14/04/2004)

Argumento de Exemplificação: O exemplo é um tipo de argumento bem convincente, pois trás situações reais aos fatos defendidos, aumentando a credibilidade de sua opinião. *A respeito do trânsito, podemos exemplificar a situação observando a Central do Brasil em horário de pico. É um horário complicado, porque todo mundo quer voltar para casa ao mesmo tempo, lotando trens sucateados e ônibus que se espremem nas estreitas ruelas laterais. Você pensa no trabalhador brasileiro que acorda às 4 da manhã e chega em casa de noite, ficando preso no engarrafamento por duas ou três horas, sendo que, muitas das vezes, ele precisa pegar mais de um ônibus para chegar ao seu destino.* Esse exemplo ajuda a ilustrar a realidade do trânsito nas grandes cidades e dá mais força aos seus argumentos. Quando você dá exemplos, você está mostrando conhecimento e dá um tom de **originalidade**

à redação. Porém, tome cuidado: use, no máximo, uns 2 exemplos. Se você encher a sua redação de exemplos (ou então escrever exemplos longos) seu texto ficará **mais narrativo** do que **discursivo**. O exemplo deve ser curto, breve e original.

Conclusão – reforço da ideia

Questões para ajudar na escrita do artigo:

- Seu artigo parte de uma questão polêmica?
- Você colocou o leitor a par da questão?
- Tomou uma posição?
- Introduziu sua opinião com expressões “penso que”, “na minha opinião”?
- Levou em consideração os pontos de vista dos opositores para construir seus argumentos?
- Utilizou expressões que introduzem os argumentos, como: “pois”, “porque”?
- Utilizou expressões para anunciar a conclusão, como: “então”, “assim”, “portanto”?
- Concluiu o texto reforçando sua posição?
- Encontrou um bom título para o artigo?

Anexo 9

NOME:

TURMA:

DATA:

NOTA:

ATIVIDADE AVALIATIVA

1.
2.
3.
4.
5.

6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.

27.
28.
29.
30.
31.

Anexo 10

Os Lusíadas (de Luís de Camões)

Canto I

1

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;

Cale-se de Alexandro e de Trajano

A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se levanta.

4

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

5

Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou flauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no universo,

Se tão sublime preço cabe em verso.

6

E, vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o
mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

7

Vós, tenro e novo ramo florescente
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
(Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);

8

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério,
E quando desce o deixa derradeiro;
Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe Ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio:

9

Inclinei por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
De amor dos pátrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos.

10

Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno;
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

11

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

12

Por estes vos darei um Nuno fero,
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero
A cítara par'eles só cobiço;
Pois polos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Enéias toma a fama.

13

Pois se a troco de (Carlos, Rei de França,
Ou de César, quereis igual memória,
Vede o primeiro Afonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha glória;
E aquele que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande e próspera vitória;
Outro Joane, invicto cavaleiro;
O quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

14

Nem deixarão meus versos esquecidos

Aqueles que nos Reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Um Pacheco fortíssimo e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terrível, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

15

E, enquanto eu estes canto — e a vós não
posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pela mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares,
De África as terras e do Oriente os mares.

16

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exício afigurado;
Só com vos ver, o bárbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tétis todo o cerúleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que, afeiçoada ao gesto belo e tento,
Deseja de comprar-vos pera genro.

17

Em vós se vêm, da Olímpica morada,
Dos dous avós as almas cá famosas;
uma, na paz angélica dourada,
Outra, pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memória e obras valorosos;
E lá vos têm lugar, no fim da idade,
No templo da suprema Eternidade.

18

Mas, enquanto este tempo passa lento

De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam,
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, por que vejam
Que são vistos de vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

19

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteu são cortadas,